



A ESTRADA PARA A VIDA

FORTALECIMENTO DA REDE
DE PROTECÇÃO SOCIAL
DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES
MAIS VULNERÁVEIS
E MARGINALIZADOS DE LUANDA
(MUNICÍPIO DE SAMBIZANGA)



Coordenação do documento

Silvia Montevecchi

Escrito por

Tomàsia Francisca Estêvão Morais (Parte 1)

Fulvia Boniardi (Parte 2)

Fotografias

Fulvia Boniardi

Silvia Montevecchi, pag. 73-74

Supervisão dos Conteúdos

Fulvia Boniardi

Coordenação do projecto

VIS – Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento

Rua Cristovão Falcão 36-38

Capa e Projecto Gráfico

Francesco Filippi

Correcção

Enrico Bueno

Domingos Salilo

Impressão

Editora Dom Bosco – Angola

Rua Cristovão Falcão 36-38

Luanda- Angola

editoradomboscoangola@gmail.com

Índice

Agradecimentos

PARTE 1. Compreender para poder intervir.

Por Tomàsia Francisca Estêvão Morais

pag. 9

1. Breve reflexão sobre o contexto de protecção da criança
 - 1.1 Uma visão global
 - 1.2 Uma visão nacional
2. Criança de rua: uma tentativa de definição
 - 2.1 Características do fenómeno de criança de/na rua em Luanda
3. A metodologia educativa salesiana: O Sistema preventivo
 - 3.1 Amor exigente vs. castigo

PARTE 2. O projecto “Fortalecimento da rede de protecção social das crianças e dos adolescentes mais vulneráveis e marginalizados de Luanda (Município de Sambizanga).

Por Fulvia Boniardi.

pag. 29

1. As premissas necessarias
2. O projecto
 - 2.1 O processo de reintegração social de crianças de rua
 - 2.1.2 Centros de primeiro acolhimento – Casa Magone e o antigo CIC
 - 2.1.3 Centros de acolhimento residenciais – Casa Margarida e Casa S. Kizito
 - 2.1.4 Case-família – Casa S. Zeferino Namucurà. Casa S. Domingos Savio e Casa da Tia Berta
 - 2.1.5 Centro de formação integral de Kala Kala
 - 2.1.6 Localização e reintegração familiar
 - 2.1.7 Casas em semi-sutonomia
 - 2.2 A formação dos educadores
 - 2.3 A reestruturação dos centros de acolhimento
 - 2.4 A rede em nome da crianças em risco
3. Um encontro importante
4. As conclusões
 - 4.1. Um olhar para o futuro
5. Anexos

pag. 102

AGRADECIMENTOS

Este trabalho è o produto final de um percurso intenso e extensivo recorrido em grupo. Os resultados alcançados são o fruto de um trabalho de equipe de pessoas que acreditam num sonho, ademais de amar o trabalho que fazem; o sonho de construir uma Angola mais digna, mais justa, onde cada criança e jovem tenha certeza do valor que ele próprio incarna e possa sonhar e lutar para que suas ambições e desejos se tornem realidade.

Agradeço então primeiramente e de todo coração aos companheiros desta viagem: os colegas voluntarios do VIS Angola que nestes anos lutaram para alcançar grandes objectivos; o pessoal do VIS em Roma, que nos acompanhou a distancia partilhando êxitos e dificuldades; os Salesianos de Dom Bosco de Angola, mestres e companheiros de trabalho e de vida, em particular os padres Filiberto, Stefano, Roberto, Vicente; a Delegação da União Europeia em Angola, em particular na pessoa da dr.a Áurea Ernestina Dias da Graça Machado Pereir; os meninos acolhidos nos centros de Lixeira, Mota e KalaKala e aqueles que se encontram nas ruas de Luanda; Adjame de Freitas Cadete, Damião de Sousa e todos os educadores, formadores, sensibilizadores e promotores salesianos da rede de protecção social das crianças e dos adolescentes mais vulneráveis.

Um agradecimento também a todas as pessoas e as instituições que colaboraram com o VIS na implementação deste projecto: a UNICEF, o INAC; o ICRA; a SamuSocial International; o CIES; o Departamento de Prevenção à Delinquência Juvenil da DNIC, a 4ª Conservatória, a Delegação Provincial da Justiça, a Pastoral da Criança, o MAPESS, o MINEDU e o MINARS.

Pela parte técnica de redacção deste documento, agradeço ainda ao Enrico Bueno, ao Domingos Salilo, ao Francesco Filippi pela grafica e à Editora Dom Bosco.

Fulvia Boniardi
Voluntaria VIS em Angola
anos 2006-2008 e 2010-2012



PARTE 1

Compreender para poder intervir

Tomàsia Francisca Estêvão Morais

1 Breve reflexão sobre o contexto de protecção da criança

As crianças de Angola enfrentam desafios inimagináveis. Centenas de crianças, adolescentes e jovens vagueiam pelas ruas de Luanda privados de tudo: de família, de casa, de trabalho, de remuneração, de um centro de saúde, de um centro educacional, e não só.

Dado o elevado número de famílias que vivem abaixo do nível de pobreza, existem muitas crianças que trabalham para o sustentamento da família, e muitas vezes, chegam a fazer trabalhos de alto risco sem nenhum tipo de protecção legal ou social, e sem remuneração. Por isso podemos dizer que muitas crianças em Angola estão expostas a situações que ameaçam o seu desenvolvimento harmonioso e integral.

A pobreza e a exclusão social em Angola, não são apenas resultados de 30 anos de guerra que o país sofreu. Até mesmo as políticas sociais que foram implementadas durante a colonização e imediatamente após a independência, de fato, demonstram que a pobreza e a exclusão social já estavam presentes.

Ainda hoje no país existem muitas dificuldades: inadaptação do sistema escolar, desenraizamento causado pela mobilidade profissional, desigualdades de renda e acesso aos serviços públicos, que fizeram com que aumentassem a pobreza e as desigualdades sociais entre a população, afectando sobre tudo crianças, adolescentes e mulheres. São estes os fenómenos que alimentam o processo de exclusão social, que implica também a marginalização e a segregação dos grupos vulneráveis da sociedade que, não podendo gozar dos seus direitos fundamentais, ficam excluídos da possibilidade de participar plenamente da vida económica, social e civil do País.

Angola, é um país que viveu 30 anos de guerra, facto que abalou profundamente o seu tecido sócio cultural e económico. Os anos de guerra que o país viveu, comprometeram de maneira latente o seu tecido cultural, educacional, sócio-económico, político e infra-estrutural. Em 2001, Angola estava no 164º lugar no índice de desenvolvimento humano e a esperança de vida à nascença era de 40,2 anos. Já em 2011, a esperança de vida para os angolanos aumentou para 48 anos. Embora a evidente melhoria, pode-se notar ainda hoje que boa parte das crianças angolanas vivem em estado de subnutrição, não tem acesso aos serviços básicos de educação, saúde, registo de nascimento, e as estruturas sócio-educacionais presentes no país não são suficientemente capacitadas para albergar a todas as crianças. Além disso, a igualdade de género continua a ser um grande desafio a nível nacional, sobretudo em termos de acesso à escola secundária (com um ratio de cinco meninos para cada menina) e às oportunidades de trabalho.

Naturalmente, o Governo tem levado a cabo acções que visam o melhoramento das condições e da qualidade de vida das crianças. Prova disso é que em 2011, as crianças de Angola conseguiram:

- A nova Constituição, em consonância com a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança,
- Quase seis milhões de menores de cinco anos tiveram acesso a um pacote essencial de intervenções de alto impacto na saúde e nutrição,

- O lançamento da Política do Sistema Municipal de Saúde para revitalizar os serviços de saúde,
- A integração do conceito das escolas amigas da criança (CFS) para melhorar o acesso e a qualidade do ensino primário,
- O lançamento de uma parceria entre o Governo e as igrejas para promover práticas domésticas fundamentais,

1.1. Uma visão global

A aprovação, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1948, da Declaração Universal dos Direitos do Homem foi a marca principal da evolução da concepção contemporânea de direitos humanos.

A declaração supracitada, foi elaborada por causa do impacto das atrocidades cometidas durante a 2ª Guerra Mundial, reconhecendo como valores fundamentais a liberdade, e a igualdade em dignidade e direitos como diz no artigo 1:

"Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade".

A Declaração Universal dos Direitos do Homem se edificou, sobre a compreensão de que a liberdade, a justiça e a paz do mundo, metas de todos os povos, só se farão possíveis com o reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos pelos seres humanos.

É necessário que o ser humano viva com dignidade, longe de toda forma de opressão, que tenha acesso à saúde, bem estar, pleno desenvolvimento de suas potencialidades e à educação, como diz no seu artigo 26:

1. *"Toda a pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.*
2. *A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as actividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz".*

Esse conjunto de princípios e valores deu um impulso à elaboração de tratados internacionais e normativas constitucionais e infraconstitucionais pelos Estados membros da ONU.

Os mesmos princípios se tornaram a base para a formulação da denominada Doutrina da Protecção Integral das Nações Unidas para a Infância, que se encontra substanciada na Declaração Universal dos Direitos da Criança, de 1959, onde foi erigido a princípio norteador de todas as acções voltadas para a infância, o "interesse superior da criança", ou "o melhor interesse da criança", traduções da expressão original "the best interest of the child".

A Declaração Universal dos Direitos da Criança, de 1959, e a Convenção Internacional dos Direitos da Criança promulgada pela Organização das Nações Unidas em 1989, são, sem dúvida o reconhecimento à criança de todos os direitos capazes de lhe assegurar uma vida digna e o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Por exemplo, o artigo 2 da declaração diz que:

“2. Os Estados Partes comprometem-se a garantir à criança a protecção e os cuidados necessários ao seu bem-estar, tendo em conta os direitos e deveres dos pais, representantes legais ou outras pessoas que a tenham legalmente a seu cargo e, para este efeito, tomam todas as medidas legislativas e administrativas adequadas.

3. Os Estados Partes garantem que o funcionamento de instituições, serviços e estabelecimentos que têm crianças a seu cargo e asseguram que a sua protecção seja conforme às normas fixadas pelas autoridades competentes, nomeadamente nos domínios da segurança e saúde, relativamente ao número e qualificação do seu pessoal, bem como quanto à existência de uma adequada fiscalização”.

O artigo 20 da mesma declaração, enfatiza a obrigação dos estados membros a fornecerem alternativas de protecção à crianças que estejam afastadas do seu ambiente familiar:

“1. A criança temporária ou definitivamente privada do seu ambiente familiar ou que, no seu interesse superior, não possa ser deixada em tal ambiente tem direito à protecção e assistência especiais do Estado.

2. Os Estados Partes asseguram a tais crianças uma protecção alternativa, nos termos da sua legislação nacional.

3. A protecção alternativa pode incluir, entre outras, a forma de colocação familiar, a kafala do direito islâmico, a adopção ou, no caso de tal se mostrar necessário, a colocação em estabelecimentos adequados de assistência às crianças. Ao considerar tais soluções, importa atender devidamente à necessidade de assegurar continuidade à educação da criança, bem como à sua origem étnica, religiosa, cultural e linguística”.

A nível regional a Declaração sobre os Direitos e Bem-Estar da Criança Africana (adoptada pela Assembleia dos Chefes de Estado e Governo da Organização da Unidade Africana, reunida na sua décima sexta Sessão Ordinária em Monróvia, Libéria, de 17 a 20 de Julho de 1979) reconhece a importância de se tomar todas as medidas necessárias de forma a promover e proteger os direitos e o bem-estar da criança Africana. Sendo ela submetida a inúmeras dificuldades devido a questões económicas, sociais, culturais, políticas, tendo em conta a imaturidade físico e mental da criança, ela precisa de segurança e cuidados especiais. Portanto, no art. 4, a declaração supracitada diz que:

“1. Em todas as acções que se relacionem com a criança levadas a cabo por qualquer pessoa ou autoridade em benefício da criança deverá merecer uma consideração prioritária”.

Em base a isto, todos os estados membros da União Africana, devem desenvolver acções concretas de forma a assegurar à criança um sistema de protecção que permita que esta tenha um desenvolvimento físico e mental harmonioso, saudável e feliz.

Pelo que concerne mais em específico o âmbito de intervenção do projecto que vamos analisar, ou seja a reinserção social das crianças de rua, é importante sublinhar como em 22 de Março de 2011 a Assembleia Geral da ONU se fez questão de frisar a necessidade de proteger os direitos das crianças que trabalham e vivem na rua através duma Resolução “Direitos da Criança: uma abordagem holística na protecção e promoção dos direitos das crianças que trabalham ou vivem na rua” (A/HRC/16/L.13/Rev.1).

Na mesma, apela-se aos Estados para a necessidade de tomar medidas apropriadas para garantir a participação significativa de crianças, incluindo crianças que trabalham e/ou vivem na rua, em todos os assuntos e decisões que afectam as suas vidas através da expressão de suas opiniões, de acordo com sua idade e maturidade.

Também sublinha-se que para o desenvolvimento completo e harmonioso da personalidade da criança esta deve crescer num ambiente familiar, e os seus melhores interesses devem ser protegidos pelos responsáveis pela sua criação e protecção.

Condena-se veementemente as violações e abusos dos direitos das crianças que vivem e/ou trabalham na rua, incluindo a discriminação, estigmatização e a falta de acesso aos serviços como a educação e cuidados básicos de saúde, e todas as formas de violência, abuso, maus-tratos. Insta-se os Estados a garantir um dos direitos holísticos da criança baseados no género de resposta ao fenómeno de crianças que trabalham e/ou que vivem na rua, dentro do contexto de estratégias globais de protecção doméstica infantil, com metas realistas e limitadas no tempo, com suficientes recursos financeiros e humanos para sua implementação, incluindo dispositivos de monitorização e revisão periódica das medidas tomadas.

Incentiva ainda os Estados para dar atenção prioritária à prevenção do fenómeno de crianças trabalhando e/ou que vivem na rua, abordando as suas diferentes causas, através de estratégias económicas, sociais, educacionais e capacitação nas diversas áreas.

1.2. Uma visão nacional

Angola aderiu à Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos em 1990 e apresentou o seu primeiro relatório periódico à Comissão Africana em Outubro de 1998. Desde então, o país emergiu de uma guerra civil de 27 anos e estabeleceu diversas instituições a fim de alcançar a promoção e protecção de todos os direitos humanos consagrados na constituição e nos tratados de direitos humanos ratificados pelo governo. A República de Angola assinou a Convenção sobre os Direitos da Criança a 26 de Novembro de 1989, tendo-a ratificado aos 10 de Novembro do mesmo ano e subsequentemente ratificando, em 2005, também os dois protocolos adicionais à Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, o Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança relativo à venda de crianças, prostituição e pornografia infantis, e o Protocolo Facultativo relativo ao envolvimento de crianças em conflitos armados.

O país procedeu recentemente à revisão da sua Constituição. A Constituição da República de Angola de 2010 – a terceira desde a independência do país – tentou alinhar-se aos princípios fundamentais mencionados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança; de facto no artigo 80 diz:

1 – A criança tem direito à atenção especial da família, da sociedade e do Estado, os quais, em estreita colaboração, devem assegurar a sua ampla protecção contra todas as formas de abandono, discriminação, opressão, exploração e exercício abusivo de autoridade, na família e nas demais instituições;

2 – As políticas públicas no domínio da família, da educação e da saúde devem salvaguardar o princípio do superior interesse da criança, como forma de garantir o seu pleno desenvolvimento físico, psíquico e cultural;

3 – O Estado assegura especial protecção à criança órfã, com deficiência, abandonada ou, qualquer forma, privada de um ambiente familiar normal;

Em 2010 Angola participou da 55ª sessão do Comité de Revisão dos Direitos das Crianças, onde apresentou os relatórios periódicos relativos aos direitos da criança. Nesta sessão o comité apreciou algumas melhorias que Angola apresentou nos 4 relatórios, a saber:

- A criação do Conselho Nacional da Criança (CNAC) (2007);
- A aprovação do Decreto n.º 31/07, que estabelece o registo de nascimento gratuito para crianças até aos cinco anos de idade e cartões de identificação grátis para crianças até 11 anos de idade (2007).
- A entrada em vigor da nova Constituição (2010), que cria um quadro jurídico para os direitos da criança;

Ao mesmo tempo, a comissão apresentou as suas preocupações no que concerne algumas questões importantes do direito da criança. Podemos citar por exemplo:

“O Comité constata com pesar, que várias peças de legislação relativa às crianças não foram harmonizadas (na Constituição). O Comité também observa com pesar que a aplicação da legislação continua a ser prejudicada pela falta de recursos adequados e capacitação e que há um grande atraso da legislação que aguarda pela aprovação do Parlamento.

O Comité lamenta, que não haja conselhos municipais para crianças em todas as províncias e está preocupado pela falta de recursos humanos e financeiros para as operações dos Conselhos em diferentes níveis”.

O Comité também observa:

- A aprovação pelo CNAC das "Directrizes para a implementação dos 11 compromissos para com a criança a nível Provincial e Municipal"
- A Estratégia Nacional de Prevenção e Combate à Violência contra Crianças 2009 e o Plano de Desenvolvimento Médio Prazo 2009, com base na Estratégia de Combate à Pobreza;
- A criação e expansão de Promoção e Protecção dos Direitos da Criança das redes a nível provincial e local, que também trabalha para a implementação dos direitos da criança.

Todos estes planos e as actividades visam objectivos globais relevantes para a criança e os seus direitos. No entanto, o Comité está preocupado que a operacionalização e o acompanhamento destas actividades múltiplas dificilmente podem ser geridos tendo em vista a limitada capacidade profissional disponível para tais actividades.

Em Abril do 2007 o Governo de Angola criou o Conselho Nacional da Criança como órgão de concertação social, acompanhamento e controlo das políticas públicas de promoção e defesa dos direitos da criança. Angola, por Resolução nº 5/08, de Janeiro, assumiu os 11 compromissos de Protecção da Criança, a saber:

1. Esperança de vida ao nascer;
2. Segurança alimentar nutricional;
3. Registo de nascimento;
4. Educação da primeira infância;
5. Educação primária e educação profissional;
6. Justiça juvenil;
7. Prevenção e redução do impacto do VIH/SIDA nas famílias e nas crianças;
8. Prevenção e combate à violência contra a criança;
9. Protecção social e competências familiares;
10. A criança e Comunicação Social, a cultura e o desporto;
11. A criança no Plano Nacional e no Orçamento Geral do Estado.

A premissa e o objectivo deste plano de acção é que Angola: *“deverá registar uma profunda alteração para melhorar os indicadores de sobrevivência, protecção, desenvolvimento e participação de todas as crianças de zero aos 18 anos, atingindo os Objectivos de Milénio e cumprindo a Convenção Mundial sobre os Direitos da Criança”*¹.

Segundo os responsáveis das instituições de protecção da criança, a Constituição angolana apresenta um quadro que garante a observância dos compromissos supramencionados.

Para facilitar a implementação dos compromissos, foram incluídas as seguintes fases:

- Adequação dos Programas Executivos do Governo a todos os níveis aos compromissos, incluindo o plano orçamental
- Promoção da descentralização administrativa para facilitar e reforçar a liderança e autonomia dos Administradores Municipais na implementação dos compromissos.

É possível hoje afirmar que ao longo dos anos, desde que Angola assumiu os 11 compromissos, o Governo tem feito esforços a todos os níveis no sentido de melhorar as condições de vida da população, principalmente o bem-estar da criança, que permitem assinalar melhorias na qualidade de vida da população tais como:

¹ Ministério da Assistência e Reinserção Social - Conselho Nacional Da Criança – CNAC, *Estratégia de divulgação dos 11 compromissos 2008 – 2009*.

- Aumento da taxa líquida de escolarização na ordem de 77.2%,
- Acesso da água potável 53% e ao saneamento do meio 60%,
- Melhoria dos índices de mortalidade materna infantil.

Contudo, apesar das Nações Unidas reconhecerem os esforços do Governo no sentido de atingir as metas traçadas nos 11 compromissos, o coordenador residente das Nações Unidas, o Sr. Koen Vanormelinger, em ocasião do Fórum Nacional para avaliar o grau de implementação dos 11 compromissos (2012), afirmou que “há ainda muito trabalho e muitos esforços a serem feitos para os 11 Compromissos para com as crianças [...]. Este Fórum é uma oportunidade para acelerar os progressos para as crianças e reduzir as disparidades. Primeiramente, é necessário nos concentrarmos nas áreas onde se regista um certo atraso. Por exemplo, apenas 30% das crianças angolanas, menores de 5, têm a Cédula de nascimento. A Cédula de nascimento não é um luxo. Mas um direito humano fundamental que dá a cada criança um nome numa Nação que lhe confere o acesso aos direitos por toda a sua vida. Começando pelo Registo de Nascimento, destaco o Compromisso nº 3. É um compromisso sobre o qual peço e espero que se faça grandes progressos aqui, durante e depois do Fórum. O desenvolvimento da primeira Infância - Compromisso nº 4 - é outro importante ponto de que nos devemos focar nos próximos dois dias. Duas de cada três crianças angolanas morrem antes do seu 5º aniversário, mas com os investimentos por dentro a tendência pode ser invertida”.

Contudo, o INAC, Instituto Nacional da Criança, tem tomado prontamente medidas de protecção e combate à violência contra a criança, estando a trabalhar com outras instituições, nomeadamente, os ministérios da Família e Promoção da Mulher, da Justiça, do Interior, da Defesa Nacional, da Assistência e Reinserção Social, da Educação e Saúde e da Juventude e Desportos. O envolvimento de todas estas instituições é necessário porque a protecção da criança implica uma actuação multidisciplinar, que tem de atacar aspectos diversos.

Apesar do conceito de rede ser quase uma “novidade” para Angola, nos últimos anos tentou-se cada vez mais trabalhar pondo os conhecimento e as capacidades dos diferentes actores ao serviço duma causa comum, procurando avaliar a eficácia dum trabalho partilhado, por isto o número das redes tem vindo a aumentar gradualmente.

Em 2007, o Instituto Nacional da Criança (INAC) promoveu um Seminário Nacional Sobre Redes de Protecção dos Direitos da Criança, que visou entre outros, enquadrar os 11 Compromissos do III Fórum Nacional da Criança para uma efectiva implementação das políticas relativas à criança, isto no domínio da prevenção e monitorização da violência, bem como a protecção das crianças órfãs e vulneráveis. Neste seminário, os participantes puderam trocar experiências que permitiam expandir as redes em todo território nacional e torná-las mais harmoniosas, fortes e eficientes na execução das suas actividades. A nível institucional, existe em quase todo o território nacional a “Rede Criança” que, segundo uma nota da direcção do INAC, “constitui um fórum de concertação de ideias e de busca de

soluções sobre os problemas que afectam as crianças, promoção, divulgação e defesa dos direitos das mesmas, no âmbito da legislação nacional e da carta africana sobre os direitos e bem-estar da criança". Disse ainda a directora do serviço provincial do Instituto Nacional da Criança (INAC), Ana Silva, que no "processo de velar pelo bem-estar da criança, todos juntos são poucos para o trabalho que se espera. Nesta ordem, a província de Luanda tem actuado através de uma forma metodológica, onde as organizações partilham informações com vista à implementação da Rede de Promoção e Protecção dos Direitos da Criança"².

Em relação a outras províncias, Luanda tem um número de redes muito mais elevado, com dinâmicas que variam consoante o município e, em geral, um nível de protagonismo diferenciado. Com excepção dos municípios da Kissama e do Icolo e Bengo, que são os mais recentes, em base a reorganização dos municípios de Luanda, a rede de protecção à criança está representada em todos os municípios de Luanda, onde a sua acção é de velar pelo bem da criança, tendo como base a partilha de dados e de acções com o governo.

Geralmente no país existe uma dificuldade das redes funcionarem fora de uma lógica formalizada, hierarquizada e de implementação de projectos, devido a cultura organizacional local, ainda muito fraca. Contudo, existem também redes que funcionam de maneira informal e flexível, com liderança partilhada, especialmente importantes no contexto comunitário.

² *Sociedade civil trabalha como parceiros do Governo para protecção da criança*
http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/sociedade/2012/6/29/Sociedade-civil-trabalha-como-parceiros-Governo-para-proteccao-crianca,35519b20-a480-449a-be88-71a1be0d3f5b.html, 17-07-2012 12:48.

2 Criança de rua: uma tentativa de definição

Existe uma dificuldade de terminologia para a definição de crianças de rua, porque existem diferentes propostas que vamos em seguida citar:

As crianças tornam-se “crianças de Rua” por causa da pobreza, guerra, desastres naturais, doenças, fome, injustiça, negligência e abuso de adultos. A magnitude do problema exige uma análise em diferentes níveis.

Por situação de rua entende-se *“como uso do espaço da rua ocupado por crianças e adolescentes como local privilegiado de vivência, seja através de actividades de subsistência, lazer e moradia, independente da existência de outros vínculos, sejam eles familiares ou escolares”*³.

Lusk, no seu estudo sobre meninos e meninas de rua no Rio de Janeiro faz uso da definição adoptada pelas Nações Unidas para “criança de rua” *“(…) qualquer menina ou menino... para quem a rua (no sentido mais amplo da palavra, incluindo casas desabitadas, terrenos baldios, etc.) tornou-se sua moradia habitual e/ou fonte de sobrevivência; e que não tem a protecção, supervisão ou orientação adequada de um adulto responsável”*. Segundo o autor, *“o mérito desta definição é que ela é suficientemente ampla para incluir todas aquelas crianças que vivem com as suas famílias e todas aquelas que ganham a vida trabalhando nas ruas, em tempo integral ou em regime de “meio expediente”*⁴ Portanto, aqui estão incluídas também as crianças que se encontram nas ruas com suas famílias.

No encontro realizado em Bogotá, organizado pela Unicef em 1989, o termo criança de rua foi definido nos seguintes termos: *“menores de rua são crianças e adolescentes de até dezoito anos que habitam zonas urbanas; cujos vínculos familiares são debilitados; que desenvolvem habilidades e destrezas de sobrevivência; que tem na rua seu habitat principal, substituindo a família como factor essencial de crescimento e socialização; que estão expostos a riscos consideráveis e específicos. Menores na rua são crianças e adolescentes de até dezoito anos que mantêm vínculos familiares; que realizam actividades destinadas a garantir seu sustento; cujas actividades podem estar ou não incluídas na economia informal ou mesmo marginal; que se desenvolvem fora do núcleo familiar, na rua ou fora dela, onde passam parte ou todo seu tempo; que recebem ou não remuneração, em dinheiro, espécie ou serviço, e o que recebem pode ser para si, para seu grupo de referência ou para terceiros”*.

Por exemplo Salomon Martchat, torna claras as causas que levam as crianças a viver na rua, fazendo referência a Marguerat (1994), que falou sobre as duas principais causas do fenómeno em África: o grau de urbanização e a desintegração da família, e divide as crianças de rua em cinco categorias ⁵:

³ Instituto Cabo-verdiano de Menores (ICM), *A situação de vulnerabilidade das crianças em situação de rua em Cabo Verde face ao vírus da SIDA*, 2005, p. 11.

⁴ LUSK, M. W.; MASON, D. T. *Meninos e meninas 'De Rua' no Rio de Janeiro: um estudo sobre sua tipologia*. In: RIZZINI, I. (Org.). *A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milénio*. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1993, p. 157.

⁵ Cfr. BRITISH COLUMBIA, *Definição Crianças de Rua*, in “Global Child Health News and Review”, vol.3, no.1 (1995) p.30

- 1 **A criança negligenciada:** uma criança de origem rural, que não tem um problema particular, que foi enviado pela família para estudar na cidade, com um tutor que é, talvez, um parente próximo ou menos, criança a quem não pedem opinião porque, tradicionalmente, não pode dizer não a um adulto. Mas este tutor, muitas vezes é incapaz de atender às necessidades da criança, torna-lhe a vida difícil, até que o menino vá à rua.
- 2 **O migrante inadequado:** A família vive em áreas rurais ou pequenas cidades, mas as dificuldades económicas (permanente ou incidental) obrigam o jovem a ir procurar a fortuna ou as melhores condições de vida na cidade, de maneira temporária ou permanente. A fraca capacidade de integração de jovens rurais, faz com que acabe por trabalhar em mercados informais, onde podem ser facilmente manipulados.
- 3 **O Fugitivo rural:** a situação é semelhante à anterior, mas agravada por conflitos entre os jovens e os seus familiares, fazendo - os fugir para ir à cidade, desta vez de maneira permanentemente os riscos de a criança ficar desprotegida ou à deriva são muito maiores.
- 4 **O jovem cidadão ocioso:** Este é o caso de uma família urbana, onde, por várias razões, a autoridade dos adultos sobre as crianças enfraqueceu consideravelmente. O jovem deixou a escola ou não consegue acesso a ela. Ele não pode ser integrado às actividades profissionais dos adultos pela sua tenra idade, pela causa de sua falta de recursos, etc. Portanto, agrupa-se a bandas de jovens de sua idade em busca de distração, de dinheiro fácil, de maneira legítima ou não.
- 5 **A criança abandonada:** corresponde a um fenómeno de exclusão de uma sociedade urbanizada por um longo período de tempo, em que o crescimento do individualismo é combinado a um desenvolvimento da instabilidade conjugal. As crianças podem ser sujeitas à uma série de condições difíceis. Portanto, refugiam-se na rua (ou nas drogas), por causa da indiferença da família e a falta de afecto.

Em 1985, no Fórum Grand Bassam⁵, foi proposta uma distinção entre "criança de rua" e "criança na rua ". a referida distinção é usada e aceite até nos dias hoje e que Bernard Pirot resume da seguinte maneira: *"as crianças de rua são crianças que estão em ruptura total com a sua família, para onde ele não pode ou não quer voltar, assim permanentemente vive e dorme na rua [...] Ao contrário das crianças de rua, crianças na rua não romperam completamente com sua relação familiar e na maioria das vezes eles mantêm contacto regular com os pais. Eles no entanto, passam a maior parte de seu tempo na rua a trabalhar dia e noite, se necessário»*⁶.

Com base às diferentes definições acima expostas, podemos afirmar que é difícil encontrar uma definição homogénea e geralmente aceite por todos para o termo "criança de rua", tendo em conta as diferentes realidades vividas pelas crianças desamparadas em diversas partes do mundo.

⁶ PIROT B., *Enfants des rues d'Afrique centrale*, L'Harmattan, 2004, p. 17.

2.1. Características do fenómeno de criança de/na rua em Luanda

A guerra que assolou o País, provocou a mobilização das famílias do campo para as grandes cidades, neste caso Luanda, e conseqüentemente, aumentou o número de crianças e jovens que procuram meios de subsistência na rua. Em geral, se atribui à guerra a culpa por este problema, e a ideia geral era que com o fim desta, a situação teria melhorado. Mas a realidade revelou ser bem diferente.

Segundo os documentos oficiais as crianças de rua são, de modo geral, um fenómeno dos anos 90, em particular do período que começa com o reacender da guerra, em finais de 1992. Antes do início dos anos 90 não existiam crianças a mendigar nas ruas e nunca se tinha ouvido falar de crianças a dormir nas ruas. A realidade da família angolana era assim ampla e estruturada que o acolhimento da criança sem pais era facilitado pela presença da família alargada. O fenómeno dos meninos de rua na vida urbana tornou-se evidente em meados e finais dos anos 90, à medida que as condições sociais se deterioraram em consequência da guerra.

Às instituições públicas que velam pela protecção dos directos da criança faltam os recursos humanos, organizativos e logísticos necessários para implementar programas adequados à protecção e reabilitação desta faixa de população.

A educação é obrigatória e gratuita até sexta classe, para os meninos que têm documentação de identidade, mas os estudantes muitas vezes têm que cobrir outros custos significativos para completar os estudos.

O Ministério da Educação não dispõe de recursos suficientes para responder às exigências educativas da população e os serviços oferecidos têm uma qualidade baixa.

Ao mesmo tempo o governo tem consciência da importância da tutela dos direitos da criança e da condição de vulnerabilidade na qual vivem muitos jovens (que constituem a maioria da população). Em 2002, ano em que foi assinado o acordo de paz, a nível internacional, Angola era considerada "o pior país onde uma criança pode nascer." Na capital, Luanda, "a cada cem metros há uma criança de rua, órfão ou mutilada de guerra"⁷.

Apesar da paz declarada, o número de crianças que vivem e trabalham nas ruas de Luanda até hoje, continua a aumentar. Boa parte dessas crianças tem famílias em outras províncias do país e têm o desejo de voltar; tantas outras fogem das famílias por maus tratos ou são expulsos de casa pelos próprios parentes, acusados de roubo ou feitiçaria.

Com certeza a sociedade acusou um desequilíbrio com o aumento do número de crianças e jovens que procuram meios de subsistência nos centros das grandes cidades, o estado de maneira geral, responde com meios mais ou menos repressivos e pede ajuda às igrejas e às ONGs locais.

⁷ UNICEF, *Relatório sobre a condição da infância 2002*, UNICEF, Luanda 2002.

De modo geral, a resposta a este problema, foi a criação de centros residenciais que, por um lado oferecem às crianças a oportunidade de satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência e educação e, por outro lado, é também uma forma de prevenir a delinquência juvenil.

Essa estratégia foi usada em muitas cidades do mundo onde existe este fenómeno, embora as particularidades relativas a cada contexto: Rio de Janeiro, Nova Iorque, Nairobi. etc... mas em muitos casos com escassos resultados já que o número de crianças de rua não diminuiu.

Muitas ONGs optaram, portanto, por trabalhar com crianças no lugar onde vivem e trabalham, isto é, na rua, com actividades de animação, alfabetização, formação, organização para a defesa e controle da violência. Embora estes métodos tenham produzido bons resultados, o número de crianças de rua continua a aumentar. Pode-se dizer que o número aumenta na mesma medida em que aumentam as instituições que cuidam delas. Além das crianças que dormem na rua, definidas crianças de rua, há um grande e crescente número de crianças e jovens que pela extrema pobreza, vão a procura de meios de subsistência na rua para ajudar a sustentar a família.

De acordo com as definições mencionadas anteriormente, Zoran Roca, no seu livro sobre crianças de rua em Angola, identificou duas categorias de crianças que estão na periferia de Luanda⁸:

1 "Crianças de rua" são aqueles que gastam 24/24 horas na rua porque não têm família nem um lar para voltar:

- Existem cerca de 300 a 400, sendo a maioria crianças com idade entre 9 e 14 anos;
- Eles vivem em grupos organizados e abrigos instáveis;
- Eles deixaram a casa por conflitos familiares;
- Eles ganham dinheiro lavando carros, vendendo jornais, ou como mendigos;
- Eles sofrem com a falta de protecção física e assistência jurídica;
- Eles comem à sombra de restaurantes, outros buscam alimentos no lixo;
- As meninas geralmente na prostituição e outros trabalhos como "criadas".

2 "Crianças na Rua" também conhecido como "crianças trabalhadoras" que retornam para casa no final do dia. Essas crianças passam a maior parte do seu tempo praticando marginais actividades económicas:

- Eles ganham dinheiro para suas famílias e para si através da venda de bens de consumo, limpeza de sapatos, carregando água, etc.;
- Eles não têm educação, a maioria deles são praticamente analfabetos;
- Eles sofrem de diferentes graus de negligência e violência infligida pela família.

Na cidade de Luanda existem diversos focos onde os meninos se reúnem e vivem. Estes lugares tornam-se ponto de referência para a vida comunitária do grupo de crianças; locais que normalmente facilitam os pequenos biscates necessários para ganhar o dinheiro para sobreviver, assim como

⁸ Cfr. ZORAN ROCA, *Meninos de rua em Angola. Um estudo das necessidades e dos potenciais para a introdução do ensino básico formal*, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2000.

adquirir as drogas. Chegando na estrada o menino logo se torna um membro de uma nova família, que protege, ajuda, e faz sentir-se útil e importante.

Os meninos, de todas as formas, nem sempre se identificam com um determinado foco e com frequência mudam de lugar de permanência, tentando encontrar uma dimensão de maior facilidade para seus “negócios”, visto que estes são a base de sua sobrevivência diária.

Na cidade de Luanda, o Km-30, o Largo Primeiro de Maio, o Mercado de São Paulo, o antigo mercado Roque Santeiro, assim como a rua dos Combatentes; o Parque dos Coqueiros, a Iha e o Mercado dos Congolezes são os locais onde normalmente encontram-se grupos de meninos.

A idade dos meninos varia entre os 12 e os 20 anos, com uma presença maior de pessoas com idade compreendida entre os 14 e os 17. A maioria dos meninos são naturais de Luanda, em particular dos bairros mais pobres e desestruturados da capital, mas uma boa percentagem vem das províncias, entre outras, Malanje, Huambo e Bié. As causas que fazem com que os meninos saiam de suas casas para ir viver na rua são várias: primeiramente a desestruturação da família angolana, que faz com que, em varias ocasiões, o padrasto ou madrasta rejeite o filho do parceiro não o reconhecendo como filho natural e adquirindo comportamentos discriminatórios. Muitas vezes estes factores vêm acompanhados por violências psicológicas e físicas contra a criança que decide autonomamente, por medo, afastar-se do seio familiar. Outra das motivações mais comuns tem a ver com o fenómeno sociocultural da feitiçaria. Muitos dos rapazes que vivem na rua foram “enxotados” de casa depois de terem sido acusados de feitiçaria e terem sofrido agressões e maus tratos. Um número limitado de crianças encontra-se na rua por ter cometido alguma pequena malandrice no lar e por estar com medo de retorções por parte dos familiares.

Em geral, o nível escolar destes meninos é muito baixo, tendo saído de casa antes de poder terminar os estudos ou até, logo depois de ter começado. Em média, os meninos têm uma escolaridade entre 1ª e 5ª classe; poucos são os casos de rapazes com escolaridade maior. Não tendo acesso ao ensino escolar, sobrevivem nas ruas de Luanda, através de pequenos biscates, que lhes garantem a possibilidade de comer, de comprar alguma roupa, de vez em quando, lavar-se e alimentar seus vícios. Os negócios aos quais eles se dedicam estão, muitas vezes, em conexão estrita com o local onde eles se encontram. Os mercados são áreas que garantem todo tipo de pequenos trabalhos como vender sacos, ajudar as pessoas a levar as compras pesadas, limpar peixe. Outras áreas da cidade facilitam e possibilitam ganhar dinheiro lavando ou cuidando de carros estacionados, engraxando sapatos, ou fazendo chamadas para os táxis.

Geralmente estas crianças estão organizadas em grupos. Dentro de cada grupo existem vários níveis de autoridade, geralmente determinada pela força e capacidade de luta. Cada grupo tem um líder bem conhecido, que comanda com mão de ferro e dita o comportamento de vida em grupo. Ele espera lealdade e recebe dos outros membros, dá instruções durante todo o dia, quase como um governante autoritário a pedir para ser servido por todos os seus súbditos. Ele exige a maior parte do dinheiro que os meninos do grupo conseguem na rua e os deixa com os restos. Em troca, tem a

responsabilidade de combater e afastar todos os visitantes indesejados e aqueles que competem para roubar o posto de comando. Ele é um rapaz duro que abusa da sua supremacia física e, por vezes, torna a vida dos outros um inferno para demonstrar a sua autoridade. Só quando se trata de limitar este abuso de autoridade o grupo irá decidir que é hora de mudar e resolver o problema. Em Angola existem diferentes grupos de crianças de rua e o nome de cada grupo, depende da área onde eles dormem, do comportamento dos membros, ou o modo como eles ganham dinheiro. Podemos citar por exemplo os que se chamam de "Maralhão", e os que se fazem chamar "abelhas"⁹.

As crianças de rua vivem constantemente em risco. Para além dos riscos relacionados com a vida na rua, existem riscos epidemiológicos ligados à falta de higiene, de acesso aos serviços de saúde e de acesso à água limpa. As principais doenças observadas no público são infecções intestinais, queimaduras, feridas, dores de dentes e infecções oculares. Além disso, o consumo de drogas é comum nos meninos que vivem na rua. As drogas mais utilizadas são a liamba, consumida transversalmente em todos os focos observados e a gasolina ("ngui") que é consumida sobretudo no foco do Primeiro de Maio e Cidadela, onde os meninos têm fácil acesso a esta substância já que reúnem-se perto da bomba de gasolina.

A sociedade Luandense demonstra uma certa dificuldade em superar o problema tanto a nível institucional, como a nível de mentalidade da população, que expressa claramente a necessidade de um trabalho de sensibilização no sentido de fazer perceber que, com a "aprovação da Convenção sobre os Direitos da Criança, a nível global, afirmou-se claramente que o progresso humano só pode ser alcançado quando cada criança tiver uma infância saudável e protegida", mas, como disse a Directora Executiva da UNICEF "a qualidade de vida de uma criança depende das decisões que tomamos todos os dias na família, nas comunidades e nos salões do governo, as decisões que temos de assumir sabiamente e tenham sempre em mente os melhores interesses da criança. Se não podermos fazer com que a infância das nossas crianças seja segura, não conseguiremos alcançar objectivos ainda mais abrangentes, no que concerne os direitos humanos e desenvolvimento económico. Se a infância progride, progridem também as nações"¹⁰.

⁹Cfr. KANDENGUES UNIDOS, *Cada um Fala a Sua Verdade: Historias do Maralhao*, CIES, Luanda 1997, p.21.

¹⁰UNICEF, *Rapporto sulla condizione dell'infanzia nel mondo*, UNICEF, 2005

3 A metodologia educativa salesiana – O Sistema preventivo

A metodologia Salesiana, amplamente conhecida como o *Sistema Preventivo de Dom Bosco*, é um sistema que cresceu progressivamente no tempo e que se alastrou por varias instituições e obras realizadas pelos seus seguidores. Por estes últimos, foi aprofundado, renovado, adaptado a cada situação, fazendo com que se transformasse num projecto a ser realizado e melhorado paulatinamente ao longo do tempo. Com *renovamento*, se quer salientar o persistente empenho teórico e pratico de pessoas singulares e de comunidades no sentido de melhorar a *ideia de base*.

É de se assinalar o pedagogo Hubert Henz, que referindo-se especificamente ao sistema preventivo de Don Bosco afirmou que, “*O método preventivo é um modo de educação que previne os desgastes (estragos) morais do aluno e a necessidade das punições, e exige que o educador esteja constantemente com o aluno, que tenha uma total dedicação à função educacional, uma vida jovem rica, dinâmica, completa. O “preventivo” de Dom Bosco significa fazer dos jovens “honestos cidadãos e bons cristãos”, maduros e responsáveis. Realmente, o seu sistema preventivo “tem exactamente este objectivo e não se concentra na simples protecção ou cuidar do jovem”*¹¹.

O Sistema Preventivo foi escolhido para este projecto e está a ser usado na abordagem com as crianças e os adolescentes vulneráveis e em risco exatamente pela possibilidade que nos dá de adaptá-lo a qualquer circunstância e contexto pelos princípios e valores pedagógicos que proporcionam.

O Sistema Preventivo de Dom Bosco fundamenta-se sob três grandes pilares:

- **Razão:** motivar o mais possível tudo aquilo que é proposta aos jovens;
- **Religião:** “*Educar é coisa do coração e somente Deus possui as chaves dele*”. Para Dom Bosco, educar é valorizar e ritualizar para a construção da pessoa todos os recursos que ela possui naturais e espirituais, o sentido de transcendência é uma de fortes motivações;
- **Afectividade:** “*quem sabe de ser amado, ama*”; e quem é amado consegue tudo, especialmente dos jovens. *Não é suficiente amar os jovens, é necessário que eles percebam que são amados.* Tudo isto será possível realizar a uma única condição: com a presença do educador, que é uma presença como entre irmãos, diária e em todos os lugares onde o jovem está, uma presença activa animadora que sabe valorizar as dotes e as qualidades do jovem, uma presença que sabe esperar os resultados, que confia e dá coragem.

Estes três pilares acima mencionados estão intimamente interligados e o seu sentido metodológico engloba um conjunto orgânico e articulado de iniciativas, de intervenções, de meios destinados unicamente à promoção do desenvolvimento do jovem com o qual se pretende trabalhar no sentido de ajudá-lo a amadurecer através da persuasão e do coração. Para que isso seja possível, o educador deve levar consigo a Caridade educativa. Caridade essa que, segundo Don Bosco, é a verdadeira rainha das virtudes e “*é benigna e paciente; sofre tudo, mas espera tudo sustenta qualquer disturbo* e com ela, a Razão e a Religião são os instrumentos que o educador deve usar constantemente, ensiná-los, e ele mesmo

¹¹ HENZ H., *Lehrbuch der systematischen pädagogik*, Freiburg, Herder, 1964, p. 232.

praticá-los se quiser ser obedecidos e obter o seu fim”¹². Para Dom Bosco, entre os três elementos, a afectividade tem a primazia, já que onde há amor há empatia, que equilibrada à racionalidade dos regulamentos é a chave para uma relação saudável e de confiança entre educadores e educandos.

Queremos com isso dizer que, o sistema preventivo encontra a sua substância de implementação/acção exactamente nos educadores e só é possível que tenha êxito se eles compreenderem e aplicarem em toda a plenitude estes elementos e garantirem a sua fecundidade e a sua apreensão por parte dos educandos. Daí a necessidade de os educadores serem totalmente “consagrados” aos alunos, seus “pais, irmãos, amigos”, em uma partilha devida, idêntica à dos membros adultos de uma família.

Eles são pais/mães, irmãos e também amigos, dando relevância pedagógica à *comunidade educativa* concebida e vivida como *família*. A solícita “pressão” afectiva, racional, religiosa dos educadores é ampliada por uma comunidade, vivida como convivência de jovens, amigos e irmãos, antes entre eles do que com os “superiores”. Mesmo que Dom Bosco tenha afirmado que “o director é tudo” e analogamente os educadores, na realidade, o todo é representado por eles *para e com* os jovens, que reivindicam, em alguma medida, o seu indispensável co-protagonismo¹³.

O sistema, tem definitivamente como pilares, a razão, a religião e a afectividade do educador, indivíduo e comunidade, e claro, através dele todos os elementos pedagógicos dos quais é cooperador ou mediador. “Não se constrói sujeitos maduros – nos valores de razão, religião e afectividade – se o educador não for, ele mesmo, fim, valor e método segundo a razão, a religião e a afectividade. O educador é chamado a apresentar-se operativamente como modelo, vivente e activo de tudo aquilo que segundo razão, religião, afectividade é válido em si e ao mesmo tempo é por ele tornado amável e “atraente”, motivante, envolvente para o aluno. O educador tem para apresentar em forma dinâmica com relação a todos os possíveis fins educativos, aquilo que Dom Bosco afirma como “modelo de moralidade”¹⁴. Portanto, podemos concordar com o provérbio que diz “quem não tem, não pode dar.” Dom Bosco dedicou toda a sua vida aos meninos vulneráveis e em risco; ele determinava, antes de mais nada, “*quais meninos devem ser considerados em risco*”: crianças que imigram para as grandes cidades a procura de trabalho ou de melhores condições de vida, órfãos, abandonados a sua sorte e que acabam por integrar-se nos diversos grupos de outras crianças que vivem nas ruas, crianças descuidadas pelos pais, que fogem de casa e muitas vezes até expulsos de casa, crianças que caem nas mãos da segurança pública, mas que não são ainda consideradas delinquentes.

Segundo Dom Bosco as medidas educativas mais oportunas para os casos acima mencionados, inspiravam-se nas obras por ele já empreendidas, como os “jardins de recreação” festiva, o encaminhamento ao trabalho e a assistência àqueles que estivessem a trabalhar, as casas de acolhimento, com a possibilidade de aprender artes, ofícios e também as colónias agrícolas. Dom

¹² *Il sistema preventivo*, OE XXVIII 424 – 430, 1877, pp. 46 – 52.

¹³ Cfr. BRAIDO Pedro *Prevenir, não reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, LAS. Roma.. 1999, pp. 227-230.

¹⁴ *Ibidem*, P. 228.

Bosco pensou para estas instituições uma gestão feita por particulares, mas com o apoio de entidades públicas, no que concerne à edifícios físicos e à subsídios financeiros¹⁵.

3.1 Amor exigente vs castigo

Dizia Dom Bosco *“Procura fazer-te amar mais que fazer -te temer”*. Naturalmente um não exclui o outro. É importante que também haja temor, mas por amor, isto é, *“Fazer-se amar e fazer-se temer”*.

A relação entre amor e temor supõe a coexistência em perspectivas que se integram exprimindo respectivamente a ordem de tempo, de causalidade e dignidade. O importante é que os educandos percebam que o educador se preocupa com o seu bem-estar físico e psicológico. Assim, não podem deixar de ama-lo. Quando os meninos recebem do educador orientações e repreensões por todas as suas faltas, não podem deixar de ter por ele certo temor.

O educador deve ter o cuidado de não estar ao nível dos educandos no que se refere às palavras e aos actos, para que seja possível manter sempre uma atitude de superioridade. Contudo, ao dar ordens, as palavras devem sempre ser carinhosas e respeitosas, nunca ameaçar, zangar-se com palavras ou com acções.

No Sistema Preventivo, um educador deve ser protector e sempre presente. O trabalho exige que o educador esteja sempre junto aos educandos para que se evitem atitudes inadequadas que comprometam a índole dos meninos. A custòdia, ainda que total, deve ser integrada com a assistência, (dinâmica activa, educativa positiva) a ajuda, e o apoio tornando conhecidas as regras e os deveres/direitos que regem a casa.

A correrão ou o castigo se põe em prática através de hierarquia piramidal de intervenções de gravidade ascendente: conselhos, avisos, advertência, castigos compreendidos e aceite.

Hierarquia piramidal de intervenções de gravidade ascendente



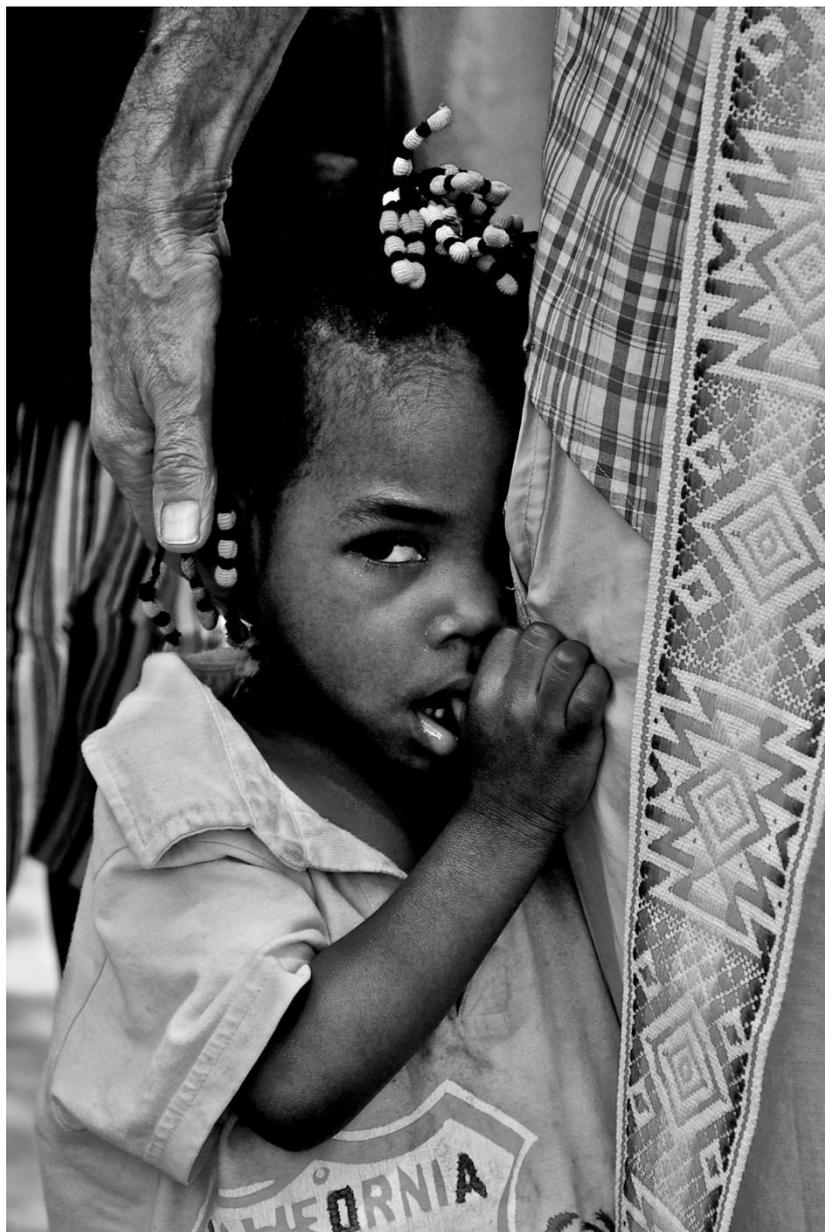
¹⁵ Ibidem, p. 183.

Os castigos não são considerados acções punitivas, mas sim intervenções destinadas a evitar leviandades e desvios que podem provocar desordens irreversíveis. Os educadores são como pais carinhosos que lhes servem de exemplo, de guia sempre que necessário, que dão conselhos e corrigem amorosamente fazendo com que seja impossível para o educando cometer qualquer falta. Sistema Preventivo, pelo facto de ter como pilares a razão, a religião e a afectividade, exclui todo o tipo de castigo violento e procurando evitar a todo custo até os castigos mais leves¹⁶.

Como disse Dom Bosco, as casas de acolhimento, a escola, ou simplesmente as estruturas sócio educacionais devem ser para os meninos, “ a escola que ensina para a vida”; a “Família em que cada um se sinta amado e respeitado, onde aprenda a amar e respeitar, construindo juntos a paz!”; a “casa que acolhe, a paróquia que evangeliza, a escola que forma para a vida, o pátio para se encontrarem como amigos e viverem em alegria”¹⁷.

¹⁶ Cfr. PELEGRINE Viviane Guimarães A., *O amor e a educação no sistema preventivo de dom bosco*, em, “Revista Eletrônica de Educação” Ano I, No. 02, jan. / jul. 2008, p. 5.

¹⁷ BOSCO Giovanni, *Máximas educativas*, 1950, p.127.



PARTE 2

O projecto “Fortalecimento da rede de protecção social das crianças e dos adolescentes mais vulneráveis e marginalizados de Luanda (Município de Sambizanga)”

Fulvia Boniardi

Parte 1. As premissas necessárias.

Esta é a “história” do projecto “Fortalecimento da Rede de Protecção Social das Crianças e dos Adolescentes mais Vulneráveis e Marginalizados de Luanda” e do seu desenvolvimento ao longo de três anos na cidade de Luanda e vizinhanças, que teve como principal alvo da acção os meninos de rua desta região. Entre os seus protagonistas temos os educadores quotidianamente empenhados no tão difícil quanto necessário trabalho de educação, as associações da sociedade civil empenhadas em garantir os direitos da infância e as instituições locais, em um trabalho conjunto coordenado pela VIS e pelos Salesianos de Dom Bosco. Para iniciar a relatá-la, no entanto, é necessário partir de algumas premissas de carácter tanto teórico quanto prático.

Em nível teórico, é importante enfatizar que os princípios que norteiam o trabalho iniciado e que foram usados como combustíveis são facilmente reconhecíveis no método educativo de Dom Bosco, já descrito anteriormente, e na Convenção Internacional pelos Direitos da Infância, documento este que impõe obrigações legais aos estados que o ratificaram, entre estes, Angola.

Em particular, na fase de redacção do projecto, enquanto se reflectia sobre características da vida dos meninos de rua e sobre as numerosas violações dos direitos das quais estes são vítimas, a atenção foi voltada para algumas liberdades fundamentais garantidas pela Convenção, ou seja: o princípio da não discriminação (art.2); a soberania do interesse da criança (art.3); o não considerado, ainda que fundamental, direito a integração (art.12); a protecção contra o abuso e a violência (art. 19); o direito a educação (art. 28); a protecção contra o abuso económico e o trabalho infantil (art. 32); além da protecção contra a tortura, a crueldade, o tratamento desumano e degradante e a punição (art. 37).

Ainda na fase de reflexão sobre a realidade em que o projecto seria desenvolvido, nos perguntamos sobre a abordagem que melhor favoreceria colocar em prática de maneira efectiva o método de Don Bosco e foi escolhida aquela baseada nos direitos humanos (rights based approach), seguramente a resposta mais apropriada.

Diferente daquela baseada nas necessidades, empenhada principalmente em oferecer uma assistência prática por um breve período para atender as necessidades primárias dos beneficiários, a abordagem baseada nos direitos humanos, no contexto específico de actuação do projecto, significou entender quais eram os direitos violados, quem os havia violado e que associação entre sensibilização e criação de serviços teria melhorado, ou possivelmente, resolvido os problemas da vida as margens da sociedade dos meninos de rua, fornecendo instrumentos para uma melhoria em longo prazo em suas condições de vida, na de suas famílias e da comunidade envolvida.

Já em nível prático, o projecto está inserido em um programa salesiano já há muitos anos sensível à realidade dos meninos de rua, mas de maneira ainda não completamente sistêmica. Os Salesianos desde os anos 90 vêm assumindo a tutela dos meninos de rua de menor idade de Luanda, fornecendo

uma resposta imediata e, mesmo que ainda não adequadamente organizada, necessária para conter um fenômeno que aumentava a cada dia.

A sensibilização na rua e o acolhimento nos centros foram desenvolvidas inicialmente de maneira independente pelas duas Comunidades Salesianas de São Paulo (em particular no bairro de Mota) e São Jose de Nazaré (no bairro da Lixeira). Os dois bairros em questão, similares quanto ao superpovoamento, carência de estruturas de base, mínimos níveis higiênicos e alto percentual de famílias que vivem abaixo da linha de pobreza, naqueles anos eram os pontos de concentração dos meninos de rua, que tentavam “ganhar o pão” nos maiores mercados de rua da cidade: o Roque Santeiro, situado vizinho à comunidade de São José, e o de São Paulo, que ocupa as vias adjacentes a comunidade Salesiana.



Assim, tanto em Mota quanto em Lixeira naquele período desenvolveram-se, de maneira simples e básica, actividades educativas que pudessem responder as necessidades desse publico muito jovem e indefeso.

A entrevista com a Tia Berta, coração e alma da comunidade de Mota, explica como na sua comunidade foram dados os primeiros passos de um projecto que ainda continua a desenvolver-se actualmente.

Chamo –me Alberta André, mas conhecida por TIA BERTA e trabalho com os Salesianos de Dom Bosco desde 1999.

F—voce é considerada memória histórica do projecto, testemunha de tudo o que foi feito pelas crianças de rua no bairro de Mota. Então, pode nos contar como surgiu o projecto?

Foi em 1986, quando os Salesianos, nos arredores de S. Paulo, se depararam com muitas crianças de rua, algumas já adolescentes. Os padres Tirso e Gustavo, que já não está cá, começaram a acompanhar as crianças com oratório, animação, alfabetização, em pequenas proporções, já que devido à guerra o numero de meninos de rua aumentava.

Em 2002, depois do termino da guerra, o trabalho na rua intensificou-se. Os focos onde íamos sensibilizar eram bem específicos, onde havia a maior concentração de crianças, como S. Paulo e Rua Alameda; íamos também à ilha de Luanda, na Marginal, nas imediações do Hotel Alameda. Muitas vezes festejávamos o Natal na rua.

Antes disso, em 1999, consegui – se uma casa pequena para dar um lugar mais digno às crianças, dado que deste jeito podiam estudar, sem ter que voltar a rua. O Padre decidiu utilizar um pequeno quartinho que tínhamos próximo de onde se encontrava o gerador para dar lugar à um grupo de 8 meninos que vinham sò para dormir, pois durante o dia estavam na escola.

Em Julho do mesmo ano, o Padre perguntou – me se poderia ajudá – lo neste projecto já que as crianças precisavam de uma orientação, de uma mãe. Como eu já tinha experiência com crianças por ter sido na época catequista, aceitei colaborar com os Salesianos neste projecto e no mesmo ano vim viver nesta casa que foi chamada Mama Margarida, e tinha um total de 13 crianças.

No início foi muito difícil porque não tínhamos assistência sanitária e o único hospital era o da Divina Providencia, difícil de alcançar por causa da distancia. Foi assim, que em 2002 foi criado o centro de saúde e assistência médica próximo da casa. Como o acordo com as crianças era o de estudar caso quisessem ficar a viver na casa, só os que estudavam viviam connosco.

Tendo feito um acordo com o MINARS (Ministério da Assistência e Reinserção Social), as crianças eram inseridas nas escolas públicas existentes dentro do bairro mesmo, muito próximo de casa e de fácil acesso. O projecto foi crescendo, e rapidamente chegamos a ter 30 meninos numa casa com apenas 2 quartos e 2 salas, mais os meus 5 filhos.

Durante a guerra, como morriam muitas crianças, e outras tantas eram abandonadas pelos pais, estas eram colocadas no Lar Kuzola, (uma das poucas instituições públicas que recebe menores criada pelo MINARS) que não tinha capacidades de acolher tamanho número de crianças necessitadas. Portanto, o MINARS recorria a nós para dar amparo àquelas crianças às quais não podiam atender.

Portanto, este projecto começou há bastante tempo, e incluindo o trabalho nas ruas, procuramos ano após ano, tentar melhorar e dignificar a vida de muitas crianças.

Naturalmente, no início, era um projecto muito pobre, mas ao longo do tempo foi melhorando e graças a Deus, podes ver as estruturas que já temos, melhoradas em todos os aspectos. Claro, houveram mudanças ao longo do tempo. Os responsáveis Salesianos foram mudando e cada um tinha a sua metodologia. Em 2010 houve uma divisão entre os grupos de meninos, devido à idade, já que crianças e adolescentes dividiam a mesma casa, criando, as vezes, algumas dificuldades. Portanto, os mais pequeninos, que requeriam mais atenção, ficaram aqui na Casa Margarida, e os adolescente foram para a casa Magone, criada em 2003 para funcionar como casa nocturna, onde as crianças eram assistidas e atendidas, onde se fazia a filtragem de crianças que tinham tendência a mudar de comportamento, para serem colocadas na casa

Margarida. Como as duas casas estavam na mesma rua, a Magone passou a receber não somente as crianças de rua em regime nocturno, mas também os adolescentes que vinham da Casa Margarida, em regime de internato. Depois disso, a intensidade do trabalho na rua diminuiu na nossa comunidade, já que as crianças que viviam na casa convenciam os amigos que ainda viviam na rua a virem ao nosso encontro e entrarem para o centro também. Outras crianças ainda vinham e por vontade própria queriam entrar. As regras da casa são flexíveis. A criança fica se quiser. Caso fique, se realmente muda de comportamento, tem duas opções: ficar na casa Margarida ou ir para a família de origem. Esta é a história do nosso projecto.

F—Tem ideia de quantas crianças passaram por esta casa ao longo dos anos?

Com certeza mais de 100 crianças já passaram por aqui, estiveram comigo. Na casa Margarida as crianças não ficam permanentemente. Geralmente, são reinseridos no seio familiar, as que não encontram as suas famílias, tendo recebido formação, vivem de maneira independente, outros mesmo já constituíram suas próprias famílias.

F— Como você disse, o fenómeno de crianças de rua aumentou com a guerra. Poderia falar um pouco mais sobre isso, dizendo quais as causas que levaram as crianças para a rua?

Naquele tempo o numero de crianças na rua aumentou porque durante a época de guerra, a cidade em que se estava mais seguros era Luanda. Por isso, a tendência era que, para salvaguardarem a vida dos filhos, muitos pais, aproveitando o avião da PAM, que na época levava bens de primeira necessidade às províncias mais afectadas (Huambo, Bié...), enviavam as crianças para Luanda, as vezes com o endereço de algum familiar. Muitas crianças não encontravam estes familiares e os que os encontravam, descobriam que eles viviam em extrema pobreza e com muitas pessoas por sustentar, e portanto, não podiam acolhé – los. A família angolana alargada que acolhia até os filhos de vizinhos quando os pais eram incapazes de cuidar deles, perdeu este valor por causa das dificuldades que o País estava a viver. Todas as família passavam por dificuldades. As crianças eram rejeitadas até por avós e tios. Foi assim que muitas delas foram parar à rua, abandonadas e desamparadas.

A outra situação deveu – se ao facto de muitas vezes só um dos progenitores estar presente e juntar – se a um outro parceiro, que não aceita cuidar de filhos de outras relações, fazendo com que as crianças se sentissem receitadas e fugissem de casa.

Fruto ainda da guerra e da pobreza, muitas crianças foram acusadas de serem feiticeiras pelos próprios pais ou familiares próximos, foram mandadas embora depois de terem sido espancadas, maltratadas, levadas à seitas religiosas nas quais os pastores (se faziam pagar para isso) também acusavam o membro mais fraco, incapaz de se defender. Por causa disso as crianças iam parar à rua e com medo de voltar para casa. oje, o fenómeno de crianças feiticeiras ainda existe, mas em pequenas proporções. Nós ainda temos em casa uma criança órfã, que tinha ido viver com os tios e estes, acusaram –no de feitiçaria.

O fenómeno alcoolismo também destruiu e desintegrou muitas famílias. As crianças encontravam os pais sempre embriagados e impossibilitados de cuidas deles como merecem, portanto fugiam. O factor pobreza e violência doméstica, ainda assola muitas famílias. Existem também as gravidezes precoces! As adolescentes com famílias que já vivem em extrema pobreza, são mandadas embora de casa e vão viver, se tiverem sorte, em casa de uma amiga que não está em melhores condições e as crianças crescem praticamente na rua.

Já no bairro da Lixeira, a partir de 2001, os meninos de rua começaram a ser contactados por alguns educadores/animadores directamente entre as barracas do Roque Santeiro, onde passavam o dia entre pequenos trabalhos e o “cinema” (uma grande barraca com uma TV e alguns bancos em que normalmente se transmitiam filmes de acção).



Estes eram então convidados a participar do oratório, junto com várias outras crianças e adolescentes do bairro. Esse era um momento de jogos e diversão, mas os animadores aproveitavam a ocasião para sensibilizar os menores sobre alguns assuntos relacionados a vida deles na rua, dando uma atenção particular ao tema das drogas, que os meninos conseguiam facilmente no mercado.

A partir desta forma simples de envolvimento lúdico recreativo, logo considerado muito pouco em relação a grande carência desses menores, foi desenvolvida a ideia do acolhimento realizada no CIC (Centro Infantil Comunitário), estrutura capaz de garantir refeições quentes, noites tranquilas, o afecto sempre faltado e a possibilidade de recomeçar os estudos e ao mesmo tempo divertir-se com actividades lúdicas e desportivas.

A essas primeiras intervenções, baseadas em uma necessidade urgente e, por isso, ainda não suficientemente estruturadas, com o passar do tempo foram adicionadas outras, em que os Salesianos ampliaram grandemente o seu empenho, criando novas estruturas importantes visando a recuperação dos jovens nos centros de primeiro acolhimento. Dedicou-se mais tempo à análise do

fenómeno dos meninos de rua através de uma série de dados qualitativos e quantitativos recolhidos com o passar dos anos que permitiram tornar o trabalho desenvolvido sensivelmente mais eficaz.

Com o tempo na comunidade de Lixeira foram construídas duas casas família, nas quais casais angolanos cuidam de um grupo de 10 a 12 meninos por vez, enquanto na área de Catete, a cerca de 50 km da capital, foi construído o Centro de Formação Profissional de Kala Kala: um internato onde, durante três anos, a partir dos 14 anos de idade, os meninos estudam e frequentam cinco cursos profissionalizantes, recebendo uma educação formal e informal – necessárias para a total reinserção deles na sociedade – que à escola associa a vida em comunidade, as actividades lúdicas, desportivas e de associativismo e o contacto com as famílias.

Podemos dizer que o projecto em questão deu início a uma terceira fase de intervenção, que teve a importância de organizar o processo de reinserção social – das ruas a uma nova vida, um novo renascimento – organizando um trabalho em rede. Desse processo fez parte também o fortalecimento de alguns órgãos salesianos de coordenação, que facilitassem a comunicação entre os vários actores do processo, cada um empenhado na gestão de uma ou mais actividade e/ou estrutura (sensibilização na rua, centros de acolhida, casa família, centro profissional de Kala Kala, localização familiar, etc....).

O trabalho, desenvolvido reflectindo-se sempre sobre os pontos fortes e fracos da organização, trouxe um impacto muito maior em relação ao passado, tanto a nível quantitativo quanto qualitativo. De facto o número de meninos acolhidos nos centros e reinseridos na sociedade cresceu notavelmente no curso dos últimos anos assim como melhorou a qualidade do serviço oferecido aos menores graças, sobretudo, ao investimento constante na formação dos educadores empenhados quotidianamente nos centros.

Certamente o projecto encontrou também algumas fragilidades, que estudaremos mais a fundo no curso das análises. As mesmas fragilidades, no entanto, foram oportunamente reelaboradas com o tempo, transformando-se em elementos fundamentais para a programação em longo prazo, ou seja para prever e estabelecer a quarta fase da intervenção do VIS e dos Salesianos a favor dos meninos de rua de Luanda.

Part 2. O Projecto

O projecto "Fortalecimento da Rede de Protecção Social de Crianças e Adolescentes mais vulneráveis e marginalizados de Luanda" foi desenvolvido tendo em conta principalmente quatro áreas de intervenção, com base nas necessidades identificadas por um processo de análise participativo.

Primeiro, o projecto preocupou-se em dar união e orgânica ao processo de reintegração social das crianças de rua, acompanhando as diversas etapas do percurso das crianças de rua, desde o primeiro encontro nas ruas de Luanda, até à sua reinserção na família e no mundo do trabalho.

Em segundo lugar, a acção procurou reforçar decisivamente o conhecimento e as competências dos educadores, envolvidos diariamente nos centros de acolhimento e nas casas de família (nos lares). Grande espaço foi assim reservado, para a formação.

Terceira área de intervenção foi delineada a partir da necessidade de melhorar a qualidade de vida de crianças acolhidas nos centros de acolhimento e casas de família através da reabilitação das estruturas.

Finalmente, o projecto tem trabalhado com vista à criação de relações favoráveis e rentáveis com instituições locais envolvidas no campo da protecção da criança e da assistência social, envolvendo também organizações da sociedade civil, ONG e organizações internacionais num diálogo construtivo.

Parte 2.1: O processo de reintegração social de crianças de rua

A parte mais substancial do projecto em questão foi a definição das várias etapas que compõem o processo de reintegração social de crianças de rua, posto em prática pelos Salesianos de Dom Bosco e do VIS em Luanda. Como explicado na introdução, este projecto não teve como objectivo criar a partir do nada estruturas de acolhimento, de facto, estas já existiam. O projecto, tinha no entanto, a grande tarefa de definir mais claramente os objectivos educacionais de cada actividade e estrutura, de modo a tornar cada um deles uma etapa de um processo complexo e orgânico.

O trabalho em questão foi gerido de forma participativa, fortalecendo um órgão já existente na realidade Salesiana Angolana: todas as estratégias, decisões, documentos, foram discutidos e aprovados na Comissão dos Salesianos de rede "Crianças e Adolescentes em Perigo ". Esta, reúne-se em média, uma vez por mês para definir os objectivos de trabalho a curto, médio e longo prazo com crianças em situação de risco, monitorar e avaliar os trabalhos em curso e os resultados alcançados, partilhar informações e boas práticas a nível interno e externo; lidar com casos específicos envolvendo as várias estruturas; organizar eventos formativos de sensibilização ou momentos públicos para fazer conhecer o trabalho feito a nível local.

O processo articulado e orgânico que é o resultado deste trabalho em equipa, prevê que as crianças possam embarcar em uma viagem de re-educação que os leva da vida desregrada e cruel ao caminho

para um novo começo. Este processo passa por diferentes etapas de responsabilidade e compromisso, concordando em viver nos Centros de primeiro acolhimento e nas Casas de famílias e participando de um caminho longo e difícil, que os leva a ter contacto com as próprias famílias, ou decidir seguir um curso de formação profissional.

A resposta às necessidades mais urgentes da criança deve ser gradual e diferenciada, porque a mudança que cada menino espontaneamente decide querer fazer é tão profunda que precisa ser reformulada e internalizada, para ser capaz de encontrar a motivação certa toda vez que enfrentar uma nova situação mais desafiadora do que a anterior.

Este percurso de reintegração social é desenvolvido através de:

- Trabalho de conscientização/ sensibilização na rua;
- Centros de primeiro acolhimento;
- Centros de acolhimento residencial / Casas-família;
- Centro de Formação integral de Kala Kala;
- Localização e reintegração familiar;
- Casas em semi-autonomia (ainda em fase experimental).

2.1.1 A sensibilização na rua



Durante o projecto, o trabalho de sensibilização na rua foi realizado geralmente uma / duas vezes por semana, indo ao encontro dos grupos de "crianças de rua" em locais da cidade onde normalmente se reúnem e vivem. A actividade foi desenvolvida durante a noite, quando os meninos terminam as tarefas que desenvolvem para ganhar a vida, e voltam não tanto para um lugar específico mas sim a um grupo específico, no qual eles se sentem protegidos.

Durante o andamento do projecto, as actividades atingiram vários grupos em várias áreas da cidade, de modo que era fácil perceber as suas tendências ao nomadismo. Na verdade, eles se movem pelas áreas de Luanda, nas quais as condições de vida são mais favoráveis, em geral, portanto, onde há espaço e possibilidades de "ganhar o dia" sem ser muito incomodado pela polícia. Contudo, no ano passado, decidiu-se concentrar a intervenção num grupo específico, o do largo Primeiro de Maio (praça da família), no centro da cidade, por várias razões: o grupo é muito grande e heterogêneo quanto à idade; a posição estratégica da praça facilita a inclusão de "recém-chegadas", crianças de rua inexperientes e por estas razões é uma área excelente de captação para a finalidade educativa da actividade. Mas, infelizmente é muito difundido o uso do álcool e substâncias entropedentes (especialmente a gasolina, que é inalada, maconha ...), e é precisamente por esta razão que é necessária a sensibilização sobre estas questões.

Através do uso de metodologias educacionais activas e participativas (desenhos, teatro, música, cinema, dança, etc...), a equipe educacional instaurava um diálogo construtivo com os meninos - que esperavam pelo encontro semanal com ansiedade e saudavam a equipe de voluntários com afecto - para ajudar a construir uma relação pacífica e de solidariedade entre eles, para torná-los cientes dos riscos típicos da vida de rua (uso de álcool e drogas, higiene e saúde, violência) e, finalmente, apresentar-lhes a oportunidade de deixar a estrada e começar um novo caminho, participando do percurso educacional e pedagógico salesiano pensado e concebido especificamente para eles.

É particularmente importante notar que esse trabalho de campo, reiniciado pela comunidade Salesiana na Lixeira em 2007 após vários anos de interrupção, não era absolutamene conhecido pelas instituições governamentais dedicadas à protecção da criança. Durante o projecto, a construção de uma rede de contactos com instituições locais (que serão discutidos nas páginas seguintes) permitiu, entre outras coisas, despertar o interesse por esta actividade e um certo tipo de apoio institucional por parte de algumas instituições do governo, em particular o Instituto Nacional da Criança e do Departamento de Prevenção da Delinquência juvenil da Polícia Nacional, cujas directoras já participaram de um par de encontros na rua. Essas crianças, que à primeira vista parecem ter desenvolvido habilidades de sobrevivência infalível, então manifestam uma tamanha fragilidade devido à falta de figuras afectivas e de referência educacional, bem como o tratamento que a sociedade lhes reserva, muitas vezes, considerando-os até como "lixo social". A conquista da própria dignidade de ser humano, com direitos e controle de seu próprio futuro, goza de absoluta prioridade nos objectivos da actividade, e é muitas vezes, em virtude das razões supracitadas, um dos mais difíceis.

Entrevista a P. Roberto Musante, Salesiano de Dom Bosco, responsável do trabalho com as crianças de rua na comunidade de Lixeira

Qual è o objectivo, a metodologia do trabalho de sensibilização nas ruas?

Este trabalho não começou comigo; os Salesianos estão trabalhando nas ruas de Luanda já há muito tempo, mesmo com algumas interrupções.

Depois destas interrupções, retomamos o trabalho de rua aqui na comunidade de Lixeira já faz 5 anos, procurando os "becos" onde ficavam as crianças. Depois de dois anos fixamos a nossa atenção no grupo que vive no Primeiro de Maio porque vimos que aí tinha mais crianças e, já que è impossível atender a todos, decidimos concentrar a nossa atenção neste grupo bastante numeroso.

A finalidade do trabalho de rua è tirar as crianças da rua e dar-lhes a oportunidade de entrar no nosso centro de acolhimento diurno e nocturno. É um centro onde eles fazem uma caminhada através do estudo, do desporto e de outras actividades, de modo a afastar-se da vida na rua e das drogas, em particular a gasolina que eles utilizam.

Mas o da rua é também por si um trabalho importante, já que cada semana tentamos deixar uma menagem educativa para aquelas crianças e jovens que ainda não têm decidido deixar a rua, porque "humanizar" a rua è também um dos objectivos da nossa intervenção. Sentimos que a nossa missão é

estar com eles, até que possam eles mesmos decidirem deixar essa vida e escolher outro caminho. Cada semana levamos uma mensagem de alegria e de esperança, que ajude as crianças a se afastarem da droga, do roubo, da violência e, ainda que não o logramos totalmente, sentimos que é um grãozinho de areia ou uma pequena gota de água que sempre vai produzindo seus frutos. As crianças nos esperam, nos acolhem, manifestam seu carinho e com estes gestos sentimos que de alguma maneira estamos a cumprir uma tarefa educativa.



Quem te acompanha no trabalho de rua?

Cada semana um grupo de jovens voluntários angolanos de boa vontade me acompanha. Sinto que sem eles este trabalho não podia ser cumprido. De facto a minha idade de 78 anos já não me consente brincar com as crianças, assim que os jovens dão o necessário impulso e animação aos encontros.

Acompanham o trabalho também os voluntários estrangeiros que eu agradeço pela disponibilidade, paciência e boa vontade.

Acho importante também o papel das meninas que acompanham as saídas semanais; como mulheres, elas têm um carinho e uma ternura especiais que os meninos necessitam.

Quais são as características das crianças que vivem na rua, beneficiários deste trabalho de sensibilização?

Em geral os meninos que encontramos têm uma grande sensibilidade, um espírito religioso inato; noto sempre com admiração o jeito especial com o qual rezam, coisa que não noto em outras latitudes. Têm uma disponibilidade para conectar-se com o religioso, com Deus.

A criança na rua tem a tendência a mentir, porque é uma maneira de defender-se, assim como tem que agredir, para que não o agridam. As leis da rua não são nada evangélicas, porque os meninos utilizam estas técnicas para sobreviver, para dar compaixão e ganhar o sentimento de bondade de outros. Muitas vezes utilizam a violência porque é a forma com a qual foram educados e não conhecem outra. Outro aspecto que nota-se na rua é os abusos dos grandes para com os pequenos, que se transformam em instrumentos para ganhar dinheiro (pedindo esmola). Aspecto, este, que nos dói muito e nos faz sentir

impotentes porque, não estando sempre na rua com eles, não temos poder de trocar estas dinâmicas. Outro aspecto que impressiona é o sentimento de compaixão uns com os outros; são prontos a ajudar o companheiro que fique ferido em alguma luta ou que seja atropelado por algum carro, defendendo o colega, amigo e irmão.

Assim que pode-se notar como as características são contraditórias, por uma parte a violência, por outra a solidariedade.

Quais são os desafios deste trabalho?

O maior desafio é sentir que não há resposta ao esforço que está a ser feito. Isto acontece também porque um pretende de trocar a vida destes meninos em pouco tempo. Aquilo que eles viveram durante muitos anos, não pode-se trocar num mes ou dois. É uma utopia pensar que, mesmo utilizando o Sistema Preventivo, possamos trocar a vida destes meninos em tão pouco tempo. Dom Bosco, em sua santidade, teve que esperar, com paciência, e isto é aquilo que nós também temos de fazer, até que o rapaz se aperceba que a maneira de ser feliz è fazer o bem.

Outro desafio é saber reagir de forma adequada aos acontecimentos, às vezes graves, na rua e nos centros. É necessário pôr limites mas há que fazer atenção para não exagerar. Um educador sente dor quando decide afastar um menino da actividade ou do centro por uma acção grave que este tenha cumprido, mas ele sabe que não tem a magia para trocar o coração da criança.

Desafio é também a questão dos jovens que vivem na rua, de 15, 16 a 18 anos, pelos quais ainda não existe resposta adequada, mas seria necessário dar também a eles a possibilidade de deixar a droga e a vida de rua e refazer sua vida.

E quais os êxitos e os momentos de alegria?

Vivemos momentos de alegria quando a criança demonstra gratidão, e capacidade de perdoar o companheiro ou de pedir perdão. Também quando escutamos que as crianças querem ser como os educadores no seu futuro e damos conta que sonham o bem para seu futuro.

Outra alegria é o carinho que eles sabem demonstrar, são muito afectivos, se aproximam para serem acariciados porque necessitam um abraço ou um beijo, que muitas vezes não receberam e um tentamos sempre responder a estas manifestações de ternura, ao exemplo de Jesus.

O que você deseja para o futuro destas crianças numa sociedade que, as vezes, alguns os consideram como menos importantes?

Estas crianças deveriam ser os construtores de uma Angola nova, que certamente não vai ser construída por aqueles que vivem no luxo, que não sofrem, que têm dinheiro, nem tanto menos pelos políticos, que querem governar encima do povo. Ao contrário os que tem que trocar a realidade e a história são os pequenos, os que sofreram tanta injustiça. E devem faze-lo não com a violência, porque a violência gera violência, mas sim com o compromisso activo e com a não-violência activa, ao exemplo de Gandhi, de Martin Luther King e de tantos outros, não deixando simplesmente que as coisas aconteçam, mas a encaminhando-as para o bem e a justiça. Estas crianças devem ser construtores dum mundo novo; o nosso objectivo não è educa-los para que entrem numa sociedade injusta e colaborem com a injustiça, mas para que sejam construtores dum País novo e melhor.

O ideal seria que os que sofreram a injustiça consigam trocar a sociedade injusta através do testemunho da sua própria experiencia.

2.1.2 Centros de primeiro acolhimento - Casa Magone e o antigo CIC

Os centros de primeiro acolhimento, diurno e / ou noctúrno, tem sempre um número diferente de crianças, que são acompanhadas pelos educadores que alí trabalham, provavelmente no momento mais delicado da sua escolha. Sair da estrada envolve esforço e uma força de vontade enormes, já que a criança deve ser capaz de vencer todos os "chamados" de transgressão, como o fácil acesso ao dinheiro (ainda que mínimas quantidades, são fonte de atração para crianças de 11-12 anos) e as drogas, a independência total e falta de regras, o "status" de chefe do grupo (o que torna mais difícil recuperar as crianças que estão a viver na rua a mais tempo pelo nível de liderança que lhe é reconhecido pelo grupo). Por estas razões, o esforço que os meninos devem demonstrar ao participar das actividades do centro é geralmente progressiva e pode seguir uma presença irregular. O objectivo educacional que se sobrepõe ou supõe a este tipo de organização de acolhimento é de ganhar gradualmente a confiança da criança e fazer com que a convivência com os outros "hóspedes", envolvidos em uma maneira similar, a participação às inúmeras actividades da casa, a presença de figuras de referência como os educadores e a possibilidade de fazer três refeições quentes, uma cama, um ambiente confortável e uma instrução, possam ser "actrações" mais eficazes do que as que encontram na estrada. Se esse "tirar à corda" é vencido pela chamada da estrada, a criança geralmente foge do centro ou não volta no dia seguinte; ao invés disso se ele for finalmente vencido pela actração de um novo começo, há para ele a possibilidade de acesso aos centros de acolhimento residenciais, que é o estágio seguinte.



No Bairro de Mota o centro de primeiro acolhimento chama-se Casa Magone e recebe uma média de 20/25 crianças por dia. Estes têm acesso ao centro, à noite, aí jantam e se entretêm com uma actividade educativa organizada pelos operadores sociais. Em seguida, passam para os quartos onde dormem. Na manhã seguinte, organizam a casa, tomam o pequeno almoço e antes de sair participam em uma actividade lúdico-recreativa (alfabetização - desportos - trabalho manual), por fim, saúdam e regressam aos seus "negócios" na rua, para voltarem (esperamos) à noite.

Entrevista a:

ADJAIME de Freitas Cadete, Coordenador pedagógico dos centros de acolhimento de Mota

Qual é o objectivo principal deste trabalho?

O objectivo principal é de melhorar a situação das crianças que estão na rua: acolhe-los e dar-lhes a possibilidade de viver num lar, uma casa, e ter contacto com irmãos para depois procurar a sua família e reuni-los com ela. Quando isso não é possível, procuramos outras casas do processo de reinserção social para poder fazer o encaminhamento das crianças que já abandonaram definitivamente a rua.

Como está organizada a casa e que tipos de actividades desenvolvem-se?

Em primeiro lugar, a Casa Magone acolhe crianças que ainda vivem na rua e vêm só para passar a noite: neste caso, elas têm uma actividade educativa antes de dormir e outra de manhã, das 8 às 10.00. Depois disso arrumam as suas coisas e retornam às ruas.

Quando as crianças chegam aqui, o que esperam?

Inicialmente querem sentir-se livres, viver como viviam na rua; as vezes ao contrário querem tudo o que nunca tiveram nas suas casas. A maior parte delas, quando decidem realmente ficar, querem estudar, realizar o sonho que albergam no coração e querem mudar de vida. Essa é a impressão que eles nos dão.

O que faz com que as crianças queiram ficar no centro?

Bem, o grande atractivo vem das actividades que se desenvolvem aqui. Elas encontram um clima, um meio social e relações diferentes daquelas que tinham nas ruas e muitas vezes na família. Sabemos que muitas vezes as famílias não têm a capacidade de fazer com que a criança sonhe mais. Portanto, elas quando chegam aqui e encontram um ambiente educativo no qual os educadores na verdade são também irmãos, amigos, companheiros; encontram amizades nos outros meninos, actividades criadas de forma atractiva e dinâmica, ademais de poderem ter as 3 refeições diárias, vestuário, estudo, saúde, que não encontram na rua ou na família, decidem deixar definitivamente a vida de antes.

Pela tua experiência, qual é o segredo para ganhar o coração destas crianças?

Falar em segredo é um pouco complicado já que estamos a trabalhar com seres humanos. Mas tem uma coisa que acho que é fundamental e é acolher as crianças e amá-las porque nem sempre elas nos poderão compreender quando queremos ajudar. Podem interpretar essa ajuda de forma negativa, podem não concordar, podem não gostar, mas todo coração è sensível ao amor. Portanto o segredo é ter força de vontade para continuar apesar das dificuldades que surgem, procurar dar o melhor de si mesmos (amor, perseverança, compreensão)

O que te faz feliz neste trabalho, e quais as situações que te deixam ou deixaram mais triste?

O momento mais feliz? Nem tenho de reflectir! É ver o antes e o depois de uma criança que passa pelo centro. Ver como ela se transforma, muda de vida, como sai da rua, entra para o centro e como ficam depois. É uma coisa milagrosa e isto me deixa satisfeito.

Agora, o momento mais triste para mim? Posso dividi-lo em duas partes: primeiro quando não conseguimos fazer o que projectamos (actividades, saídas com os meninos...), por falta de material ou meios, e nos sentimos incapazes de resolver a situação, e nem conseguimos encontrar alguém que ajude! Segundo é muito difícil quando fazemos de tudo para ajudar uma criança, traçamos um projecto, tratámo-la melhor, mas ela não corresponde, se nega a tudo e volta à rua, a drogar-se, a roubar e a fazer coisas que não são boas para ele. Isto me deixa muito triste.

Como se aplica a pedagogia de D. Bosco neste trabalho?

Isto é o que nos tem ajudado a fazer o que temos feito até agora, porque o método usado normalmente, o que aprendemos em nossas casas e nas nossas escolas não facilitaria o nosso trabalho, já que não dá a possibilidade à criança de se expressar livremente e ter protagonismo na própria educação. Sabendo que no método pedagógico de D. Bosco, os educadores, mais do que vigilantes, se envolvem e envolvem as crianças nas actividades educacionais que lhe dizem respeito, mostra carinho de modo que ela se sinta capaz de fazer grandes coisas. Ainda mais, o método pedagógico de D. Bosco poderia nos ajudar a evitar que experiências negativas obtidas na rua, sejam repetidas dentro de casa, aproveitando-se dos mais fracos. O educador evita isso conversando, fazendo com que a criança se sinta amada para que tudo o que são pensamentos/ sentimentos negativos desapareçam.

Se tivesses de mandar uma mensagem de sensibilização à sociedade angolana sobre as crianças de rua o que dirias?

Primeiro diria que na tentativa de desenvolvimento económico que queremos para Angola, não se pode colocar de lado as crianças, principalmente as que se encontram em situação de risco na rua. Fazem-se projectos para tudo, mas nunca para eles! Digo que eles também fazem parte da família angolana e precisam da mesma atenção que damos às estradas e às infra-estruturas públicas. Outra coisa, é o cuidado com as instituições, principalmente a família. Como com as crianças de rua, se pensa em projectos para tudo menos para as famílias. Reclamamos pelo comportamento dos meninos de rua, mas nunca da maneira como os filhos são concebidos, o mal-estar, as dificuldades que se passam para criar um ambiente saudável para criá-los condignamente. O apelo é, cuidemos da célula básica da sociedade para evitarmos o alastrar-se do problema.

A terceira recomendação é a de não deixar as crianças só ao cuidado das ONGs e das Igrejas. Existem poucos dados a nível institucional. Todos esperam pelas ONGs e as Igrejas para resolver o problema. Que seja responsabilidade do Estado e que este trabalhe em parceria com as ONGs e com as Igrejas e não o contrário.

No bairro de Lixeira, ao contrario, a função de centro de primeiro acolhimento era desenvolvida pelo CIC (Centro Infantil Comunitário).

Durante a realização do projecto, no entanto, o CIC sofreu alterações significativas, tanto estruturais (que serão discutidos na parte dedicada a este tema), como de conteúdo. De facto, a necessidade de substituir as estruturas de acolhimento nocturno e diurno, com uma posicionada em outro bairro (por causa do novo plano de desenvolvimento e do desmantelamento do mercado Roque Santero) criou uma reflexão inevitável sobre a eficácia de manter a mesma organização das actividades e os mesmos

objectivos pedagógicos. A localização da nova estrutura, embora estratégica para o trabalho educacional dada a proximidade a uma fervorosa comunidade Salesiana, que oferece muitas oportunidades de estudo e recreação, torna muito difícil o encontro diário, dada a distância dos lugares onde as crianças passam o dia, em primeiro lugar os mercados informais. Por esta razão, foi substancialmente desvalorizada a característica de flexibilidade que descrevemos como elemento-chave para o sucesso desta primeira etapa do processo de reintegração social.

A nova estrutura, reabilitada, como resultado destas considerações, tornou-se então um centro de acolhimento residencial, apesar de acolher crianças que vêm directamente da rua. Em geral, essas crianças são aquelas que foram sensibilizadas durante os encontros semanais "de rua" e que prova estar determinado a mudar vida.



2.1.3 Centros de acolhimento residenciais - Casa Margarida e Casa S. Kizito

Os centros de acolhimento residenciais, comparados aos centros de acolhimento descritos no capítulo anterior, são estruturas com um maior grau de organização e de responsabilidade por parte das crianças que entram. O tempo de permanência nesses centros depende da história de cada uma das crianças, da sua idade e da real possibilidade de ser reinserido na família de origem. É de fato, a partir desta etapa do processo que se inicia o trabalho de localização e re-educação da criança e da família, com vista a reunificação (ver parágrafo 2.1.6).

Cada um destes centros é gerido por um coordenador pedagógico que, assistido pelo Salesiano responsável pela obra, coordena uma equipe de educadores. Através de uma cuidadosa divisão dos turnos, estes últimos acompanham a criança nas atividades diárias e ficam com eles durante a noite; garantem a segurança, a limpeza e a organização da estrutura; mas, acima de todas as coisas cuidam das actividades educacionais, com o objectivo de acompanhar o crescimento de cada menino.

Como explicado no parágrafo anterior, os meninos que entram nos centros de acolhimento residenciais fazem-no por opção, sabendo de que se trata e decidindo espontaneamente - embora apoiado por figuras educativas - para começarem uma experiência mais exigente a nível de compromisso, mas também mais satisfatória graças aos resultados pessoais obtidos.



Os centros são organizados de tal forma que o nível de vida não é muito diferente daquele em que viveria uma família nas periferias de Luanda, como aquelas onde se encontram as estruturas

salesianas. Por esta razão, dentro da casa os meninos se empenham em limpar o próprio quarto e as áreas comuns, cuidam das próprias roupas e lavam os pratos, dividindo as tarefas como "bons irmãos". Apesar do facto de que o centro de acolhimento não tem a mesma estrutura de casas de família, que serão analisadas sucessivamente, a convivência por longos períodos cria verdadeiras relações de fraternidade, e junto deles não faltam as grandes alianças, bem como terríveis discussões típicas das relações entre irmãos.



No bairro de Mota, o centro de acolhimento residencial chama-se Casa Margarida e recebe uma média de 30 crianças com idade entre 8 e 18 anos. Alí trabalham oito educadores, entre os diurnos e noctúrnos.

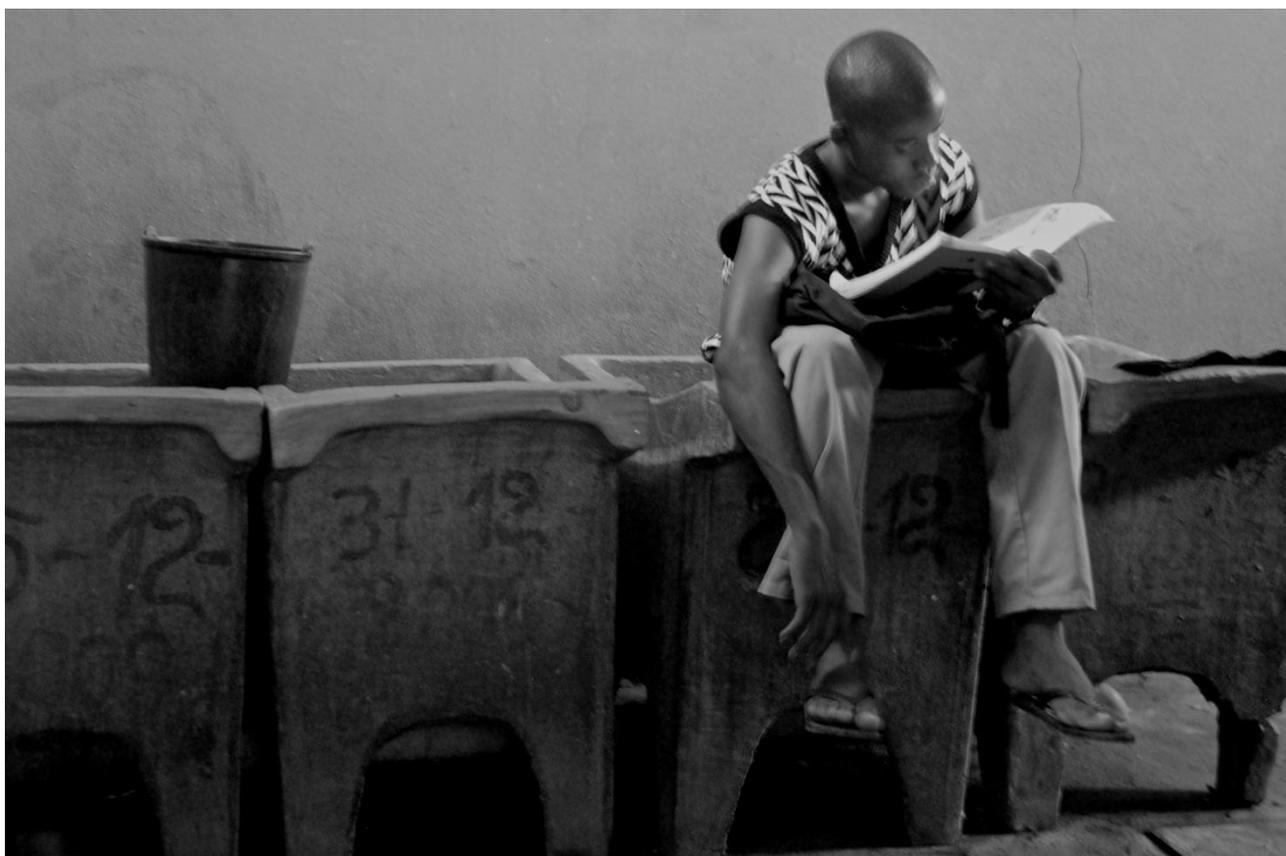
As histórias destes jovens são diferentes umas das outras, mas todas têm alguns caracteres semelhantes: um conflito com a família - ou devido à desintegração desta, ou ao alcoolismo de um dos membros do núcleo - e as consequentes ameaças de violência ou a acusação de "feitiçaria" que leva a criança a ser afastada de casa pelos familiares ou por vontade própria, indo viver na rua. A partir daqui, depois de um período mais ou menos longo, através do trabalho de conscientização na estrada ou o passa-palavra feito pelos outros meninos, toma-se a consciência da existência do centro de acolhimento Casa Magone e, como já foi explicado, depois de um período nesta estrutura, decide-se para se juntar ao grupo da Casa Margarida.

Um dia típico nesta casa tem um ritmo muito apertado e as actividades que se desnvolvem são organizadas tendo sempre em mente o objectivo educacional subjacente.

Etrato da entrevista ao Coordenador Pedagógico ADJAIME de Freitas Cadete

Como está organizada a semana, que tipos de actividades desenvolvem-se?

As crianças que residem na casa, têm muitas actividades nas quais participarem: segunda-feira fazemos a avaliação da semana, na perspectiva dos próprios meninos; ouvimos quais são, na opinião deles, os aspectos positivos e os que devem ser melhorados e, com o tempo, vamos melhorando as coisas. Às terças e quintas, fazemos trabalhos manuais de forma pedagógica; transformamos momentos de diversão artística em momentos de aprendizagem. Às quartas e sextas-feiras os meninos praticam desporto, aos sábados fazem também trabalhos manuais e têm um primeiro contacto com o computador, jogando e despertando a sua imaginação, depois disso vão à catequese na comunidade cristã da zona. Já aos domingos, depois da Missa participam dos grupos juvenis da Paróquia, alguns de manhã e outros de tarde. Neste dia, aparecem também alguns voluntários da Universidade Católica que organizam actividades com as crianças. De segunda a sexta, no período de tarde, todos frequentam a escola, cada um segundo seu próprio nível escolar e idade.



O elemento essencial para o crescimento e fortalecimento dessas crianças é compartilhar com os colegas do bairro que frequentam a paróquia. Durante as actividades desportivas, a escola, a capela e os grupos juvenis, os meninos da Casa Margarida têm a oportunidade de compartilhar muitos momentos com os outros meninos do bairro e isso torna mais estimulante o debate e mais construtivo o ambiente educacional. A comunidade de Mota, é também muito sensível às dinâmicas da Casa

Magone e da Casa Margarida, e torna-se um elemento adicional de segurança e controle, bem como assegurar uma renovada, embora indireta, orientação educacional.

Os numerosos testemunhos colhidos durante os anos do projeto contam a real transformação destas crianças, a sua gratidão às pessoas que sempre estiveram perto deles, falam do futuro, dos sonhos, perseguidos com perseverança e sacrifício, com a consciência de que se devem empenhar para tornar-se parte de um futuro melhor.

Entrevista a PEDRO Daniel (Dany 2) 13 anos, Isaías Eduardo (Isaías) 15 anos, FELIZARDO Jaime (Dadilo) 14 anos, CRISTIANO Mariano Casal (Cristiano) 13 anos, meninos da Casa Margarida.

Podem contar brevemente a vossa história, ou seja, como chegaram aqui? Já estiveram na rua? Há quanto tempo estão aqui? Gostam desta casa?

DANY2 - Estou no centro há 11 meses. Estou muito melhor aqui e cheguei para vários motivos. Complicações entre os meus pais, o pai saía de casa, voltava tarde, chegava sempre bêbado e criava confusão em casa, estes são os motivos principais. Não passei muito tempo na rua, uns jovens me acolheram e depois vim para o centro.

ISAIAS - **Estou** bem aqui porque tenho uma educação melhor, diferente da que tive na casa dos meus familiares. Conheci novas pessoas, fiz novas amizades e encontrei pessoas que me ajudaram e me demonstraram muito amor, graças também a Deus que me protegeu durante todo o caminho. Sai de casa devido ao comportamento que tive com o meu pai e irmãos. Fiquei algum tempo na rua, somente algumas semanas. Um amigo que já não está aqui, mas num outro centro de formação que nós chamamos Cabiri me trouxe até aqui. Aconteceu assim: eu estava a andar na rua e me encontrei com uma moça a quem expliquei o meu caso, ela que me levou à paróquia de S. Paulo. Aí, encontrei o Padre Manuel (SDB), a quem também expliquei o caso. Ele levou-me ao Padre Stefano, responsável Salesiano da comunidade de Mota e ele me trouxe aqui ao centro onde falou com o Adjaimé, coordenador pedagógico e me deixaram entrar.

DADILOY - Queria agradecer muito à Deus pela oportunidade, porque conheci a Casa Magone de estar aqui desde 2006! Estou aqui há 6 anos e 2 meses, e a formação que recebo aqui não é a que tive em casa. Eu primeiro cheguei na Casa Magone porque não me comportei bem em casa e o meu pai me batia muito e eu também mexia em coisas que não me pertenciam. Agora estou aqui, tendo uma boa formação, conhecendo novas pessoas, gosto muito. Vivi na rua algum tempo. Já em Janeiro de 2006 vim para a Casa Magone e naquela altura não era muito constante, entrava, saía, queria ficar, mas depois desistia e voltava a rua, agora decidi entrar na Margarida e fico aqui para sempre até ir à Kala Kala e terminar a minha formação. O que mais me atraía na rua era que mexia nas coisas que não me pertenciam para ter dinheiro, ouvia conselhos dos amigos lá, me drogava, fumava “lhamba” (marijuana) e outras coisas que não me faziam bem. O que me fez sair da rua foi que eu era muito drogado, não pela gasolina que só chupei uma vez, mas sim pela “lhamba”. Houve um dia em que tomei a decisão de querer passar da Magone para a Margarida, falei com os educadores, Adjaimé e outros, pedi para entrar, mas depois desisti e voltei a rua. Outra vez estive doente, voltei para a Magone, algum tempo depois desisti outra vez. Finalmente tomei a decisão definitiva e me concentrei já, por isso estou agora na Margarida, é questão de ter vontade!

CRISTIANO - Eu sinto-me bem aqui no centro e saí de casa pela maneira como me tratavam, os maus tratamentos, as condições de estudo eram mínimas. Éramos 6 irmãos, o meu pai morreu e a minha mãe não conseguia cuidar de nós sozinha, não podíamos ir à escola. Também vivi na rua, mas nunca consumi drogas porque achei que prejudica a nossa saúde. Aqui no centro só aprendi coisas novas, também recebi formação

que eu nunca tinha recebido em casa. Quero que os meus irmãos que estão aqui comigo e me dão atenção possam se sair bem no seu futuro, e eu quero me esforçar sempre aqui na Margarida porque só assim vou poder ter uma boa família.

Pensando na vossa vida aqui na Casa Margarida, qual foi o momento mais bonito e qual o mais triste?

DANY2 - Os momentos melhores são quando o número de meninos em casa se multiplica, o número é cada vez maior. O momento mais difícil é quando o número de crianças na casa diminui e estamos todos em briga, sem paz, e harmonia.

ISAIAS - Para mim os momentos mais bonitos são quando saímos e encontramos novas pessoas, quando acolhemos novas crianças que decidem sair da rua e mudar de vida, quando estamos sempre juntos e fazemos actividades boas, como por exemplo, fazer desporto ou ir à escola. Agora, os piores momentos são quando penso no que fui, quando choro a pensar nos meus irmãos que ficaram no Bié (uma das províncias).

DADILOY - O momento mais difícil é quando estou na cama a reflectir no passado e as vezes lamento do que fui. O momento melhor é quando a casa está cheia e estamos todos bem, na alegria e paz.

CRISTIANO - O momento mais feliz é quando as crianças voltam para à família e esta trata as crianças com carinho, sabendo que os filhos estiveram no centro e mudaram. O momento mais difícil é quando os irmãos querem voltar para a rua e também quando um dos irmãos quer “ipotocar” (acusar injustamente) o outro para que este seja mandado embora.

Há alguma coisa que no centro não tem e que vocês gostariam que houvesse?

DANY2 – Que estivéssemos unidos todos os dias.

ISAIAS – Todos sermos amigos de verdade, de coração, com amor verdadeiro entre nos mesmos, o que não temos neste momento.

DADILOY – Aqui tem tudo o que precisamos!

CRISTIANO – Encontrar pessoas santas já que temos esta casa graças a um santo (Dom Bosco).

Em ralação ao vosso futuro. O que sonham?

DANY2 – Não sei se o meu sonho vai se realizar. Quero ser maquinista, andar de trem por toda a linha férrea.

ISAIAS – Eu sei, quem procura acha e eu tenho a certeza que um dia Deus vai me ajudar no que eu quero fazer, ser uma boa pessoa e ser um jogador.

DADILOY – Eu quero ser um jogador famoso e quero que Deus me ajude a realizar este sonho, mas nunca se sabe do futuro! Quando a morte vem não bate a porta! O meu jogador preferido é o Jó do Petro de Luanda.

CRISTIANO -- Quero ser como D. Bosco. Sei que não é muito possível porque já cometi muito, mas, quero ajudar as pessoas que mais precisam.

No que concerne à vossa família, o que esperam? Querem voltar?

DANY2 - Quero poder voltar para casa, quero que a minha mãe veja que eu sou uma pessoa diferente, e também trabalhar para ajudá-los.

ISAIAS - Quero um dia voltar para a minha família, já formado, que o meu pai me admire, porque sempre tratou de maneira diferente o meu irmão menor porque eu era desobediente, falava palavrões. Quero voltar, esquecer o que era no passado, quero que a minha família me admire.

DADILOY - Eu também posso mudar de comportamento, já não sou o menino que era antes, fazer com que me admirem, me formar para ajudar a minha família e que me vejam como outra pessoa, uma pessoa admirável que mudou muito.

CRISTIANO - Queria ser um modelo para a minha família, que eles tenham orgulho de mim, do filho que nasceram, que vejam o quanto o centro me ajudou e possam agradecer por isso.

Muitas vezes falando convosco e com os vossos irmãos disseram-me que não gostavam de ser chamados meninos de rua. Porque?

DANY2 – não tenho vergonha de admitir que fui menino de rua, mas irrita que alguém me chame assim no meio de gente. É um momento feio.

ISAIAS – eu acredito e admito que já fui menino de rua, não tenho vergonha de dizer isso! Mas, se hoje alguém me chamasse assim, eu me sentiria muito ofendido porque ninguém gosta de ser chamado desse jeito. É um nome muito feio.

DADILOY – na minha opinião eles têm razão. É um nome feio. Neste momento eu não sou menino de rua, sou menino da Casa Margarida, os meninos de rua são aqueles que não vivem num lar e que nem sabem o que vão comer ou onde vão dormir.

CRISTIANO – Digo o mesmo. Todos nós passamos por essa dificuldade mas já a superamos e não queremos que nos chamem mais assim, principalmente no meio de gente, ficamos nervosos! As pessoas sentem medo de nós! Pensam que vamos lhes fazer mal, que vamos lhes roubar! Por isso não gostamos que nos chamem assim.

Ainda existem em Luanda muitos meninos que vivem na rua. O que diriam a essas crianças agora que tiveram a experiência de viver no centro? Sentem alguma responsabilidade para com eles?

DANY2 – A todos aqueles meninos que ainda estão na rua eu deixo este conselho: que encontrassem alguém que os dirija a uma casa Salesiana para que possam ser ajudados a refazerem as suas vidas.

ISAIAS – Para todos os meninos que neste momento estão na rua, que abandonem e encontrem um centro onde ir, mesmo sabendo como é difícil deixar os vícios da rua (drogas etc...). Meus irmãos, tenham coragem! Podem ir ao qualquer centro. Nunca rejeitam ninguém. Coragem e força.

DADILOY – Dizer que pela experiência que tive na casa Margarida e Magone, que saiam da rua venham para uma delas, ou que vão ao encontro de outro centro de acolhimento que existe em Luanda para que possam se formar e ter um futuro melhor.

CRISTIANO – Nunca é tarde demais, se ajuda a quem precisa. Como nos ajudaram, também haja ajuda para os que ainda necessitam. O conselho que deixo, é que procurem um centro onde possam se formar para que saiam de lá bons cristãos e honestos cidadãos.

Com relação às instituições angolanas, o povo. O que deveriam fazer para acabar com os meninos de rua?

DANY2 – Uma vez um educador contou-nos que no ano ‘92 havia moços que iam às ruas, davam conselhos às crianças, cantavam com elas, brincavam, alguma vez levavam comida e isso ainda se faz na comunidade

de Lixeira, e isso è muito bom!!!

ISAIAS – Para que a situação dos meninos de rua acabe, o Estado deve dar habitação às famílias! A falta desta, leva as famílias a abandonarem seus filhos; deve criar centros profissionais, escolas, dar água, luz a toda à sociedade, para que as famílias não ignorem os seus filhos, dêem sempre atenção, porque tudo na vida passa. Quem sabe hoje ele é um menino que atormenta, mas amanhã será alguém que dá orgulho.

CRISTIANO – Para o Estado, a sociedade e as famílias. Que nunca mais abandonem os seus filhos! Foram os pais que os nasceram e devem ser os pais a cria-los. Quem tem filhos, deve fazê-los crescer em família! Aí crescem melhor, mesmo que não sejam muito correctos, algum dia pode ser um homem justo, honesto e pode trabalhar para ajudar a eles. O Estado, que não nos ignore só porque estamos na rua. Não queremos que nos dê dinheiro! Só que nos dê um lar!

Se tivessem de pensar numa pessoa que vos ajudou nesta mudança, quem seria?

DANY2 - Eu agradeço a todos aqueles que me ajudaram nos momentos que mais precisei, quando estava triste e pensava na minha família. Em particular ao meu amigo Adi que vive aqui connosco, porque ele foi a primeira pessoa que me ajudou quando cheguei, na questão da roupa, ensinou-me, explicou-me como funcionava a casa... a ele agradeço! Também em nome de todos agradeço à tia Berta porque quando alguém da casa está doente, a tia está sempre disposta a cuidar. Ela nos tem como seus filhos e o amor que sente por nós è grande.

ISAIAS – Gostaria agradecer às pessoas que me ajudaram e continuam a ajudar. Primeiramente aos meus educadores, principalmente ao educador “Louco” e ao “Irmão Nelo”, porque estes dois são os que sempre me têm acompanhado. O educador Louco ajuda na minha higiene pessoal e o Irmão Nelo, me ajuda quando estou doente e para tratar os meus documentos. Depois, ao Adjaimé por ser um dos meus educadores, e a este projecto VIS que se responsabiliza pela casa, à Fulvia que me ajudou a tratar da cédula, e também à Lucia que me ajudou a fazer pulseiras e outros trabalhos manuais, à Brígida que foi minha professora na alfabetização e me ajudou muito a superar as dificuldades que eu tinha e graças à Deus hoje já sei muita coisa. Também agradeço à tia Berta que é como mãe: acompanhou-me, ajudou-me, aconselhou-me, passeou comigo, abraçou-me, deu-me carinho, como a minha mãe nunca fez porque já morreu. São essas pessoas as quais agradeço do fundo do meu coração.

DADILOY – Em primeiro lugar agradeço muito à pessoa que me tirou da rua onde eu dormia debaixo da chuva. Se chamava “Mano Lito”, mais conhecido por “Abengu” Levou-me até a Casa Magone. Porque se não fosse por ele, não sei o que seria de mim, pois eu conhecia a Magone mas, nunca tive vontade de ficar.

CRISTIANO – Eu quero agradecer em primeiro lugar a Maria, em segundo a Don Bosco e em terceiro aos Salesianos. A Don Bosco, porque ele fundou esta comunidade Salesiana que ajuda muita gente como nós. Agradeço também à todas as pessoas que passam a maior parte do tempo comigo como os irmãos e aos educadores. Também agradeço à Brígida que me ajudou com algumas dificuldades que eu tinha, e agradeço a todas as pessoas que me ajudaram aqui dentro da comunidade para que eu continuasse no centro, em particular ao educador Vado, graças aos seus conselhos ainda me encontro aqui no centro até hoje.

No bairro da Lixeira, no entanto, o centro residencial chama-se Casa S. Kizito e, como dito precedentemente, mudou os seus objectivos educacionais ao longo do projecto, transformando-se numa realidade mais rigorosa, onde os meninos acolhidos devem demonstrar um certo nível de responsabilidade e comprometimento. O centro abriga uma média de 20 meninos que são

acompanhados, de forma semelhante ao da Casa Margarida, por 11 educadores, divididos entre os diurnos e nocturnos, coordenados por um responsável pedagogo

Durante a semana, na parte da manhã as crianças estão envolvidas em cursos de alfabetização realizados no centro por dois educadores que se dedicam exclusivamente à Casa S.Kizito. Durante a tarde, no entanto, alternam actividades desportivas (futebol, capoeira), à actividades lúdicas e educativas (teatro, arte, role-games, etc ...), ou actividades de artesanato (aprendem a trabalhar com madeira).



O facto de que esta estrutura seja o primeiro passo que os meninos enfrentam depois de terem decidido de sair da rua, faz com que a percentagem de meninos que fogem para voltar para a condição anterior de vida seja superior à da Casa Margarida. Por esta razão, este ambiente é mais protegido de influências externas e é por esta razão que as actividades realizadas diariamente pelas crianças da Casa S. Kizito não facilitam o encontro com colegas de diferentes realidades. No entanto, há uma variedade de oportunidade distrações e saídas planeadas durante o mês, dias na piscina ou na praia, campeonatos de futebol, acampamentos de alguns dias fora de Luanda.

Outra característica única do centro da Lixeira é a organização do fim-de-semana. Sendo a reintegração familiar um dos principais objectivos do trabalho de acolhimento e de reintegração social, imediatamente depois de se ter localizado a família de origem do menino acolhido - em geral após vários meses de adaptação - a criança e a família são consultados sobre o desejo de passarem o fim-de-semana juntos. Se as duas partes concordarem, se dá vida a um programa semanal segundo o qual no sábado o menino volta para casa dos familiares, para na noite de domingo fazer retorno à Casa S. Kizito.

É uma metodologia que facilita a reunificação gradual, bem como a responsabilização dos parentes; mas infelizmente acontece muitas vezes que a actitude pouco acolhedora das famílias fazem o menino reviver os momentos de conflito, ou que este se desvie do caminho de casa para visitar os "velhos amigos" na rua aproveitando da oportunidade para ter contacto com alguma substância entorpecente. Por estas razões, o coordenador pedagógico e o Salesiano responsável pela obra, monitoram esta rotina semanal caso por caso. Com base na evolução ou regressão (do menino ou da família), decidem se é proveitoso continuar com este programa ou se é mais adequado suspender temporariamente ou permanentemente.

Aqueles que, por várias razões, não encontram as famílias de origem durante o fim-de-semana, têm de qualquer maneira a oportunidade de "provar" a realidade da casa da família, o próximo passo no processo de reintegração social, indo passar lá o sábado e domingo.



Como mencionado anteriormente, a mudança real da criança começa a partir dessas estruturas de acolhimento residenciais.

O uso de substâncias tóxicas, os comportamentos violentos, de rebelião, de insegurança vai diminuindo gradualmente; a armadura é abandonada, deixando espaço para a parte mais sincera, mais amorosa e de solidariedade, às manifestações de alegria, aos pensamentos de fraternidade... mas o caminho para encontrar a si mesmo, reserva ainda muitas incógnitas.

2.1.4 Casas famílias: Casa S. Zeferino Namucurà, Casa S. Domingos Sávio Casa e Casa da Tia Berta

A casa-família é uma etapa extremamente importante do processo de reintegração social posta em prática pelos Salesianos e pelo VIS. Nas duas comunidades Mota e Lixeira, essas estruturas são geridas de diferentes maneiras, dependendo das características da comunidade; por este motivo vamos tentar analisá-los separadamente.

A) Na comunidade de Mota, a casa-família é chamada Casa de Tia Berta.



No início do trabalho feito pelos salesianos em Luanda, em favor das crianças de rua, a Casa da Tia Berta era a única estrutura de acolhimento existente. Por muitos anos, esta casa foi chamada de Casa Margarida e nela viviam meninos com características semelhantes às de crianças acolhidas nos centros de acolhimento residencial. No entanto, no início do projecto, dada a superlotação que tinha alcançado a Casa Margarida e a conseqüente dificuldade de garantir uma estadia confortável, digna e um acompanhamento adequado, decidiu-se transferir os meninos da Casa Margarida, ao centro de assistência residencial descrito no parágrafo anterior e deixar à Tia Berta o cuidado exclusivo das crianças mais novas. Hoje a Casa da Tia Berta, para além da sua grande família de cinco filhos, alberga mais três crianças, de 4, 6 e 14 anos de idade.

Por esta estrutura ser conhecida pelas suas características de hospitalidade, nos três casos em questão, as crianças foram levadas para a casa de Tia Berta muito novos, encontrados abandonados nas ruas da cidade. Como é fácil de imaginar com estas crianças, já desde o início, o trabalho educacional não teve como objectivo a reinserção na família de origem, uma vez que, é claro, estas eram impossíveis de localizar. O compromisso da Tia Berta foi, portanto, de criar essas três crianças como parte da própria família, tendo também a guarda legal. A casa da Tia Berta, então, é um tipo de casa de família que acolhe crianças sem dúvida, em risco, por serem considerados órfãos, ao contrário dos outros no projecto.

Para além disso, Tia Berta, embora não seja mais directamente responsáveis pelas crianças da Casa Margarida, não perdeu a sua enorme influência sobre eles como a figura feminina e de referência. Não é incomum ver um menino de Casa Margarida ir visitar Tia Berta para pedir um conselho sobre um assunto pessoal, para oferecer a sua ajuda para um qualquer típico "trabalho de homem", para "roubar" um pedaço de pão ou até mesmo simplesmente para obter um gesto de carinho. Este comportamento enfatiza de maneira essencial e altamente significativa a importância da figura de Tia Berta, a espinha dorsal de toda a comunidade de Mota.



Estrato da entrevista a Alberta André (Tia Berta)

Para você que é mãe, como foi a experiência de receber filhos de outras mães? Quais os factores positivos e negativos?

Bem, a primeira coisa que senti, foi o instinto materno, sou mãe e uma criança indefesa precisa de ser defendida para que possa sobreviver. De facto houve duas crianças que chegaram aqui em péssimo estado de saúde. Eu acolhi-as, e embora com um sentimento de temor, cuidei delas e hoje estão muito bem e vivas. Na altura quando começamos este trabalho (faz mais de 10 anos), não tínhamos nenhum tipo de ajuda. Recebíamos crianças em péssimas condições mesmo sem saber como trata-las. Tivemos dificuldade de vária ordem, mas a necessidade de ter a criança viva fazia com que todo o resto fosse secundário. Nós nem tínhamos transporte! Levávamos a criança doente às costas a procura de assistência médica. Mas o amor que sentia por elas superava tudo! Coração de mãe.

Houve alguma diferenciação entre os seus filhos e as crianças que chegavam? Houve preferências?

Neste sentido posso dizer que sou uma mãe feliz. Os meus filhos biológicos em momento algum desprezaram os outros. Por vezes, tu chegavas em casa e encontravas um convívio entre eles e era difícil distinguir os meus dos outros! Havia uma iteração tal, que era uma maravilha! Amizade, total entrega e quando for necessário os meus filhos cuidavam dos outros. Cito como exemplo o caso do Carlos, que veio doente e deu muito trabalho, encontrei nos meus filhos a ajuda para cuidar dele, levá-lo ao hospital; não tive dificuldades. Os meus filhos criaram sempre uma poderosa empatia com cada criança que chegava. Não faço diferenças e nunca dei motivos para isso. Demonstrava tal amor por todos, que ninguém se sentia marginalizado. A coisa era tão maravilhosa, que todo e qualquer um era bem recebido, os meus, mais velhos, ajudavam os mais novos em tudo e também nos trabalhos da escola, num clima de amizade e irmandade, irmãos de sangue. Até eu fico admirada!

Quais são, na sua opinião, os passos necessários que devem ser feitos pelas instituições, pelas famílias, pelo País, para que o fenómeno meninos de rua desapareça?

Eu acho que isto é assunto do Governo! Este é que deve criar políticas para que cada família tenha o suficiente para criar condignamente os seus filhos. Veja bem: o fenómeno de feitiçaria virado para as crianças só surgiu por causa da pobreza! Um pai que pode sustentar o filho, nunca o acusaria de ser feiticeiro. Não devemos só aumentar os salários. Devem criar-se novos empregos, condições básicas para que as famílias possam desempenhar o seu papel que é de gerar filhos, alimentá-los, educá-los, instruí-los e prepará-los para a vida. Quando numa família o pai não trabalha, a mãe é zungueira e o irmão mais velho não consegue estudar, porque não encontra lugar nas escolas públicas e aquelas privadas estão fora do seu alcance, esta fica estagnada, com dificuldade de sobreviver. O segredo é potenciar também os jovens, porque se eles trabalharem podem ajudar as próprias famílias.

Eliminar a pobreza com esta política, pode ajudar a diminuir em muito o número de meninos de rua.

Digo diminuir dado que alguns deles se encontram na rua por motivos que nada têm a ver com a pobreza. Alguns deles simplesmente não querem ficar com os pais. Em Angola, antigamente por causa da família alargada, os filhos nunca eram abandonados pelos pais ou vice-versa! Hoje as coisas são diferentes por causa da pobreza que afecta todas as famílias. Poucos têm muito e a maioria não tem nada; se não tem para dar ao seus filhos, como vai dar aos outros? Se não forem criadas estas políticas, o fenómeno, na minha opinião, vai continuar.

Tem de se cuidar mais da juventude, arranjar meios para que as crianças possam ser instruídas, mas devem ser criados também centros de recreação. Devem ser educadas, mas têm de ter um lugar de jogo, de encontro, de partilha, de convívio em segurança para ter um crescimento saudável. Assim sim, o fenómeno poderá desaparecer.

Com certeza, durante estes anos, você foi mãe e ensinou muita coisa às crianças. Qual foi o maior ensinamento que tirou desta experiência?

Com certeza o maior ensinamento que tirei da minha experiência foi a SOLIDARIEDADE! Coisa que aprendi com as próprias crianças. Nem imaginas, que logo de manhã elas procuram umas às outras e se algum deles tiver passado mal a noite, os irmãos é que me avisam! Aí nota-se a preocupação delas com outro ser humano! Isto despertou-me muita atenção! Elas que são carentes e estão a ser acolhidas, se preocupam com a situação dos outros, muitas vezes deixando de se preocupar com eles mesmos, colocando o outro em primeiro lugar. Durante todo este tempo este lado cativou-me bastante. De maneira que, percebi que há momentos em que devemos abandonar as nossas necessidades para olhar pelos outros. Se todos nós deixássemos de lado o egoísmo, a arrogância e déssemos um pouco mais de nós aos outros, a nossa vida seria um êxito! Isto aprendi com a experiência!

B) Na Lixeira ao contrário, as Casas de família existentes são totalmente integradas no processo de reintegração social dedicado a crianças de rua. Em cada uma delas um casal Angolano abre a sua família ao acolhimento de meninos, em média 10, já considerados "ex" meninos de rua. A riqueza desta etapa do processo é fazer a criança reviver uma situação familiar, precisamente, que já foi abandonada há algum tempo e que é necessário para que volte a experimentar a dinâmica típica de qualquer família em que todos têm pequenas responsabilidades funcionais à coexistência serena e pacífica. Também é importante proporcionar às crianças, em um momento de passagem do seu caminho de renascimento, pontos de referência maduros, mãe e pai, com os quais se comparar de forma construtiva e que os inspirem para decisões e comportamentos.

Os meninos da Casa S.Kizito, geralmente depois de um período não inferior a seis meses e que, de qualquer maneira, varia de pessoa a pessoa, são acolhidos na Casa S. Zeferino Namucurá, localizada no bairro da Boa Vista, ou na Casa S. Domingos Sávio, localizada no Bairro de Mabubas, ambas, dentro de duas comunidades salesianas. Esta passagem ocorre quando a equipe de educadores, o responsável

pedagógico e o salesiano de referência a considerem adequada, geralmente com base na observação do desenvolvimento das habilidades de comunicação, motoras, cognitivas, e as habilidades sociais da criança, bem como sobre a base da sua vontade e necessidades.

Ressaltamos que, durante todo o processo que estamos a descrever, está prevista a participação activa dos jovens, de forma gradual, com relação à sua crescente consciência da sua própria realidade, com uma abordagem participativa que visa estimular o sentido de responsabilidade e o papel de cada um, bem como ajuda a definir os próximos passos para o desenvolvimento de projectos de vida verdadeiramente sustentáveis.

O estilo de vida dentro da casa é simples e típico dos bairros mais pobres de Luanda, onde não há luxo, e a vida decente é particularmente apreciada se vivida em comunidade e se caracterizada pela solidariedade.



Os dias nas Casas de Família são organizados de maneira ligeiramente diferente em comparação aos centros de acolhimento. Além de frequentar a escola nas classes de alfabetização, primária ou médio, os meninos têm as suas responsabilidades em casa: quem se dedica ao fornecimento de água, quem se ocupa da limpeza das áreas comuns, quem se ocupa da cozinha, quem lava a louça, enquanto a limpeza do quarto é feita pelos seus ocupantes. Não faltam também momentos de desporto e os clássicos jogos entre irmãos, bem como um espaço diário reservado ao estudo e aos trabalhos de casa (tarefas).

É costume também que às actividades fora do programa semanal - viagens para a praia, campeonatos esportivos, momentos de partilha - participem seja os meninos das Casas de Família, seja os da casa S.Kizito, a fim de criar uma ligação constante entre aqueles que vivem momentos diferentes do processo de recuperação e influenciar positivamente os menos experientes.

Uma das características dessas estruturas é o diálogo. Quase diariamente há momentos em que a família alargada se reúne, geralmente em torno de um prato de "funje" (comida tradicional de Angola), para compartilhar os acontecimentos do dia, resolver os conflitos ou simplesmente para transmitir uma mensagem educativa. O acompanhamento destas crianças, geralmente no início da adolescência, exige muito cuidado e paciência, especialmente uma vez que qualquer trauma sofrido na infância se reapresenta, muitas vezes de maneira discreta, desenvolvendo atitudes agressivas, timidez, sensibilidade excessiva, etc...



Cada vez que as etapas do processo se seguem, diminui a taxa de deserção, ou seja de meninos que decidem voltar à rua. É verdade que existem casos de crianças que fogem de casa. As razões são geralmente: conflitos com colegas que não se conseguiram gerir de maneira construtiva; ou a atracção pelo dinheiro, que nunca deixa de atrair os meninos a cometer pequenos furtos e fugir com medo de serem descobertos. Quando isso acontece, geralmente o menino é localizado rapidamente e é convidado ir ao centro para conversar com o coordenador pedagógico. No caso de se notar nele um sincero arrependimento e desejo de retomar o caminho de onde foi interrompido, dá -se outra oportunidade para evitar que o caminho tomado até ao momento se perca em um gesto muitas vezes ditado por reminiscências pouco construtivas.

O testemunho do renascimento dessas crianças é muitas vezes manifestado em simples gestos, um dos mais impressionantes é o reconhecimento que estes meninos têm para com os pais que deram a sua

disponibilidade para ajudá-los a crescer. Mesmo depois de terem deixado a casa-família, o carinho pelo núcleo familiar "adoptivo" não muda e mesmo depois de muitos anos, os jovens mostram como essa experiência os marcou profundamente e o quanto sentem que pertencem de maneira indiscutível à família onde passaram parte da sua nova vida.

Por sua vez, os "pais" têm um trabalho que não é fácil a nível emocional. Depois de terem compartilhado a sua quotidianidade com um grupo costumam vê-los se dirigirem para uma nova fase e devem recomeçar um novo compromisso, tendo que re-estabelecer as regras da vida familiar. Na passagem de testemunho durante a inauguração da reforma de sua casa, as palavras de Dina, "mãe" da Casa S. Zeferino Namucurà, ecoando as emoções vividas em muitos anos de serviço para os "últimos", ressoam como um alerta para toda a comunidade: "Uma criança não vem da rua ou do lixo, mas nasce do ventre materno!".



2.1.5 Centro de formação integral de Kala Kala

O Centro de formação integral de Kala Kala, localizado a cerca de 40 km da capital, em uma zona verde e isolada perto da cidade de Catete, oferece uma educação de base, formação profissional e agrícola, para uma média de 100 alunos internos com idade compreendida entre 14 a 18 anos, desenvolvido em 3 anos de residência.



O objectivo do centro de Kala-Kala é educar através dos princípios salesianos, bem como através do trabalho e da convivência, transformando o menino em um verdadeiro protagonista da própria vida em sociedade. Procura-se estimular nos jovens uma consciência crítica e de responsabilidade para a cidadania activa, que preveja um compromisso em favor da mudança social, bem como promover o resgate da dignidade de cada indivíduo. Kala-Kala tem o objectivo de formar cidadãos honestos, prontos para serem acompanhados à inserção no mercado de trabalho no momento em que receberão o diploma, tendo adquirido conhecimentos, habilidades e atitudes adequadas.

Este centro tem a distinção de não atender somente as crianças que vêm desde as etapas iniciais do processo de reintegração social postas em prática pelos salesianos, apesar do fato de que eles têm a maioria dos assentos reservados. Pelo contrário, recebe também crianças “em situação de risco” que vêm de outros centros ou directamente de aldeias vizinhas.

A formação integral dos meninos é dividida em três partes: alfabetização, formação profissional e socialização.

Do ponto de vista pedagógico, ao fim de três anos os meninos atingem um nível de escolaridade que corresponde ao ensino primário.

Em termos de formação profissional, no entanto, os alunos internos recebem formação nas seguintes áreas:

- Agricultura
- Construção Civil
- Electricidade
- Carpintaria
- Metalurgia

De maneira geral, dedicam no total 400 horas a quatro dessas disciplinas e 800 horas na quinta disciplina, por eles escolhida como área de especialização.

Quanto à educação não-formal, estão envolvidos em actividades desportivas (futebol, capoeira, basquete, dança), de associativismo (escuteiros, grupos juvenis), dedicam algum tempo para cívica e para a cidadania, incluindo sessões dedicadas a preparação para a integração profissional e são envolvidos na animação das crianças e adolescentes de aldeias próximas.



Entrevista à alguns dos rapazes que vivem e estudam em Kala Kala

BRUNO

Como te chamas, quantos anos tens, à quanto tempo estas em Kala Kala?

Chamo-me Bruno, tenho 17 anos de idade e estou em Kala Kala há 2 anos.

Como foi a tua vida antes de chegar aqui?

Antes de chegar aqui estive no centro de Mota, no Sambizanga, onde comecei a estudar e fiquei por algum tempo. Depois de algum tempo sai do centro e voltei à rua onde voltei a me drogar, roubar e lavar carros. Lá, apareceu o Pe. Filiberto que tirou-me daí com o meu amigo Miguel e levou-nos de volta à casa Magone. Lá, no início éramos muito refilões, não gostávamos de trabalhar nem de brincar. Agora, estamos aqui e agradeço muito por isso.

E quem é o Miguel?

O Miguel é um amigo que estava comigo no Mota, mas, ele já não se encontra aqui, porque nós os dois fizemos uma coisa terrível, que não deveríamos ter feito e por isto tínhamos sido suspensos. Só que ele nunca mais voltou e até agora não tenho notícias.

Houve um momento particular em que decidiste que querias mudar mesmo de vida, sair da rua e seguir outro caminho?

Sim, foi no dia 21 de Outubro de 2009.

E o que aconteceu naquele dia?

Foi neste dia que nos encontramos com o Pe. Filiberto no largo da Independência na Mutamba. Ele falou connosco e mostrou outras possibilidades, e quando eu saí de lá, estava muito mais contente porque sabia que haveria de mudar de vida.

Aqui em Kala Kala, encontraste o que querias?

Encontrei, mas não tão bem assim, porque o que eu queria mesmo era mudar de comportamento, de atitude, mas não estou a conseguir. Quero mostrar à minha família que faço muito esforço para aguentar, mas as vezes não aguento e faço algo que não deveria.

Quais são os comportamentos que gostarias de mudar?

Gostaria de saber viver melhor na sociedade e com outras pessoas, falar com os outros, não faltar respeito aos educadores, me comportar bem na sala de aulas e trabalhar também, porque vejo que não estou a trabalhar suficiente. Vou levar mais ainda do que vim buscar.

Se tivesses de agradecer alguém por teres saído da rua e te encontrares aqui, quem seria?

Agradeceria especialmente à minha professora lá do Mota. Fez tanto esforço por mim, porque queria me ver bem. Foi ela que esteve sempre perto de mim e falou com o Pe. Filiberto para que eu ficasse aqui. Ainda mais agradeço ao Pe. Filiberto, ao Pe. Stefano e à Tia Berta.

O que gostarias de ser no futuro?

Gostaria de ser Procurador, um polícia civil.

Quais os momentos que te fazem mais feliz, e os momentos mais difíceis aqui em Kala Kala?

Fico muito feliz quando vejo todo o mundo unido e sem confusão, participando em todas as actividades, conversando sobre a vida e o que está a acontecer. Como eu não conseguia estar junto das pessoas, faço aos poucos esforços para conseguir estar bem com as pessoas. Os momentos mais difíceis: primeiro quando recebi uma ligação a dizer que a minha mãe tinha desaparecido já há 3 semanas. Eu fiquei furioso, não conseguia colocar a cabeça no lugar. Segundo, quando os colegas me provocam, fico muito triste. Se eu sair daqui, não sei para onde ir.

Achas que não podes voltar para a casa da tua família?

Vou conseguir voltar. Neste momento não posso voltar porque fiz muito mal e eles não confiam em mim. Proibiram-me de voltar para casa. Por isso todos os dias peço a Deus que me ajude a estar perto da minha família, mesmo que eles não me queiram ver.

Sentes muito a falta da tua família?

Sinto muita saudade, mesmo que eles não gostem ou não queiram me ver ao seu lado, quero que eles sejam felizes e eu lhes mostrar aquilo que sou agora, pessoa diferente daquela que eles conhecem.

ANDAMENTO

Como te chamas, quantos anos tens, há quanto tempo estás em Kala Kala?

Chamo-me António Damião, mais conhecido por Andamento, tenho 17 anos de idade e estou em Kala Kala há 3 anos.

Antes de entrares para Kala Kala, onde vivias?

Antes de vir para cá, estive no Centro da Irmã Domingas. Como eu estava na rua, fui para lá pequeno. Cresci lá. Até aos 13 anos de idade e depois fui enviado para cá.

Com que idade entraste para o Centro da Irmã Domingas?

Com 4 anos de idade.

Aqui em Kala Kala, quais são as actividades que mais gostas?

A actividade que mais gosto é a dança, o círculo da amizade e das salas de aulas.

Explique um pouco o que é o Círculo da Amizade e quantas vezes se reúne?

Círculo da Amizade é um grupo que dá conselhos a alguns irmãos que não falam uns com os outros, fazemos também cartazes para os aniversariantes e decoramos a casa. Este grupo encontra-se uma vez por semana, aos domingos.

Quais são as coisas que não gostas muito e que gostarias de mudar aqui em Kala Kala?

Eu gostaria que alguns irmãos mudassem de comportamento, e nos faltam algumas coisas, como por exemplo, fornecer melhor a biblioteca e o sistema de comunicação.

Qual o curso profissional que estás a seguir?

Já fiz os 5 cursos: electricidade, marcenaria, agricultura, construção civil e o último foi serralharia, agora estou a especializar-me no curso de serralharia.

Este ano terminas os cursos. O que queres ser no futuro?

Espero ter um trabalho e dar continuidade a esta arte que tenho e gosto tanto, que è o desenho.

E como surgiu este gosto pelo desenho?

Este gosto surgiu lá na Irmã Domingas. Lá estudamos pintura, fizemos quadros e também cozemos roupas.

O que expressas através desta arte?

Consigo dar conselhos só pela pintura e mostrar algumas imagens que eu vejo, por exemplo, algumas paisagens típicas africanas. Os meus trabalhos também têm algo da tradição angolana, para não perder as nossas origens.

Se tivesses de agradecer a alguém pelo caminho que percorreste até agora, quem seria?

Agradeceria à Irmã Domingas e a todos os colegas que aqui se encontram.

De quem sentirás mais saudades quando já terás saído do centro?

Vou sentir falta dos meus colegas, da direcção e dos meus professores que eu mais gosto!

Você acha que vai conseguir voltar para a casa da tua família?

Acredito que sim.

Quem vai te esperar em casa?

O Pai, a Mãe e os meus irmãos que estiverem lá.

Se tivesses de deixar uma mensagem para os teus amigos o que dirias?

Que aproveitem esta oportunidade tão linda que Deus nos concedeu de estar aqui. Quando eu estava na Irmã Domingas era diferente e as oportunidades eram diferentes. Quando estamos em briga, há sempre alguém que nos aconselha a estarmos bem uns com os outros, cresci muito aqui no centro.

O primeiro curso de Kala Kala encerrou o ciclo de três anos em dezembro de 2011 e os alunos receberam o diploma na presença do Vice-Ministro da Administração Pública, do Trabalho e Segurança Social (MAPESS), que reconhece oficialmente o título obtido, para além de, a nível institucional apoiar o centro, contribuindo para o pagamento dos salários dos professores da área técnica.



Entrevista a RAMIRO Dos Anjos, Director Adjunto do Centro de Formação Integral de Kala Kala

Como se chama, qual é a função que ocupa e há quanto tempo está aqui?

Chamo-me Ramiro dos Anjos, director adjunto do Centro de Kala Kala e director pedagógico. Estou cá há quase 6 anos.

O Ramiro conhece bem como é o processo de reinserção social, já que anteriormente trabalhou como coordenador pedagógico dos centros de primeiro acolhimento na Lixeira. Na sua opinião, quais são os pontos positivos e os negativos deste processo?

Fazendo uma comparação com o trabalho anterior, este último era praticamente o trabalho preliminar que complementa o de Kala Kala. Aqui o trabalho é mais regrado já que os meninos estão num centro onde a programação é de 24/24 h e não têm muita possibilidade de sair. Diferente do trabalho anterior, no qual as crianças estavam muito próximas da cidade, dos mercados em particular, e também com maior possibilidade de consumir substâncias como o álcool e a gasolina. O trabalho é bom porque tem como objectivo a recuperação destas crianças que estão fora do sistema familiar por várias razões.

Aqui, os meninos vivem em sistema de internato. Quer saber quais são os objectivos de Kala Kala, e quais as actividades que se desenvolvem?

O objectivo primário é a formação integral, tal como diz o nome do Centro. Aqui o menino encontra desde a formação moral, religiosa, à formação científica que são as aulas académicas. Em relação as actividades, temos uma programação de segunda à sexta-feira. Começamos as 6 horas, que é a hora de acordar, as 6.30

fazemos a oração, as 6.45 pequeno almoço, as 7.20 vão todos para as salas de aula, as 11.45 almoço, 12.20 limpeza e organização da casa, 13.35 os meninos voltam para as salas de aula onde têm diferentes actividades. Segunda, até as 18 horas. As terças e quintas temos actividades desportivas até as 18h. As 19.20 jantamos, as 20 fazemos actividades informais (música, biblioteca, estudo, telejornal) organizadas pelos próprios meninos, com a supervisão dos educadores. Mudamos a rotina no sábado: acordamos as 6.30, as 11.30 faz-se limpeza geral, as 12.00 almoçamos. Depois disso, divide-se o grupo em dois. Um grupo vai descansar e o outro vai à sala de jogos. Depois temos capoeira, catequese as 17.40, para depois irmos à missa. As 18.20 o jantar. Em seguida vemos um filme sem nos importarmos com a hora de término e só depois disso vamos dormir.

Estou curiosa de saber como vive a mudança que sofrem os meninos desde a sua entrada no centro até a sua formação e saída. Quais os aspectos mais marcantes desta mudança e como a vivem eles, dado que esta, para além de exterior, é também/sobretudo interna?

Primeiro impacto é a adaptação ao ambiente, já que eles provêm de um lugar com regras diferentes das que existem aqui, que são integrais. Estas, devem ser cumpridas desde o despertar à hora de dormir. Depois disso, vem a questão do empenho do menino nas actividades pedagógicas e profissionais que complementam a sua formação. Os primeiros seis meses geralmente são os mais difíceis, por ele estar numa situação delicada e conturbada, estar num ambiente diferente. Passado este tempo as coisas melhoram e ele já consegue caminhar. Os resultados são visíveis! Tivemos muitos rapazes que conseguiram passar por cima de tudo e hoje são pessoas diferentes.

Nestes anos houveram também fracassos? Meninos que não conseguiram aguentar e tiveram de ser afastados ou que saíram por vontade própria?

No nosso trabalho observamos alguns fracassos. Infelizmente não estamos a 100%. Houve rapazes que abandonaram o centro por vontade própria e tudo tem sido feito no sentido de retê-los, mas infelizmente tivemos de reencaminhá-los às suas famílias. Nunca deixamos nenhum menino na rua! Sempre procuramos a sua família para que esta possa dar continuidade à formação integral. Alguns deles foram afastados por indisciplina, isto é, arrastar os outros para situação de maldade. Para nós isto é fatal porque mexe com toda a estrutura. Nós fazemos tudo, mas quando vemos que já não dá, optamos para envia-los de volta para as famílias.

Quantos meninos passaram por cá nestes anos?

Começamos por fases: no primeiro ano tínhamos connosco 50 rapazes; no segundo 80, depois 120 e neste momento temos 95 rapazes.

Qual a importância da família, sobretudo para os meninos que viviam na rua e perderam o contacto voluntariamente ou não, porque fazer contacto com elas?

A família é fundamental para o nosso trabalho e para o processo educativo da criança. Educar é a sua função. Os Centro servem de complemento já que não têm de carácter definitivo. No período em que ficam no Centro, temos de fazer um trabalho de base com a família em vista da sua futura reinserção, para dar continuidade ao seu desenvolvimento e formação.

E elas como reagem?

Tendo em conta o historial de cada menino, as famílias reagem positiva ou negativamente de acordo com o comportamento que este teve no passado. Existem meninos que foram parar às ruas porque cometeram algum delito em casa: roubo, falta de colaboração; muitas vezes, ele sai de casa e por influência de amigos permanece na rua e adquire vícios que as famílias não suportam. Portanto o trabalho que temos feito é o de sensibilizá-los no sentido de verem o menino como a pessoa que é actualmente e o que poderá ser no futuro. Mais do que falar, o comportamento dos meninos mostra tudo.

Se você quisesse lembrar um momento, uma situação que te dá forças para continuar o que fazes, qual seria?

Em função de tantos anos de trabalho, são tantos, mas posso destacar o enquadramento de tantos rapazes que estavam em situação precária e conseguiram constituir famílias, singrar na vida e sinto-me orgulhoso quando me encontro com um deles. Muitos eu nem reconheço! Eles vêm ao meu encontro, e com os seus automóveis levam-me para onde eu estiver a ir. É uma satisfação muito grande ver um rapaz de 12/13 anos

que se transforma num homem de 25 anos com uma vida estável; apesar de muitas vezes questionarmo-nos sobre a vida que escolhemos. Ser educador, muitas vezes não nos permite sermos aquilo que sonhamos, nem conseguimos bens materiais, porque neste ramo não se ganha muito. Mas a alegria de contribuir para o bem de outras pessoas nos recompensa!

Quais os maiores desafios deste trabalho?

Sempre que o nosso trabalho se torna difícil, revemos os nossos objectivos, rebuscamos a nossa auto-estima e caminhamos.

Kala-Kala tem também como objectivo o acompanhamento psico-social do menino, com vista a superar os traumas vividos no passado e promover a reconexão de relações com as famílias, através de um processo de conscientização que pode levar-se possível à reintegração de menino no núcleo originário. Os alunos são acompanhados por educadores e voluntários (inclusive internacionais) na localização e visita periódica às suas famílias de origem. Infelizmente, este processo nem sempre produz o resultado desejado. As condições de extrema pobreza que muitas das famílias vivem e a grande disparidade nos salários e no acesso aos serviços, de facto, levam à situações frequentes de abandono dos filhos, por falta de condições, ou maus-tratos, devidos à situações frustrantes relacionadas com abuso de álcool, resultando em um aumento dramático do fenómeno das crianças em conflito com a lei.

Devido a estas situações familiares comuns, muitas vezes torna-se nocivo ou mesmo inadequado promover a reintegração das crianças que concluem o curso de estudos em Kala-Kala, em quanto se manifesta a necessidade urgente de apoiá-las num processo que leve à total independência econômica e autonomia social; mas evitando expo-las aos perigos de uma transição repentina e não devidamente acompanhada no último estágio do seu percurso de recuperação.

Para citar uma das muitas realizações e sucessos deste centro, entre os rapazes que completaram a sua formação em Kala Kala, em 2011, três estão agora a trabalhar como professores do mesmo centro, tendo feito o exemplo de seus "mestres" a aspiração para o próprio futuro: participar do crescimento de jovens que, como eles, vêm a este centro, muitas vezes sem um objectivo pela frente.

2.1.6 Localização e reintegração familiar

Como mencionado anteriormente, um dos objectivos principais do trabalho de reintegração social é a reunificação com a família de origem. Este processo geralmente começa em centros de acolhimento e residenciais e continua nas fases subsequentes. Em cada comunidade, Lixeira, Mota e Kala Kala, trabalha um educador responsável pelo processo de localização e reintegração familiar. Este último desenvolve-se em diferentes momentos que têm como objectivo final reinserir o menino na família da qual foi distanciado, mas se propõem também a restabelecer o relacionamento com os parentes, recriando os laços de afeição de uma maneira segura. É, portanto, também para tornar as famílias responsáveis pelo seu papel educativo e de protecção à criança e de acompanhar os parentes para o reconhecimento das suas mudanças, resultantes da viagem que empreenderam e os resultados obtidos tenazmente.

O primeiro passo deste processo é a localização da família. Isto é feito com base às informações fornecidas pelo rapaz e às lembranças que ele tem do local da casa onde ele morava. Pode-se então notar que este processo pode ter início somente e exclusivamente quando o menino se sente capaz e determinado a enfrentar tal passo. Seria muito fácil para ele, o que acontece muitas vezes, não fornecer as informações necessárias para a localização da sua casa, para atrasar o momento do reencontro.

Quando o educador acompanha o menino ao primeiro encontro com a família, torna-se o mediador entre as duas partes e deve ter a capacidade de capturar elementos importantes, a fim de definir um caminho possível de aproximação. No diálogo com a família será, portanto, essencial para ouvir a versão de que estes dão dos eventos que levaram ao afastamento da criança, bem como para se debruçar sobre os comportamentos e as reacções dos diferentes actores para entender as dinâmicas relacionais implícitas e explícitas. O primeiro encontro tem também o objectivo de colher dados tanto quanto possível sobre o menino, para além de informações sobre a eventualidade deste ter documentos de identidade em sua posse.

Com base nesses elementos, de retorno ao centro, decidir-se-á se e como definir um plano de "re-educação", que possa envolver a família e o menino e que leve, de forma gradual, ao fortalecimento de vínculos emocionais, à "aceitação mútua das mudanças ocorridas ao longo do tempo e à manifestação de um desejo de reunificação.

Os estudos de caso das reacções de famílias a quando do seu encontro com a criança é muito diversificada e geralmente depende das razões que levaram ao distanciamento: variando de extrema felicidade por ter encontrado o filho que muitas vezes pensaram ter perdido para sempre e uma vontade de levá-lo de volta para a casa, à hesitação ligada à lembranças de roubo e dificuldades criadas pelo menino antes de ele sair; à relutância ligada à realidade de muitas famílias desestruturadas em que os filhos de uma união anterior são discriminados tratando-lhes como filhos ilegítimos; à

incapacidade de receber a criança devido à situação de pobreza em que vivem as famílias e da dificuldade para alimentar mais uma boca; à rejeição total, resultado de acusações de feitiçaria impossíveis de esquecer e que na cultura local não expiram (levar para casa o menino seria, na sua crença, atrair para si o máu-olhar).



As famílias com as quais se está a definir um caminho de reunificação são convidadas a conhecer o centro ou a casa onde vive o menino, as actividades realizadas durante a semana, e são incentivadas a visitá-lo de maneira regular.

Apesar das habilidades de sobrevivência que as crianças adquiriram durante o período vivido na rua e a tendência de ocultar o sofrimento que vivem, mantendo-os dormentes em profundidade, a falta da família se manifesta com muita força nos meninos. A consciência de que a família, apesar do distanciamento que durou algum tempo, está disponível para um encontro, lhe faça visita e mostre interesse por eles, é uma fonte de grande felicidade e motivação para perseverar e melhorar o seu compromisso diário .

Notável é também a influência que o reencontro de uma criança com a família tem para com os outros meninos do centro. A felicidade dos amigos pelas emoções positivas vividas pelo seu amigo, se manifesta sempre e muitas vezes tem o efeito positivo de estimular ainda mais os relutantes em serem convencidos a fazer pelo menos uma tentativa de localização.

Entrevista a MANUEL Miguel João, Localizador da Casa Margarida

Como te chama, qual é a função que ocupas e há quanto tempo?

Chamo-me Manuel Miguel João, sou educador do Centro de acolhimento residencial Margarida e trabalho com os Salesianos há 5 anos na área de localização familiar.

Com que metodologia desenvolve este trabalho? Quais são os objectivos?

O meu trabalho começa com uma visita, para conhecer as causas da saída da criança. Explico à família o motivo da visita, que não é julgar a família nem as crianças. O objectivo é de fazer com que as crianças possam regressar às famílias no futuro.

Qual a primeira reacção do menino quando vai encontrar a família pela primeira vez?

Normalmente a primeira reacção é de medo e timidez. Tenta fechar-se, e as famílias normalmente se negam a assumir responsabilidades.

Quais os principais desafios deste trabalho?

E' bastante delicado, requer muita paciência e saber ganhar a confiança nos meninos, porque muitos, por exemplo, no inicio não aceitam mostrar as suas casas. O maior desafio é poder encontrar a casa das crianças e resolver o problema; as vezes as crianças se esquecem das suas casas pelo facto de estarem há muito tempo longe delas.

Depois de certo tempo de acompanhamento as famílias aceitam receber as crianças ou não?

Bem, tem havido casos em que não aceitam fazer reinserção. Outro problema é que muitas familiares não vêm visitar os seus filhos, ou vêm com pouca regularidade, uma vez por ano, e para o trabalho que fazemos é importante a ajuda dos familiares.

As instituições locais ajudam e acompanham este trabalho?

Agora estamos a beneficiar de um acompanhamento por parte do departamento de prevenção à delinquência juvenil, também temos uma parceria com o INAC (Instituto Nacional da Criança) que nos tem ajudado em muitos casos. Mas a ajuda ainda é pouca; o trabalho teria mais qualidade se tivéssemos a ajuda de parte do Governo e outras instituições.

Na sociedade, o que deveria ser melhorado? Porque o facto de as crianças saírem de casa deve-se a um problema familiar?

Penso que a parte fundamental é a mentalidade que seria necessaria para mudar a sociedade de Angola. As pessoas pensam só em si mesmas e prejudicam os demais, principalmente as crianças. A nossa sociedade investe em coisas que não ajudam no desenvolvimento da criança, portanto, ainda temos uma consciência muito baixa. Fala-se muito pouco do trabalho de reinserção social nos órgãos de difusão massiva. Alguns cantores vêm aos centros e cantam para as crianças pensando que só assim ajudam-nas, mas não é suficiente.

Pode contar uma experiência que viveu e que o marcou?

A mais recente aconteceu durante a localização da família do Gino (menino da Casa Margarida), na cidade de Malange. O reencontro com a família foi especial porque o menino recebeu a notícia que acabava de perder um dos irmãos. Ficou muito chocado. E também as condições de vida dele eram muito precárias, mas a mãe ao vê-lo chorou de emoção, porque acreditava que o filho estivesse morto. Estes casos me emocionam muito, sem mencionar que o menino pôs-se a chorar também. Também vivi uma situação bastante crítica de um rapaz que saiu de casa por ter sido acusado de ser feiticeiro, mas ele disse ter saído de casa por ter roubado. Indo em direcção à sua casa, pelo caminho havia muita gente tentando agredir o rapaz. Quando chegamos à casa, os familiares disseram que ele matou muita gente, vizinhos e familiares. Tivemos de voltar ao centro, mas não desisti. Posso dizer que a acusação infundada de feitiçaria é o principal motivo que não permitiu a reinserção do rapaz.



O trabalho de reintegração familiar também fornece as oportunidades de formação e/ou sensibilização das famílias nos centros de acolhimento.

Estes encontros são organizados para desenvolver, juntamente com os familiares dos rapazes recebidos, questões cruciais para enfatizar a importância do papel dos pais como garante da protecção das crianças, da sua educação e saúde. Os momentos de conscientização são organizados de forma participativa para assegurar a partilha de experiências e discussão. Além disso, proporciona um momento em que os meninos podem mostrar os seus talentos e actividades as que se dedicaram

durante a semana. Nessas ocasiões, não se deixa de salientar que nenhuma estrutura de acolhimento pode substituir a família e que os trabalhos realizados nos centros e nas casas de família nunca serão completos sem o apoio da família, que é a única capaz de transmitir o amor e o carinho típico do núcleo fundamental da sociedade.



Durante o projeto, as parcerias desenvolvidas com as instituições locais têm incentivado a expansão deste trabalho de localização e reintegração familiar. Uma das dificuldades frequentemente encontrada, de facto, foi a fuga de responsabilidades parentais dos membros das famílias dos meninos. Diante desses problemas, o "Departamento de Prevenção da Delinquência Juvenil" da polícia e "Instituto Nacional de Criança" contribuíram para os momentos de conscientização realizada nos centros, esclarecendo as responsabilidades legais da família frente ao abandono da criança e deram maior profundidade para visitas de familiares, especialmente em casos de famílias relutantes em cooperar.

Na verdade, quando um representante de uma instituição do governo acompanha o educador social responsável pela localização, nota-se imediatamente uma atenção especial ao que é dito e, em geral, uma maior consciência das responsabilidades das quais os familiares se devem encarregar.

É claro que existe risco de que essa reacção seja exclusivamente o resultado da presença do polícia ou da pessoa responsável pela protecção da criança e, portanto, não inteiramente espontânea. Tentamos superar este problema, garantindo uma presença discreta, colaborativa e sempre de baixo perfil da instituição governamental, em comparação ao educador social, que tem um papel de liderança.

Paralelamente a este trabalho também foi desenvolvido o trabalho de documentação das crianças alojadas nos centros. Uma vez localizada a família, de facto, na maioria dos casos, confirma-se que o menino não foi registrado e portanto, não tem um documento de identidade, em poucas palavras, para os efeitos legais, ele não existe.

Esta situação, que infelizmente envolve crianças não só de rua, mas uma boa percentagem da população (e isso é um problema generalizado em grande parte da África) tem envolvido o VIS e os Salesianos em busca de uma solução. Graças ao trabalho em rede com as instituições locais, criou-se uma parceria com a Delegação Provincial da Justiça, através da qual abrimos um canal com o escritório de registro de referência para o bairro de Sambizanga (4 ° Conservatória). Através desse escritório público, e de acordo com uma lei que prevê que as crianças que atingem 14 anos de idade podem fazer uma auto-declaração sobre o seu nome e os nomes de seus pais e avós, temos conseguido excelentes resultados, conseguindo registrar um número significativo de crianças que passaram pelos centros de acolhimento durante os três anos do projeto. Crianças menores de 14 anos de idade, ao contrário, também foram registradas, mas graças ao testemunho dos operadores das casas de família e centros, com base nas informações recolhidas durante os encontros com as suas famílias.

Ainda em relação a este projecto, temos de sublinhar que na maioria dos casos tenha faltado a assunção de responsabilidade por parte da família - devido à ignorância sobre as leis que protegem as crianças ou porque os próprios pais estão em situação irregular com a documentação e, portanto, impossibilitados de registrar o filho - esta deixa de fazer valer os seus direitos e os dos seus filhos, ajudando a alimentar um ciclo vicioso que impede a cidadania activa e a participação na sociedade.

2.1.7 Casas em semi-autonomia

A passagem para as casas em semi-autonomia permanece como o último elo de uma cadeia que tem como objectivo oferecer aos meninos contactados semanalmente pelas ruas de Luanda, um modo de vida orgânico e organizado alternativo à estrada. Como vimos até agora, as crianças têm a oportunidade de ser acompanhados por um processo gradual de afastamento da rua - e dos seus vícios, abusos e violência - e de reintegração na vida da sociedade, até conseguir atingir autonomia total graças a entrada no mundo do trabalho e aos conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridos, necessários para serem cidadãos responsáveis e conscientes.

De facto, esta última fase do processo, não faz parte do projecto sobre o qual estamos a falar neste documento, já que não existia no momento da sua apresentação à União Europeia. É de facto, uma "criação" recente, nascida da análise das necessidades que está a ser desenvolvida de maneira contínua pelos membros da Comissão Salesiana para as crianças em perigo. Pareceu-nos apropriado inseri-la neste documento como um elemento-chave para explicar a integralidade da proposta apresentada e antecipar a programação que o VIS e os Salesianos já planejaram para o futuro, graças à aprovação de um outro projeto por parte da Delegação da União Europeia em Angola, para os próximos três anos.



Durante os últimos dois anos de estadia no centro de Kala Kala trabalha-se para definir o caminho mais adequado para cada aluno, chamado de Plano de Vida Individual (PdV), em base ao qual se

estabelece a sua medida de reintegração. Esta análise é o resultado do trabalho conjunto dos educadores e do responsável de Kala-Kala. Conhecendo pessoalmente todos os jovens e tendo-os acompanhado nos últimos três anos no seu processo de recuperação e protecção da rua, existem as condições tão óptimas que permitem optar por soluções adequadas. No entanto, é necessário sublinhar que o Plano de Vida é analisado e ainda mais personalizado com um trabalho específico realizado com a participação directa do jovem destinatário. Ele é o principal autor da definição do seu caminho reintegrativo.

Depois de três anos de estudo no Centro de Formação Integral de Kala Kala, serão essencialmente três as medidas de reintegração social potencialmente viáveis, sendo a primeira de tipo *extraordinário*, e de todas formas de carácter temporário, enquanto a segunda e a terceira soluções serão ordinárias. *Conditio sine qua non* para as duas últimas opções é a preparação real e a vontade do jovem de dar um novo passo no processo de reintegração social.

1. A prorrogação temporária da permanência no centro de Kala-Kala: quando se observa que o menino ainda não está preparado para sair do centro da juventude, apesar de terem passado os três anos, poder-se-ia optar temporariamente por uma prorrogação da sua estadia. Esta escolha, na economia do PdV individual, deverá ser suportada por um plano de saída nos meses a seguir. As razões para esta escolha podem ser diferentes, citando algumas delas: habilidades de vida inadequadas (*life skills*), possível exposição excessiva aos fenómenos de desvio social (crime, uso de drogas), segurança, necessidade de repetir o ano escolar, etc...
2. Retorno para a família de origem ou à rede de família alargada: nesta circunstância são satisfeitas todas as condições para uma reintegração bem sucedida na família de origem. Nos anos de permanência no programa de recuperação Salesiano (incluindo os três últimos de Kala-Kala) o trabalho com as famílias, que nunca falhou, permitiu recuperar e restabelecer uma situação adequada para o retorno do menino para a família. Como no caso anterior, com a adição da família, o jovem concorda em seguir e cumprir com as etapas estabelecidas no seu Plano de Vida Individual (PdV) para continuar a se beneficiar do serviço de escolta social e profissional.
3. Transição para a casa-autonomia (grupo apartamento): Este é o caso de jovens para os quais não é possível o retorno às suas famílias de origem, porque não têm condições mínimas. Para exemplificar, podemos citar casos de violência intra-familiares (com episódios de abusos), o afastamento sob a acusação de bruxaria (feitiçaria), morte e/ou ausência e/ou indisponibilidade dos pais ou da rede estendida, incapacidade da família em termos económicos, etc... Em paralelo à inserção na casa de autonomia, sempre que possível, as actividades de contacto com a família de origem e do serviço de acompanhamento e fortalecimento das habilidades familiares continuarão. A permanência do jovem nas instalações e a oportunidade de receber apoio constante e orientação profissional e suporte psicossocial está ligada ao cumprimento das etapas previstas no Plano de Vida do jovem, cujas

bases já foram definidas de forma preliminar com a saída de Kala-Kala, que será revisto e completado com o tempo.

A casa autonomia é um serviço de tipo predominantemente residencial, uma vez que os jovens vivem e dormem dentro de um prédio alugado para este fim.

Os destinatários do grupo apartamento estão na faixa etária entre 16 e 21 anos e, geralmente, como se disse, vêm do centro de formação de Kala-Kala, mesmo que sejam constantemente avaliados outros casos identificados, para os quais a possibilidade de inserção forneça a resposta adequada às necessidades expressas pela criança e ao projecto educativo concebido para eles (por exemplo, crianças que vêm de outros centros residenciais).

O tipo de acolhimento é projectado para acomodar até 15 crianças.

A casa autonomia baseia-se em:

- Temporariedade da ajuda ao beneficiário: o apoio ao jovem, determinado com base no projecto educativo e no real sucesso ou fracasso das metas intermédias, não será (salvo excepções justificadas) superior a 24 meses, altura em que o beneficiário, graças à intervenção de apoio psico-social e de inserção laboral formativa, deve ser capaz de se sustentar economicamente. Este sistema visa a sustentabilidade do serviço, e é um importante indicador do grau de reinserção social do beneficiário.
- Experimentação da vida independente e de comunidade, com todas as dificuldades e desafios que um adolescente ou jovem deve enfrentar na vida cotidiana.
- Presença de assistentes sociais preparados para apoiar os jovens: este apoio não é visto numa óptica de assistencialismo, mas como peça necessária para o desenvolvimento, por parte das crianças, de capacidades que levam à autonomia habitacional.

O tipo de solução de alojamento, que é a base do processo de reintegração não pode ser uma estrutura "artificial" separada da realidade do contexto de acção. Se quer evitar uma abordagem excessivamente assistencialista, em base a qual o jovem acaba por ser um usuário passivo de bens e serviços que lhe são garantidos, sem um processo paralelo adequado de capacitação, tanto em termos de responsabilização (no estudo, trabalho), bem como na questão económica (participação nas despesas). Até agora, existe somente uma estrutura deste tipo a funcionar, localizada na cidade de Catete, a cerca de 40 km de Luanda, na mesma área geográfica onde se encontra o Centro de Formação Integral de Kala Kala. Esta é actualmente habitada por 12 meninos.

Entrevista à alguns meninos que vivem na Casa em Semi-Autonomia de Catete

ÁFRICA

Como te chamas, quantos anos tens, há quanto tempo estas na casa de Catete? Chamo-me África, tenho 22 anos de idade e estou na casa de Catete já há um ano.

Antes de vires para cá, como foi o teu percurso? Antes de vir para cá estive no centro de formação Kala Kala por 3 anos e terminei os cursos de marcenaria, carpintaria e electricidade. Depois de terminar o curso, a direcção pensou em colocar-nos numa casa para podermos continuar os estudos em outra localidade.

E o que fazes na casa, como é a vida, e quantas pessoas vivem aqui? Somos 12 felizmente! Dez trabalham e dois ainda não. Seguimos uma vida boa, cristã, vamos à escola, ao trabalho e participamos de algumas actividades da zona.

Depois de saíres de Kala Kala, tens tido contacto com a tua família? Sim. Falamos por telefone e algumas vezes vou visitá-los.

Algum educador vive convosco ou vivem em completa autonomia? Nenhum educador vive connosco! Vivemos em completa autonomia. Somos educadores de nós mesmos.

Alguém vem vos ver algumas vezes para dar conselhos? Sim! O director de Kala Kala, Lucas está sempre connosco, o Pe. Martins, o Pe. Filiberto, o Ramiro (director adjunto de Kala Kala)! Eles estão sempre aqui connosco, è dizer que nos acompanham e nos aconselham. Sabemos que se existe um problema que não conseguimos resolver è a eles que podemos nos dirigir. Alguns educadores também vêm visitar-nos.

Quais são os aspectos positivos e negativos de viver aqui? O bom de viver aqui é o facto de nos tornarmos homens independentes por mérito próprio! Em Kala Kala me formei para me tornar homem aqui. A parte negativa é que aqui a pessoa fica praticamente desestruturada, sem saber informações do mundo! A net é lenta, e a rede eléctrica não favorece! Não conseguimos nem ver alguns programas de TV!

O que queres ser no futuro? Quero ser nada mais que Ministro das Relações Exteriores!

Então ainda tens muito a estudar! Que trabalho fazes? De momento, trabalho na fiscalização de obras, na administração de Catete.

Qual foi o maior problema que tiveram que enfrentar durante este ano? Com certeza foi a relação com a população de Catete, ela não se demonstra favorável a nós. Acham que uma casa onde vivem só rapazes é suspeita! E se alguma menina vem nos visitar é pior até. Quando o povo critica muito a pessoa fica baralhada, sem saber se o que faz é certo ou errado! O povo sempre critica e em vez de ajudar a desenvolver, ajudam a retroceder! A comunidade não está feliz com a nossa chegada aqui, quem sabe seria melhor encontrar uma casa numa outra localidade!

HELDER

Como te chamas, quantos anos tens, há quanto tempo estas na casa de Catete? Chamo-me Helder, tenho 18 anos de idade e estou nesta casa há dez meses.

Como foi o teu caminho antes de vires para cá? Antes de estar cá, estive em Kala Kala. Sou um dos finalistas.

O que fazes nesta casa? Como surgiu este projecto? A ideia desta casa surgiu ainda no Centro Kala Kala,

quando ainda estávamos a estudar e alguns de nós fomos escolhidos para vir para esta casa. O objectivo é estudar, trabalhar, conhecer o sentido da vida autónoma, auto-suficiente.

Estudas e trabalhas? Em que classe e que trabalho fazes? Estudo a 7ª classe e trabalho na Administração de Icole e Bengo. Sou fiscal de terrenos.

Gostas de estar aqui? Como é conviver com 12 pessoas e quanto tempo ficam nesta casa? Gosto de estar aqui, sim! Em princípio, ficamos por um período de dois anos, mas se eu quiser sair antes, posso. A organização da casa é feita em base a estrutura da mesma (4 quartos, 1 sala, dois banhos e 1 cozinha). A limpeza da casa é dividida por quartos. Cada quarto tem o seu dia de limpeza. A nossa convivência é boa! Nos tratamos como irmãos, cada um trabalha numa empresa diferente. No fim do Mês, cada um de nós entrega 10.000 Kz para a alimentação e 5.000 Kz para pagar a renda de casa. Para esta última, como o dinheiro não é suficiente, os Salesianos complementam e não só! Nos ajudam a suprir várias necessidades (saúde, alimentação, emprego). Assim vai a nossa vida.

Como foi a passagem de Kala Kala à esta casa? Houve momentos positivos e negativos?

Existem dificuldades quando a casa está em crise económica, porque um de nós é descontado no trabalho e não tem como dar o dinheiro que falta. Temos também a questão da escola. Em Kala Kala vivi com 50 meninos no início e terminei com 90, todas pessoas respeitosas e carinhosas umas com as outras. Aqui é tudo diferente. As pessoas usam expressões que não têm a ver comigo, vivem num mundo tão diferente do meu que fica difícil me integrar ou me afastar deles. Com base na minha formação e no carinho pelas pessoas que eu tenho, vou superando a coisa nas calmas. Agora, os aspectos positivos vêm do facto de eu acordar feliz por ver os meus irmãos dos quais eu gosto muito e com os quais me entendo muito bem. A grande tristeza é saber que alguns deles em breve irão para Luanda e a separação è sempre dura. Outro motivo de felicidade é que nós podemos visitar e levar algumas coisas para alguns dos nossos irmãos de Kala Kala, temos muita saudade deles!

O que queres ser no futuro? Gostaria de ser engenheiro de obras.

Estás a lutar por isso? Sim. Tenho já muitos cursos básicos entre os quais construção civil o que dá mais forças de conseguir o meu diploma e seguir para adiante.

NELSON

Como te chamas, quantos anos tens, há quanto tempo estas na casa de Catete? Chamo – me Nelson, tenho 17 anos de idade e estou nesta casa somente há três meses, porque antes fui fazer uma experiencia na comunidade salesiana de Lwena, na Província de Moxico.

Como foi o teu caminho antes de vires para cá? Antes de ir para Kala Kala estive na Casa Magone e na Casa Margarida. Em Kala Kala fiz um percurso de três anos que me ajudou a ver o mundo de maneira mais positiva, como o vejo hoje (o certo e o errado). Estando na escola, aprendo sempre novos horizontes.

Antes de viver no centro, estavas afastado da tua família? Sim. Vivia com outros rapazes na rua. Depois apareceu um Salesiano, o P. Júlio que na altura era o responsável das casas de Mota, que me ajudou a mudar de caminho e graças a ele e a muitas outras pessoas, mudei de vida e vou descobrir muitas coisas. Vou conhecer Angola!

O que fazes neste momento? Estudas, trabalhas? Estava a trabalhar mas, tive de deixar porque não me permitia ir à catequese e à missa, tinha que trabalhar no sábado e no domingo também. Estou a estudar neste momento, que é a minha obrigação.

Como foi o reencontro com a tua família? Meu Deus, foi uma maravilha! Gostaram muito de ver o homem em que me transformei. Melhor e diferente graças aos Salesianos. Nas semanas que passei com eles, trataram-me como se nunca tivesse saído de casa.

Depois do processo pelo qual passaste, qual a coisa que fizeste no passado, que gostarias de nunca ter feito? Fiz muita coisa (fumar, drogar-me, roubar) que nunca mais quero fazer. Só quero descobrir Angola. Escrever um livro sobre a história de Angola e sobre a minha vida “O rapaz que queria descobrir Angola”. Este é o meu projecto.

Houve um momento particular em que decidiste que querias sair da rua e mudar de vida? Quando fui baptizado, me fez mudar totalmente, descobri a mim mesmo, aprendi a ter autocontrolo. Quem sabe no futuro ainda terei que mudar e aprender, a vida é uma escola e nela se aprende aos poucos.

Quais foram as dificuldades que encontraste nos meses que viveste aqui e quais as coisas positivas? Dificuldades? Depois de ter estado com os meus parentes, viver em Catete me fez pensar muito e ter vontade de ir viver com eles. Só que, lá não consigo ver bem como será o meu futuro, não tenho bem a certeza por causa da instabilidade que vivem os meus familiares e é melhor prevenir do que remediar.

Como te tornaste uma pessoa responsável qual você è agora? O que me fez ser uma pessoa responsável e autónoma, foi nada mais que a escola, porque aí, estudando Educação Moral e Cívica, aprende-se principalmente quais são as responsabilidades que o ser humano vai acarretar consoante a sua trajetória. A minha primeira alegria foi conhecer a mim mesmo! Foi tão bom que hoje, me orgulho de mim mesmo, do que sou agora e de outros meninos que fizeram o mesmo percurso que eu. E para aqueles que ainda estão na rua, posso falar com eles e dizer que viver assim só atrasa tudo! Não é uma vida boa, é melhor deixa – la.

O que desejas para o futuro? Existem muitos adolescentes que precisam de ajuda. Nós que temos feito esta caminhada também podemos ajudar. A vida na rua, a violência, tudo isto vai acabar. Tudo tem o seu tempo.

O acompanhamento garantido às crianças que vivem na casa em semi-autonomia, é dividido em três áreas principais:

- **Formação às Habilidades para a Vida (Life Skills):** A fórmula Life Skills é hoje amplamente usada e conhecida no contexto de intervenções para apoiar e promover o desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens. Para obter uma definição geral, usamos o documento da Organização Mundial de Saúde “Life skills education in schools”, publicado em 1993, onde são referidos como “as habilidades que levam a comportamentos positivos e adaptação que tornam o indivíduo capaz para lidar eficazmente com as demandas e os desafios da vida cotidiana. As habilidades que fazem parte das Life skills são inúmeras, e a natureza e definição podem ser distinguidas de acordo com a cultura e o contexto. Em qualquer caso, podemos identificar um conjunto básico de competências que são o núcleo dos esforços para promover a saúde e o bem-estar das crianças e adolescentes”¹⁸.

Tal núcleo fundamental, identificado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) está constituído por 10 competências/habilidades:

¹⁸ Para obter mais informações visitar a pagina web: www.lifeskills.it

Auto-consciência	Senso crítico
Gestão das emoções	Decision making
Gestão do estresse	Problem solving
Empatia	Comunicação Eficaz
Criatividade	Capacidade criatividade para relações interpessoais

Com referência às habilidades acima descritas, os momentos de formação para a vida independente/autónoma são traduzidas de várias maneiras: actividades recreativas, dinâmicas de grupo, reuniões individuais, reuniões informais, com uma forte ligação e de acordo com os Planos de Vida Individuais definidos.

- Orientação profissional e colocação no mundo do trabalho. Promover a reinserção social dos jovens com um passado de vulnerabilidade e marginalização significa antes de tudo fornecer alguns fundamentos sólidos que lhes permitam reconstruir a sua presença na sociedade. O direito ao trabalho e à fonte de renda é neste sentido, elemento essencial para permitir a aquisição de autonomia e fornecer recursos práticos para lidar com a vida cotidiana. Além disso, as consequências óbvias em termos de auto-estima, crescimento, fortalecimento e aprimoramento de habilidades de vida.

A todos os jovens que vivem na casa é de qualquer maneira garantido um serviço destinado à definição de um perfil profissional possível, como um primeiro passo para a possibilidade de uma plena colocação a nível laboral. Este serviço tem vários componentes, que incluem tanto um trabalho individualizado com os jovens, seja um compromisso com a rede de actores externos que visa preparar o campo para a recepção positiva dos meninos.

O caminho de formação, orientação e qualificação profissional é evidentemente desenvolvido com base na experiência que a rede Salesiana tem neste campo. Além da fase de orientação e formação, e com base nas competências adquiridas pelos jovens, é então desenvolvido um trabalho de análise das oportunidades de emprego no território e de mediação com aqueles agentes económicos sensíveis e potencialmente interessados a dar a própria contribuição.

- Acompanhamento educacional e psicossocial. A componente psicossocial, em estreita sinergia a componente laboral, ajuda a garantir aos jovens uma base sólida para construir e fortalecer o próprio processo de reintegração na sociedade. É claro que não se pode hipotizar uma saída de um projecto de recuperação, como o dos salesianos, que parte mesmo da vida de rua, que seja repentino e de imediato totalmente independente e individual.

O jovem deve ser acompanhado e contar com uma gama de serviços integrados, oferecidos de forma personalizada. O serviço psicossocial na casa autonomia é, portanto, centrado no jovem

beneficiário, embora não ignorando o contacto com a família de origem, sempre que possível. Em vez disso o serviço educacional procura garantir uma ajuda para questões burocráticas de matrícula escolar, já que se espera que todos os jovens que vivem nesta estrutura continuem a sua educação nas escolas públicas nos arredores.

Como sublinhado anteriormente, esta fase do processo ainda está em fase experimental, sendo funcional apenas a partir de Janeiro de 2012 e com uma única estrutura. Mas os resultados são muito positivos em termos de aquisição de independência, experiência de trabalho, estudo e convivência. Prevê-se já que este último elo da cadeia de reintegração social venha reforçado pelo aumento do número de estruturas e, conseqüentemente, também dos meninos acolhidos assegurando assim para as crianças de rua uma verdadeira viagem de renascimento, em poucas palavras: "desde a rua... até a vida".

Parte 2.2 A formação de educadores

No decorrer do estudo de viabilidade do projecto, surgiu de forma clara a necessidade de apoiar os educadores e animadores sociais num programa de formação, projectado para reforçar os seus conhecimentos e habilidades de ensino, a fim de tornar mais eficazes as suas intervenções diárias ao lado dos meninos. Educadores e animadores sociais, de facto, desempenham um papel fundamental dentro dos centros e casas-família, acompanhando as crianças e os adolescentes, em colaboração com as famílias e as outras instituições dedicadas a esta questão, na sua integração na comunidade e na sociedade.

Em realidades sociais precárias, como aquelas em que o projecto foi desenvolvido, onde as crianças vivem uma realidade de separação do núcleo familiar, os educadores muitas vezes se substituem, pelo menos por algum tempo, aos modelos educacionais que normalmente seriam encontrados na família.



Por esta razão, é essencial que os educadores tenham a consciência do papel delicado, impenhativo e importante que desempenham e, por isso, torna-se necessário que estes tenham uma boa preparação psicológico-pedagógico-didáctica, bem como a capacidade de lidar com problemas diferentes, colocando no centro das suas acções os beneficiários, que vivem em situação de vulnerabilidade.

Numa análise inicial das dificuldades que os educadores encontravam, surgiram várias questões importantes, sobre os quais temos tentado trabalhar no projecto, com um acompanhamento ad hoc (ver a sucessiva "janela" de aprofundamento).

Além da observação da realidade pela equipe do VIS (desenvolvida através de visitas aos centros, do conhecimento directo dos educadores e coordenadores das estruturas salesianas de acolhimento para as crianças de rua e do estudo de documentos de projecto) a análise e conhecimento do contexto

também tem sido desenvolvida de forma participativa. Foi, de facto, elaborado um questionário para os educadores, para envolvê-los activamente e efectivamente na formulação de hipóteses de formação (anexo II). Foram também organizadas várias reuniões em coordenação com a Equipa Técnica (ETC) e a Comissão Salesiana para a juventude em risco, nas quais, se conseguiu o processo de formulação de métodos de ensino, bem como o perfil do educador Salesiano.

Com base no material recolhido, foi formulado um plano educacional para a formação de educadores. Voltado principalmente para aqueles pertencentes às estruturas Salesianas, foi aberto a outros educadores provenientes de outras realidades que trabalham com crianças marginalizadas e em situação de risco (Anexo III e IV).

Com a formulação deste plano educacional queríamos:

- Delinear os objectivos da formação a médio e longo prazo;
- Definir a metodologia, a estratégia de ensino a ser adoptada no ciclo das formações (ênfase sobre a prática e sobre a experiência);
- Definir as actividades e o prazo para a conclusão do ciclo de formação e das suas sessões;
- Desenhar os resultados esperados: sobre o conhecimento, saber fazer, saber ser dos educadores envolvidos;
- Identificar o perfil dos formadores / professores necessários.

O mesmo plano educacional foi, então, compartilhado com o ETC e a Comissão Salesiana para fazer quaisquer alterações, acréscimos, ajustes.

Concluído o processo de redacção, foram tomadas medidas para a preparação do material de informação sobre os cursos (Anexo V) e da organização de um dia de apresentação do ciclo de formação.

O plano de formação anual tem sido desenvolvido de forma cíclica, com a ideia de que cada formação reforçasse o conteúdo da formação anterior. Para além disso, o programa foi organizado em:

- Módulos intensivos que transmitem noções e especialmente práticas educacionais básicas;
- Formação no trabalho (on the job): um acompanhamento diário de educadores para retomar, aprofundar e integrar os conteúdos dos módulos principais (ver detalhes);
- Avaliação e acompanhamento dos educadores pelos coordenadores dos centros e do pessoal do VIS.

Grande importância tem sido dada ao uso de uma metodologia participativa, que transmitisse o conhecimento necessário através de dinâmicas, da troca de experiências, de role-games, da resolução de casos específicos e do envolvimento directo dos participantes na criação de algumas ferramentas de trabalho (fichas de observação, documentos de intercâmbio de boas práticas, etc).

Os principais tópicos abordados durante as formações:

- 1 O perfil da criança em risco / rua;
- 2 Importância da comunicação no trabalho com jovens em situação de risco;
- 3 O sistema preventivo do Dom Bosco;

- 4 O papel do educador e a sua vocação;
- 5 Como ajudar as crianças de rua: educação preventiva nas ruas;
- 6 Os riscos de saúde para crianças de / na rua;
- 7 A reintegração familiar e a sua importância;
- 8 Psicologia do Desenvolvimento: características físicas e psicológicas das crianças;
- 9 Como usar as dinâmicas criativas no trabalho de educação;
- 10 Quem é o professor? Como se relaciona com os seus alunos?;
- 11 Experiências traumáticas de crianças: como identificá-las;
- 12 Caminhos de reabilitação do trauma: técnicas de observação, comunicação e relacionamento com crianças traumatizadas;
- 13 Os valores como princípios e forma de entender as histórias e o comportamento das crianças;
- 14 Drogas, higiene, saúde e técnicas de primeiros socorros;
- 15 Planeamento Educacional: O que é, como ele é feito.

Como acima mencionado, alguns dos encontros de formação foram abertos à técnicos, educadores e animadores de outras organizações e de instituições governamentais. Certamente a diversidade de participantes nestes módulos de formação foi uma mais-valia para a troca de experiências e opiniões que se desenvolveu. Para além disso, alguns módulos foram organizadas em colaboração com outras instituições e ONGs internacionais, locais ou outros (incluindo, por exemplo, a ONG italiana CIES ou francesa SamuSocialInternacional).

No fim do programa anual, a cada participante foi dado um certificado que resume os conteúdos apreendidos e as habilidades desenvolvidas durante as formações.



ACOMPANHAMENTO “ON THE JOB”

Lucia Mucciarone

O acompanhamento “on the job” foi uma actividade de treinamento directo efetuada diariamente com objetivo de melhorar o trabalho dos educadores presentes nos centros de acolhimento.

Tratou-se de seguir de perto o nível de implementação das actividades do centro e analisar os processos que se desenvolveram como resultado dos treinamentos, facilitando assim a identificação das mudanças necessárias, com a finalidade de promover uma maior qualidade dos serviços oferecidos as crianças e aos adolescentes acolhidos.

A necessidade dessa intervenção em contacto estreito com o pessoal dos centros surgiu da análise de algumas dificuldades encontradas, durante os ciclos formativos dos primeiros dois anos, na forma de comunicar-se dos educadores. Percebeu-se que a cultura e a dinamica da vida dos bairros periféricos nos quais estes vivem os faz muitas vezes tomar atitudes nem sempre ideais para uma correta pedagogia educativa.

De forma geral, se pode observar diariamente muitos episódios e comportamentos que não respeitam as diretrizes baseadas nos teores da pedagogia salesiana e dos encontros de treinamento.

Normalmente os educadores tendiam a utilizar os novos instrumentos, conhecimentos e metodologias aprendidos nos treinamentos apenas por um periodo limitado e imediatamente depois das reuniões de treinamento, quando estes estavam ainda “frescos” na mente. Existia, porém, uma grande dificuldade de interiorizar os mesmos conceitos, instrumentos, etc transformando-os em bagagem pessoal para tornar a sua intervenção mais profissional a longo prazo.

Os treinamentos do segundo e do terceiro ano do projecto focados nas dinâmicas e programas educativos foram um sucesso a nivel participativo, mas evidenciaram de forma mais profunda as enormes dificuldades dos educadores em pensar de maneira criativa, em planejar e em utilizar metodologias diferentes e adaptadas as tantas exigências que o trabalho com os jovens impõe. Não apenas manifestaram grandes dificuldades em adotá-los, mas muitas vezes não entenderam a importância desses conceitos.

Adicionalmente havia sempre uma falta de comunicação entre os educadores. Estes não eram informados dos factos, situações e actividades que aconteceram no centro fora dos seus respectivos horários de trabalho e, conseqüentemente, não era decidida uma estrategia comum oportuna para enfrentar as ocorrências, o que geria uma falta de coerência na abordagem com os jovens. Muitas vezes ocorreu que cada educador reagisse individualmente e de modo diferente dos colegas, com metodologias próprias e nem sempre apropriadas.

Estas dificuldades derivaram sobretudo da falta de uma formação profissional dos educadores, e esta por sua vez tem causas específicas. Os critérios de escolha do pessoal dos centros foram sujeitos, por exemplo, a algumas dificuldades:

-de caracter logístico: as condições desfavoráveis das vias na área do municipio de Sambizanga fez com que se utilizasse como primeiro critério de escolha dos educadores o facto de que fossem provenientes das zonas vizinhas aos centros de acolhimento;

-de carácter económico: o valor dos salários que puderam ser pagos pelo projecto foi inferior à média da retribuição para pessoas com um diploma de educador profissional. Estes, de fato, encontraram oportunidades mais gratificantes, em organizações e empresas que ofereceram uma remuneração maior do que aquelas oferecidas em nossos centros.

O objetivo do acompanhamento educativo foi a construção da profissionalidade dos educadores no trabalho com os meninos de rua e vulneráveis. Tratou-se de construir uma idéia do educador como pessoa qualificada, capaz de contribuir para o desenvolvimento harmonioso do jovem e para a sua reinserção social. Esse acompanhamento deve contribuir para o treinamento de um educador que, através da interiorização dos valores educativos salesianos, ponha no centro do seu trabalho o bom relacionamento com os jovens e o exemplo.

Através do monitoramento das atividades quotidianas previstas no centro pretendeu-se:

- reforçar a eficácia da intervenção dos educadores nas dinâmicas conflituais, baseando-a no perfil e na história pessoal dos jovens;
- colocar em prática as noções teóricas aprendidas durante os treinamentos;
- ensinar a planejar as atividades educativas tornando o trabalho inovador, dinâmico e de acordo com as necessidades individuais dos jovens acolhidos no centro.
- favorecer e melhorar a comunicação entre os educadores de modo que estes sejam constantemente atualizados sobre os problemas e acontecimentos diários no centro, mesmo que ocorridos fora de seus respectivos horários de trabalho.

Tratou-se, portanto, de uma intervenção que, através da presença contínua e diária nos dois centros, baseada em sua organização semanal e nas atividades previstas, visou sustentar o trabalho dos educadores com a finalidade de facilitar a recuperação dos jovens acolhidos. Por meio de uma metodologia participativa, procurou-se deixar os educadores conscientes de suas escolhas ou atitudes positivas e negativas e fazê-los refletir sobre suas consequências, as dificuldades e as possíveis alternativas que podiam ser utilizadas para alcançar o mesmo resultado de maneira mais eficiente.

Em relação as necessidades iniciais e aos objetivos predefinidos, na conclusão do ano formativo se pude constatar que a intervenção dos educadores nas diversas dinâmicas que surgiram no interior dos centros foi reforçada. Cada um deles tem agora um papel específico no interior do próprio centro a fim de exercer a autonomia e responsabilidade necessárias para gerir um plano complexo de atividades. Demonstraram um empenho maior na co-divisão dos problemas, não apenas relacionados ao comportamento dos jovens acolhidos no centro, mas também em relação à equipe de educadores. Em relação ao último ano, demonstraram mais interesse em aprender metodologias e actividades novas.

Apesar de ter melhorado com o uso de algumas metodologias (encontros semanais/mensais de programação/avaliação, relatórios regulares, apresentações, etc), a comunicação entre os educadores ainda precisa ser melhorada. Alguns deles continuam a não serem informados regularmente sobre as situações quotidianas, problemas individuais e o histórico dos jovens, e/ou programas a seguir.

Com base nos resultados obtidos e nas dificuldades encontradas é, portanto, importante prosseguir com a actividade de acompanhamento "on the job" visando melhorar continuamente o trabalho diário dos educadores e reforçar os conteúdos dos treinamentos para influir de maneira efectiva na aquisição das competências por parte dos educadores, e assim na qualidade do serviço oferecido às crianças e adolescentes acolhidos pelo centro, que são os beneficiários diretos das nossas ações.

2.3. A reestruturação dos centros de acolhimento

Ao longo do projecto foram previstas obras de reabilitação para sete estruturas de acolhimento - três centros, três casas de família, uma escola de infância - a fim de criar um ambiente mais saudável para as crianças ali acolhidas e para poder aumentar quantitativamente a magnitude do acolhimento oferecido. Especificamente foram previstas obras de melhoramento dos serviços (casas de banho, cozinhas), de abastecimento de água (construção / instalação de tanques de água) e de melhoria dos ambientes internos e externos (pintura de paredes, pavimentação do pátio), a ser implementado em "autoconstrução".

A decisão de usar este método de execução dos trabalhos, deriva da possibilidade de combinar uma necessidade projectual à conceber uma oportunidade de formação. Os Salesianos de Dom Bosco de Angola, de facto, entre as muitas actividades que desenvolvem dentro de suas obras; desenvolveram em parceria com o governo, uma área técnica dedicada à construção de centros de formação profissional, em várias partes do país; centros de formação acessíveis a estudantes de diferentes extractos sociais. As reformas dos centros de acolhimento foram realizadas pelo pessoal qualificado dos Centros de Formação Profissional dos Salesianos e permitiram uma redução de custos.

As obras de reestruturação também foram realizadas de maneira a permitir a continuidade das actividades (no mínimo), nos centros ou instalações dos Salesianos disponibilizados sem a necessidade de suspender o acolhimento e, assim, afectar negativamente o processo de reintegração social de crianças acolhidas.

Os centros que foram submetidos a um trabalho de modernização foram:

Casa-Família S. Zeferino Namucurà, localizada no bairro da Boa Vista, na Lixeira. Hospeda uma média de 10 meninos.



O quintal, antes e depois da reestruturação

Escola de infância “Criança Esperança”, situada no bairro Roque, na área da Lixeira.
Acolhe todos os dias cerca 150 crianças dos 3 aos 5 anos, divididos em dois turnos.



O sistema de abastecimento de água, antes e após a reestruturação

Casa-Família São Domingos Sávio, localizado no distrito de Mabubas, na Lixeira.
Acolhe cerca de 10 crianças



Um quarto dos meninos antes e depois da reestruturação

Centro de Acolhimento “Casa Magone”, situado nel quartiere di Mota.

Acolhe uma média de 35 crianças no período noturno e 30 em regime de internato.



O tecto de um dos quartos dos meninos antes e depois da reestruturação.

Casa-Família “Casa Margarida”, situada na zona de Mota.

Acolhe 4 crianças dos 3 aos 13 anos.



Os serviços higiénicos antes e depois da reestruturação

Centro de Acolhimento "São Kizito", localizado no distrito de Campismo, na Lixeira.

Recebe de 15 à 20 meninos em regime de internato



A casa S. Kizito durante a reestruturação.

Esta estrutura não foi projectualmente inserida entre os centros a serem reabilitados. Na verdade, o projecto envolveu a renovação do CIC - Centro Infantil Comunitário - Nocturno Kutambulula e CIC- Centro Infantil Comunitário Diário - Ana Muxima. Durante a implementação do projecto, decidiu-se fazer uma grande mudança ao mesmo, devido a alterações no contexto de intervenção e posterior análise de possíveis adaptações. Os dois CIC estavam de facto localizados na área denominada Roque Santeiro, que leva o nome do mercado histórico de Luanda. Este mercado - que era um dos maiores e mais densos da África Central- foi completamente desmantelado pelo governo em Setembro de 2010, criando uma variação no contexto social do projecto. O mercado, de facto, sempre foi um dos principais pontos de encontro de crianças de rua. Além disso, o Governo decidiu demolir todas as estruturas na área residencial ao lado do mercado, onde estavam também os dois Centros em causa.

Por estas razões, o VIS e o parceiro local, após uma avaliação rigorosa do novo ambiente, decidiram, para garantir um bom impacto da intervenção e manter a eficácia de acolhimento, de reestruturar uma estrutura alternativa localizada numa área do município do Sambizanga chamado Mabubas, escolhido com cuidado pelas características favoráveis ao acolhimento, dada a sua proximidade à uma comunidade Salesiana onde há cursos de alfabetização, formação profissional, actividades desportivas organizadas e onde está também localizada uma das casas-família incluídas no projecto. Ao contrário do CIC anterior, em que o acolhimento diurno e nocturno era realizado em duas estruturas diferentes, mesmo vizinhas, a casa S.Kizito une o acolhimento diurno e nocturno num sistema de internato.

Depois da conclusão dos trabalhos, as estruturas foram reinauguradas, muitas vezes na presença de representantes da Delegação Angolana da União Europeia e da Embaixada Italiana:

- Casa-Família "São Zeferino Namucurà", 07 Maio 2011

- Creche “Criança Esperança”, 14 Junho 2011
- Casa-Familia “São Domingos Sávio”, 16 Setembro 2011
- Centro de Acolhimento “Casa Magone”, 07 Dezembro 2011
- Casa-Familia “Casa Margarida”
- Centro de Acolhimento “São Kizito”, 14 Setembro 2012



Inauguração da Casa-Familia São Domingos Sávio

Não há dúvida de que a eficácia do acolhimento melhorou também graças a ambientes mais higiênicos e, em geral, mais dignos. Essas melhorias também nos permitiram trabalhar na sensibilização das crianças para o respeito do meio ambiente que os acolhe, responsabilizando-os pelos cuidados das estruturas. Por sua vez, essa consciência tem desempenhado um papel fundamental, de acordo com as próprias crianças, no aumento da sensação de que a Casa de Acolhimento é uma verdadeira casa, demonstrando em várias ocasiões orgulho ao levarem visitantes eventuais à "descoberta" das "novidades" da própria casa.

2.4. A rede em nome das crianças em risco

Um dos objectivos do projecto era fortalecer parcerias com instituições locais e organizações que trabalham na mesma área de intervenção, nomeadamente a protecção das crianças e a reintegração social de crianças vulneráveis, para melhorar o acesso aos serviços de base a eles oferecidos.

As actividades propostas foram inseridas na óptica de actuação das políticas sociais de Angola, em particular o Plano Nacional dividido em 11 copromissos para a protecção, fortalecimento e promoção dos direitos de crianças e adolescentes¹⁹, lançado pelo Governo angolano durante o Terceiro Fórum Nacional sobre a Criança, realizado em 2007, em Luanda. Esta acção, portanto, plenamente em linha com os objectivos e a estratégia do plano formulado pelas autoridades locais com Organizações Internacionais que operam no país, foi projectado para garantir o "*direito à sobrevivência e o pleno desenvolvimento físico, emocional, psico-social, cognitivo e cultural da criança*", perseguindo o objectivo final da sua reintegração na família de origem e na sociedade²⁰.

No momento da redacção do projecto, a análise do contexto mostrou que, apesar dos esforços das autoridades locais, a maioria dos serviços sociais existentes eram entregues sem planeamento e organização compartilhadas. Isto é, faltava coordenação entre todos os agentes que trabalham no campo, e a necessária capacidade de planeamento e sinergia das autoridades locais. O projecto, portanto, pretendeu contribuir para a partilha e a cooperação entre os actores não estatais envolvidos e as autoridades locais, através de treinamentos e eventos ad hoc, baseados na eficácia reconhecida do modelo Salesiano, como uma das propostas existentes na área de recuperação e reintegração familiar e social de crianças e adolescentes em situação de risco.

Considerando os progressos feitos pelos salesianos nos últimos anos em termos de parceria com o governo (Ministério da Educação para o questão da escola, o Ministério da Administração Pública, Emprego e Segurança Social para a formação profissional e do Ministério da Saúde para a questão dos centros de saúde), foi feita uma discussão sobre a possibilidade e a necessidade de reforçar o diálogo com as instituições dedicadas à promoção e protecção da criança, especialmente com o Ministério da Assistência e Reinserção Social (Minars).

Durante a elaboração do projecto se fez a hipótese de fortalecer o trabalho em rede através da criação de um "grupo de trabalho" dedicado a temas de interesse comum, que reunisse regularmente. Analisadas, portanto, as características inerentes às autoridades competentes e organizações envolvidas nas acções de networking, foi considerado necessário desenvolver as mesmas de maneira diferente em relação à organização de reuniões mensais, durante as quais houve uma participação

¹⁹ Os "11 Compromissos" identificados pelo Governo angolano são: a esperança de vida, a segurança alimentar-nutricional, o registo de nascimento, a educação na primeira infância, a educação primária, a justiça juvenil, a prevenção e redução do impacto do HIV/SIDA nas famílias e nas crianças, prevenção e erradicação da violência contra a criança, as competências familiares, as crianças e a comunicação social, e um renovado orçamento geral do Estado.

²⁰ Já em Janeiro de 2004 o governo angolano aprovou a Estratégia de Combate à Pobreza, ECP para o quinquênio 2003-2008, pondo em evidência 10 áreas prioritárias de intervenção. A primeira da lista foi a reinserção social.

mínima. Assim, foi decidida a mudança de estratégia, criando parcerias bilaterais com cada um dos actores envolvidos, em relação à intervenção específica do mesmo.

Esses actores foram, portanto, os seguintes:

INAC (Instituto Nacional da Criança): Tem trabalhado constantemente reconhecendo e dando apoio ao modelo Salesiano de reintegração de crianças de rua, com o objectivo de garantir o direito à sobrevivência e ao desenvolvimento integral da criança, incluindo físico, emocional, psicossocial, cognitivo e cultural. Fez-se também porta-voz das necessidades do VIS e dos Salesianos perante outros órgãos de governo, participando do envolvimento de outras instituições nessa rede de actores. Alguns dos técnicos do INAC têm colaborado em numerosos actos de sensibilização das famílias envolvidas no projecto sobre o tema dos direitos das crianças, enquanto outros participaram dos cursos de formação organizados pelo VIS e os Salesianos.

ICRA (Instituto Médio de Educadores de Infância): A parceria com o ICRA permitiu que os alunos deste Instituto fizessem um estágio em nossos centros de acolhimento para crianças e adolescentes de rua, bem como participar dos módulos de formação oferecidos durante o curso do projecto.

DNIC (Departamento Nacional de Investigação Criminal): o VIS estabeleceu uma parceria com o Departamento de Prevenção à Justiça Juvenil da DNIC, que esteve envolvido na facilitação da implementação do projecto no que diz respeito à localização das famílias e responsabilização das famílias em relação às crianças.

PASTORAL DA CRIANÇA: Participou na realização de actividades de sensibilização das famílias e na formação dos professores das creches em apoio às mães chefes de família vulneráveis, na detecção de novas prioridades de acção, na partilha das melhores práticas e na distribuição de materiais.

DELEGAÇÃO PROVINCIAL DA JUSTIÇA: Colaborou no sentido de facilitar o processo de documentação (registro de nascimento e bilhete de identidade) das crianças dos centros, e não só.

4ª Conservatória: A parceria criada permitiu-nos completar, durante o projecto, o registo de nascimento de todas as crianças que tinham perdido os documentos pessoais e que vivem nos Centros salesianos.

UNICEF participou neste projecto apoiando na formação de técnicos, na troca de experiências, bem como no apoio ao trabalho feito nas casas de família, alternativa estratégica de recepção e reintegração na sociedade, o que também poderia ser replicado com a categoria de crianças em conflito com a lei.

MAPESS (Ministério da Administração Pública, Emprego e Segurança Social): tem colaborado e apoiado a implementação do projecto na orientação técnica e metodológica, proporcionando uma subvenção total do Centro Integral de Formação Profissional Kala-Kala;

MINEDU (Ministério da Educação) tem trabalhado e apoiado na alfabetização nas escolas primárias que as crianças dos centros frequentam.

CIES (ONG italiana) e Samusocial Internacional (ONG francesa), ambas ONGs que trabalham em áreas similares de intervenção. A colaboração é baseada em torno da partilha e organização conjunta

de momentos de formação, sobre a recolha e troca de dados, sobre a criação de estratégias conjuntas para criar relações mais efectivas com as instituições locais. Também trabalharam para evitar a duplicação de actividades semelhantes fornecidas por vários projectos e, pelo contrário, para organizar o trabalho de modo que todos pudessem oferecer um serviço eficaz e único.

ARNALDO JANSEN E CENTRO CENTRO IR. Domingas: estes centros que oferecem serviços de acolhimento para crianças e adolescentes de rua, foram envolvidos nas actividades de formação do pessoal técnico, bem como na troca de informações sobre casos específicos de crianças que muitas vezes se deslocam de um centro para o outro .

MINARS (Ministério da Assistência e Reinserção Social): Temos de sublinhar que com esse parceiro a comparação tem sido particularmente difícil. O VIS e os Salesianos têm procurado estreitar ainda mais a conexão, tanto a nível institucional como operacional, mas é evidente que é necessário continuar a reforçar este diálogo, tanto a nível Municipal quanto Provincial. Os resultados esperados através da nossa parceria com este interlocutor - fundamental para o trabalho de reintegração social de crianças de rua - devem continuar a ser perseguidos no futuro, para dar continuidade à acção em nome das crianças em risco.

3. Um encontro importante

No dia 20 de Maio de 2012, o presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso, durante a sua missão oficial a Angola, visitou a Escola Dom Bosco na Lixeira, juntamente com a Ministra da Planificação e Desenvolvimento Sr.a Ana Dias Lourenço. De todos os projectos financiados pela Comissão Europeia em Angola, o presidente decidiu visitar o projecto implementado pelo VIS e os Salesianos, como testemunho do reconhecimento que a própria União Europeia tem para com o trabalho feito em favor das crianças vulneráveis.

O encontro foi caracterizado por uma atmosfera de diversão e amizade, e da proximidade dos alunos da escola, da banda Dom Bosco, do grupo de capoeira e das crianças dos centros de Mota e Lixeira.

Acolhido pelas acrobacias do grupo de capoeira, o Presidente Barroso se entreteve num diálogo com os alunos de uma turma da escola, para depois subir para o andar superior, onde a banda o recebeu com as notas do Hino da Alegria, acompanhado pelo som do piano.



O diretor da escola, o Padre Santiago Christophensen, deu as boas-vindas oficiais ao Presidente Barroso, com as palavras de Dom Bosco "tristeza e melancolia fora da minha casa", salientando que este é o espírito com que os Salesianos na Lixeira estão ao serviço dos "últimos".

O Presidente Barroso expressou a sua gratidão pela calorosa recepção, ressaltou a importância de projectos de educação global, como aqueles que os salesianos de Dom Bosco e o VIS estão a desenvolver há muitos anos com a ajuda da União Europeia.

O encontro mais emocionante foi, certamente, aquele com as ex crianças de rua agora alojadas nos centros de acolhimento nos distritos de Mota e Lixeira, com quem o presidente brincou, e dos quais ele recebeu de presente uma peça, fruto do trabalho deles, o "Pensador" símbolo de Angola, e para os quais ele disse palavras de encorajamento para um futuro cheio de sucesso. Em particular, ele ouviu uma música cantada pelos meninos, que foi escrita por P. Roberto para selar a história do renascimento das crianças recebidas nos centros, que diz assim: "Este é o nosso barco, sempre há um lugar, aos que estão lá fora vamos convidar. Nosso futuro bonito será, se nos empenharmos a vitória chegará." No fim, sublinhou que o barco é um símbolo de transição, que marca a passagem de uma vida difícil, a vida na rua, ao caminho para uma nova vida, e parabenizou pela escolha importante que estas crianças têm sido capazes de empreender.

Por sua vez, as crianças viveram este momento um pouco desorientados; mesmo que tivessem percebido a importância da pessoa que os visitava, eles se sentiram inibidos pelas inúmeras câmeras e pela multidão de pessoas que acompanhavam o Presidente, mas eles reagiram com inocência e naturalidade exemplar, gratidão e felicidade.



4. Conclusões

O modelo Salesiano de reintegração social de crianças de rua aqui descrito, definido de maneira clara e orgânica graças ao projecto "Fortalecimento da Rede de Protecção social das Crianças e dos Adolescentes mais vulneráveis e marginalizados de Luanda - Municipio do Sambizanga", certamente não é o único possível, nem o único na área, mas tem características únicas que garantiram a apreciação e o apoio das instituições locais.

Alguns destes elementos de singularidade foram definidos depois de se ter trabalhado de maneira auto-crítica, analisando as dificuldades e pontos fracos identificados na tentativa de intervir para melhorá-los e, assim, aumentar o nível de eficácia da intervenção.

Um exemplo pode vir da formação dos educadores. No início do projecto, houve dificuldade em modificar uma metodologia de formação típica do contexto, que prevê a participação do público em módulos centrados em temas específicos, tratados muitas vezes de maneira demasiado didáctica e pouco dinâmica. Por conseguinte, numa primeira fase, tentou-se fazer com que os encontros de formação fossem mais práticos e participativos, de modo a garantir a transmissão não apenas de conceitos técnicos, mas também de ferramentas práticas que os educadores pudessem utilizar imediatamente no trabalho em contacto com as crianças vulneráveis. Apercebemo-nos no entanto, que mesmo este passo requeria um acompanhamento maior. Foi a partir desta análise que se desenvolveu de maneira estruturada e contínua o acompanhamento no trabalho (on the job), do qual falamos nos capítulos anteriores.

Outra exclusividade do modelo salesiano é o trabalho em rede entre os diferentes actores envolvidos no processo de recuperação e a oferta que deste provém, que acompanha o menino, da rua até a sua verdadeira reintegração na sociedade, oferecendo estruturas ideais, de acordo a faixa etária.

Esta análise auto-crítica tem sido possível graças a um contínuo monitoramento das actividades do projecto, com foco na realização dos resultados esperados e realizado graças à ferramentas criadas pela equipe VIS local. Para além disso, o monitoramento também é apoiado pela equipe VIS em Roma, bem como por avaliadores externos, recomendado pela Delegação da União Europeia em Angola. De facto, em fevereiro de 2012, perto do início do terceiro ano do projecto, a Doutora Angela Tonini, brasileira, avaliadora externa da União Europeia, realizou uma avaliação contínua ROM (results oriented monitoring - Monitoramento orientado aos resultados), que durou uma semana, com o objectivo de analisar em detalhe a relevância, eficiência, eficácia, impacto e sustentabilidade do projecto.

“O projecto é muito relevante, ao reforçar a rede de serviços de assistência e protecção das crianças e adolescentes vulneráveis e as suas famílias desenvolvida pelos Salesianos de Dom Bosco, abrindo-lhes melhores oportunidades educativas, formativas, culturais, recreativas e profissionalizantes visando à sua reinserção social. O projecto contribui para o cumprimento dos 11 Compromissos para a Criança assumidos pelo Governo Central de Angola em 2007 ...”, sublinhou a avaliadora no seu report final.

Certamente a visão auto-crítica da intervenção também destacou algumas das dificuldades e limitações que, como mencionado nos capítulos anteriores, foram tomadas em conta na definição da projectação sucessiva.

Primeiro obstáculo encontrado foi a dificuldade de contratar um psicólogo no local, devido à falta de pessoas qualificadas neste campo e à relutância dos poucos psicólogos profissionais encontrados, em trabalhar numa das áreas mais difíceis da cidade. Este facto criou dificuldades na implementação das actividades do projecto relacionadas ao acompanhamento psicológico das crianças acolhidas e também dos educadores que estão em contacto diário com eles.

Outra limitação que tem sido repetidamente apontada é a falta de propostas concretas para a reintegração de crianças de rua com mais de 15 anos de idade. De acordo com os regulamentos internos dos vários Centros Salesianos, o limite de idade para iniciar um processo de reintegração são 15 anos. Infelizmente, as ruas de Luanda são habitadas por muitos adolescentes e jovens adultos que podem ter perdido a oportunidade de mudar quando eram mais jovens e terem atingido uma consciência e um desejo de renascimento tarde demais. O termo "tarde demais" soa como uma brincadeira aos ouvidos de quem luta para que haja oportunidades para aqueles que estão decididos a mudar de vida. Não deveria haver o termo "tarde demais", mas ao mesmo tempo não podemos colocar em risco o sucesso da intervenção a favor das crianças para favorecer os mais velhos. É necessário que sejamos capazes de criar uma oferta de formação e recuperação especificamente para este grupo alvo, sem a necessidade de se fundir os grupos de pequenos e grandes num caminho comum que faria com que fosse inevitável que um dos dois grupos desistisse.

Podemos dizer que o projecto teve um impacto significativo no fortalecimento dos serviços e de resposta para a protecção das crianças de rua em Luanda, mas querendo olhar para o "*optimum*", temos ainda muito caminho a percorrer. O objectivo que se definiu a nível interno, é o de adaptar mais e mais a intervenção às características específicas de cada menino acolhido, aos seus interesses, as suas necessidades, aos seus talentos, pensando assim numa rede de serviços a disposição de uma programação personalizada. Esta mudança terá necessariamente que superar algumas dinâmicas internas, bem como alguns limites estruturais e geográficos. Os centros do município do Sambizanga, por exemplo, estão divididos entre duas paróquias diferentes, ou seja, Mota e Lixeira que, apesar do trabalho em rede, têm características de gestão e dimensões distintas e terão de se uniformizar na coordenação dos serviços.

Em conclusão, gostaríamos de fazer nossa a reflexão do P. Filiberto Rodriguez, Inspetor Salesiano em Angola, um grande defensor da causa das crianças de rua, ele que é o primeiro que adora passar as quentes noites angolanas a visitar os "seus meninos", aqueles jovens forçados a ganhar a vida na rua, que ele trata como filhos amados, aqueles aos quais são reservadas atenções mais profundas, aqueles dos quais todo pai ficaria orgulhoso:

“Se cada um de nos tivesse um bocadinho mais de sentido social, se os nossos investimentos fossem mais virados para a prevenção e a educação, lamentaríamos menos os problemas da juventude e

mesmo economicamente, não gastaríamos tanto a tentar recuperar pessoas que se fossem bem educadas, seriam a glória da nação.

A acção de toda a sociedade contribui para que tudo isto seja possível, porque na verdade, todos somos um pouco responsáveis. Muita gente tem muita dificuldade em aceitar que estas pessoas são o fruto de condições e situações das quais eles não são culpados, mas è nosso dever entender que, enquanto homens, todos temos a mesma dignidade, e ninguém é superior a outro.”

4.1. Perspectivas para o futuro

Como já mencionado, o monitoramento contínuo, a avaliação crítica da evolução do projecto e a constante reflexão sobre o futuro, deu vida a uma projectualidade que tinha, na sua fase de elaboração, e irá ter, na sua fase de implementação, a tarefa de continuar a trabalhar em prol das crianças de rua. Um projecto trienal novo, escrito no início de 2012 e aprovado pela Delegação da União Europeia em Angola, começou em fevereiro de 2013.

"A Estrada para a Vida: de Cidadãos de Rua à Cidadãos Responsáveis" é uma acção integrada de reintegração social e profissional de crianças, adolescentes e jovens de rua, com base no protagonismo dos jovens e no fortalecimento do diálogo institucional.

Terá o objectivo de contribuir para a promoção dos processos de igualdade e inclusão social e para a melhoria das condições de vida dos grupos vulneráveis da sociedade angolana, com uma atenção particular aos jovens de rua (maiores de 15 anos), garantindo também a eles uma oportunidade de uma vida nova.

Anexo1

PLANO DE LOCALIZAÇÃO E REINTEGRAÇÃO FAMILIAR

OBJECTIVO GERAL:

Reinsere os meninos acolhidos nos centros de acolhimento salesianos em suas famílias de origem (alargada).

OBJECTIVOS ESPECIFICOS:

1. Voltar a encontrar os familiares e relacionar-se com eles.
2. Sensibilizar a família no seu papel de responsável e educador do menino e em seus deveres de protecção e cuidado .
3. Reconhecer por parte da família a mudança do menino, fruto do caminho feito e por em acto um comportamento em linha com a nova realidade do rapaz.
4. Para o menino, criar novamente os laços afectivos, de confiança e aceitação da família.

RESULTADOS:

1. Localizadas as famílias
2. Reinsere os meninos nas famílias de origem (alargada)
3. Criado um percurso de acompanhamento/ sensibilização da família e do menino acerca de suas responsabilidades e direitos.
4. Criado um percurso de monitoria para verificar a eficácia da reinserção.
5. Melhorados os instrumentos operativos para o sucesso global do percurso.
6. Envolvidas as instituições locais dedicadas ao suporte e tutela da iniciativa.

ACTIVIDADES:

1. LOCALIZAÇÃO:

- a. Reconstruir a historia do menino com base nas informações por ele fornecidas.
- b. Em presença das condições adaptas (decididas pelo educador/coordenador e pelo menino) proceder à localização das famílias.
- c. Entender, no dialogo com as famílias, as condições que levaram ao afastamento/fuga do menino
- d. Analisar as reacções do menino e da família para entender as dinâmicas relacionais implícitas e explicitadas.
- e. Recolher os dados pessoais e documentos do menino.
- f. Com base nas informações recolhidas, analisar a possibilidade de começar o percurso de reinserção.

2. PERCURSO PARA A REINserÇÃO:

- a. Convidar a família para visitar o centro e o menino com cadencia regular, organizando as visitas com encontros em presença do coordenador e com momentos pessoais entre a família e o menino.
- b. Reinsereir parcialmente o menino durante finais de semana ou períodos de ferias (onde avalia-se possível) e avaliar a resposta ao contexto e à relação novamente estabelecida.
- c. Realizar um conjunto de encontros, para as famílias, de sensibilização acerca de temas relacionados com a dimensão familiar e social.
- d. Acompanhar os meninos encaminhando-os para os centros de formação profissional de Kala Kala e Cabiri, continuando a construir a relação com a família.

3. REINserÇÃO:

- a. Dependendo da resposta da família e do menino ao percurso de reinsereção, decidir o momento de reinsereção definitivo do menino.
- b. Acompanhar periodicamente a família reunida, para facilitar a gestão das relações e das actividades diárias do menino (documentos, escola, roupa...)
- c. Monitorar as dinâmicas familiares reconstruídas e renovadas.
- d. Encontrar famílias alternativas que possam acolher meninos que, a causa de sua historia passada, dos motivos de sua saída de casa ou da reacção da família, não podem ser reinsereidos em suas famílias de origem.

METODOLOGIA:

O processo é realizado através de um trabalho de equipe e espera-se seja apoiado pela intervenção das instituições públicas competentes (INAC, MINARS, etc.).

INSTRUMENTOS OPERATIVOS:

- Ficha com dados sensíveis do menino
- Documento para a monitoria da família durante e depois a reinsereção
- Carta de compromisso da família assinada, no momento da reinsereção, pela família, pelo menino, pelo coordenador do centro e pelas instituições que acompanham o processo.

Anexo II

Caro/a educador/a,

este questionário tem como objectivo a compreensão das necessidades formativas dos educadores dos centros de acolhimento dos meninos de rua e das casas famílias Salesianas no Município de Sambizanga (bairros de Lixeira e Mota).

Todas as informações recolhidas com estas perguntas vão contribuir para organizar os cursos de formação pelos educadores que trabalham nestes centros.

A formação dos educadores, ademais de ser a base do plano educativo salesiano, está também prevista pelo projecto “Fortalecimento da rede de protecção social das crianças e dos adolescentes mais vulneráveis e marginalizados de Luanda” que se propõe de melhorar as condições de vida dos jovens que frequentam as casas famílias e os centros de acolhimento salesianos nos bairros da Lixeira e Mota.

Este questionário è totalmente anónimo. Não há resposta certa ou errada, todas as informações recolhidas serão úteis e importantes para compreender as vossas exigências. Por esta razão te pedimos de expressar com liberdade suas ideias e considerações.

Muito obrigado pela sua colaboração e contribuição.

Estamos a sua disposição para esclarecer qualquer duvida ou pergunta.

Saudações cordiais.

Equipe VIS e Salesianos

QUESTIONÁRIO

1. Há quanto tempo trabalha na casa família ou no centro de acolhimento em Sambizanga?
2. Qual è o seu papel dentro da casa ou centro? (alfabetizador, educador social, ed. desportivo, etc.)
3. Qual è seu nível de educação? Que diplomas tem e em que disciplina?
4. Quantos cursos de formação ou actualização frequentaram desde que trabalha com os Salesianos?
5. Quais os temas tratados nestas formações?
6. Você está interessado em participar em novos cursos de formação? Sim Não
7. Se você respondeu sim à pergunta anterior, sobre quais temas queria ser formado? Faz a lista dos temas que lhe interessam:

a. _____

b. _____

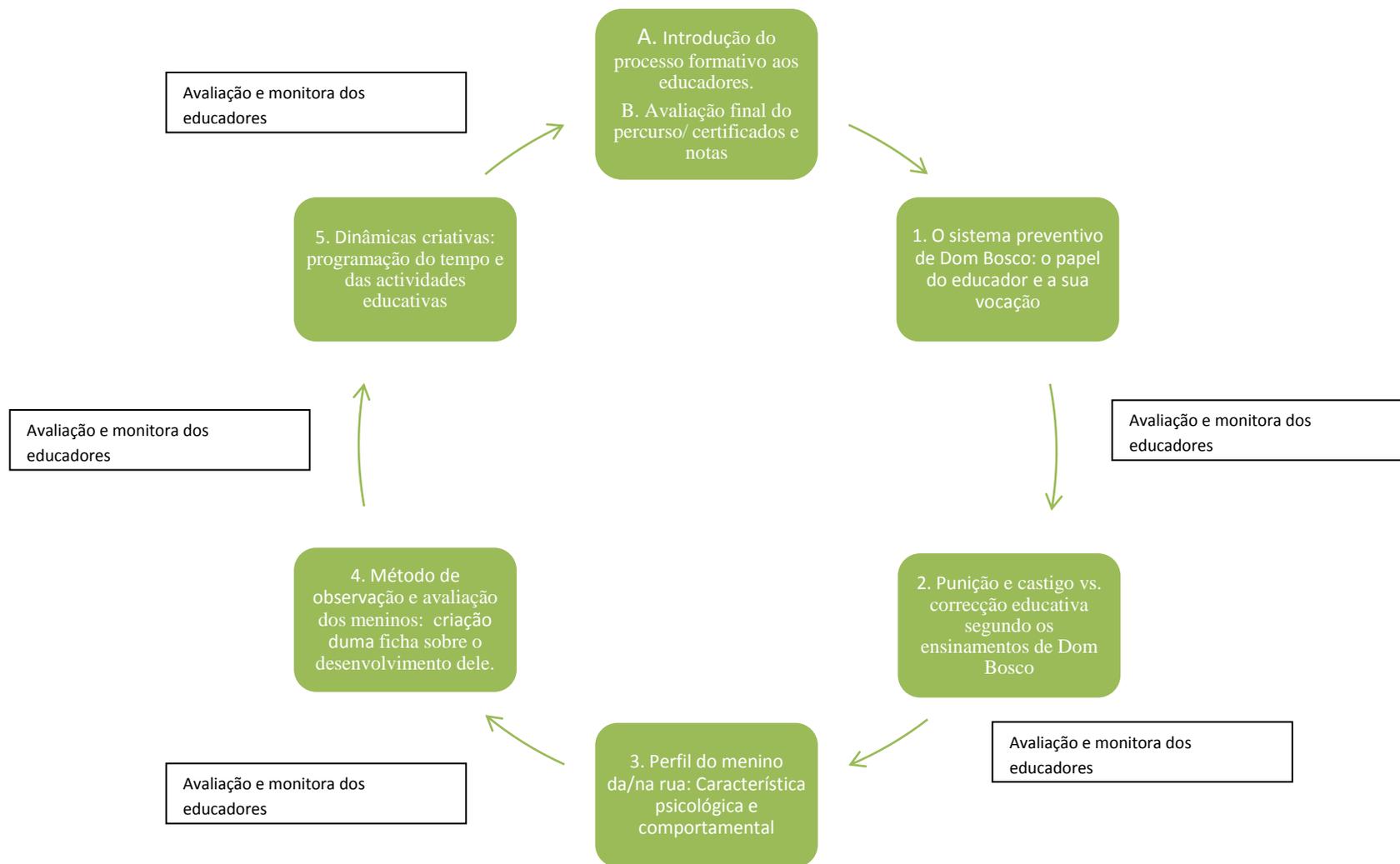
c. _____

d. _____

e. _____

8. Em que período do ano e do dia seria mais fácil para você participar na formação?

Anexo III: Esquema da formação para os educadores/animadores ano 2011



Anexo IV: Esquema da formação para os educadores/animadores ano 2012

